

PENTHOUSE

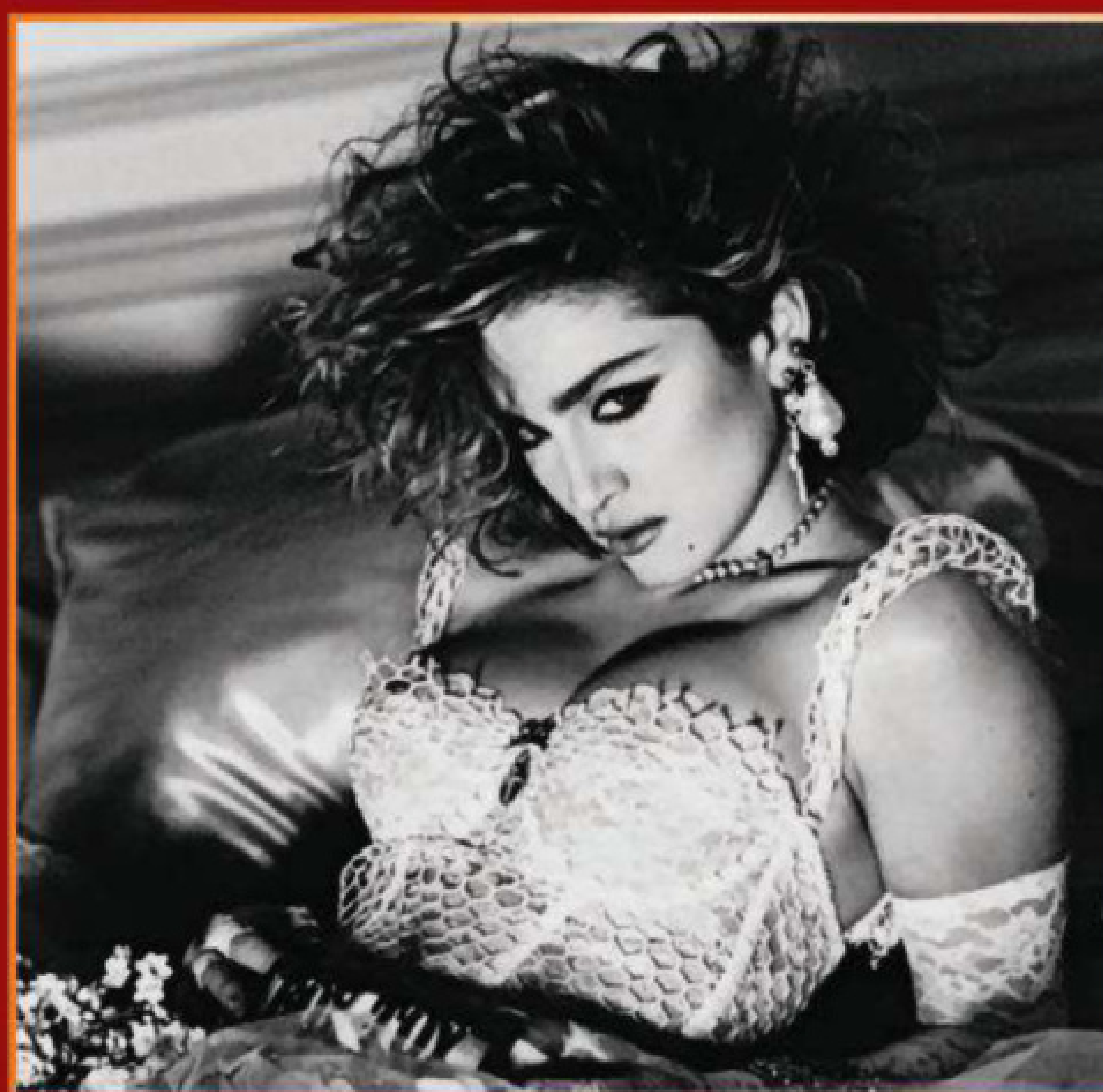
www.penthouse.pt

LIFE ON TOP 

Vintage²

EDIÇÃO LIMITADA
ESPECIAL COLECCIONADORES

98
PÁGINAS DE
FOTOGRAFIAS
SENSUAIS



M A D O N N A

O PRIMEIRO NU INTEGRAL DA RAINHA DA POP

JENNA JAMESON • VANESSA WILLIAMS • PEDRO BOUCHERIE MENDES
ZÉ PEDRO DOS XUTOS • OS LOUCOS ANOS 80



**COPAS OU
ESPADAS?**

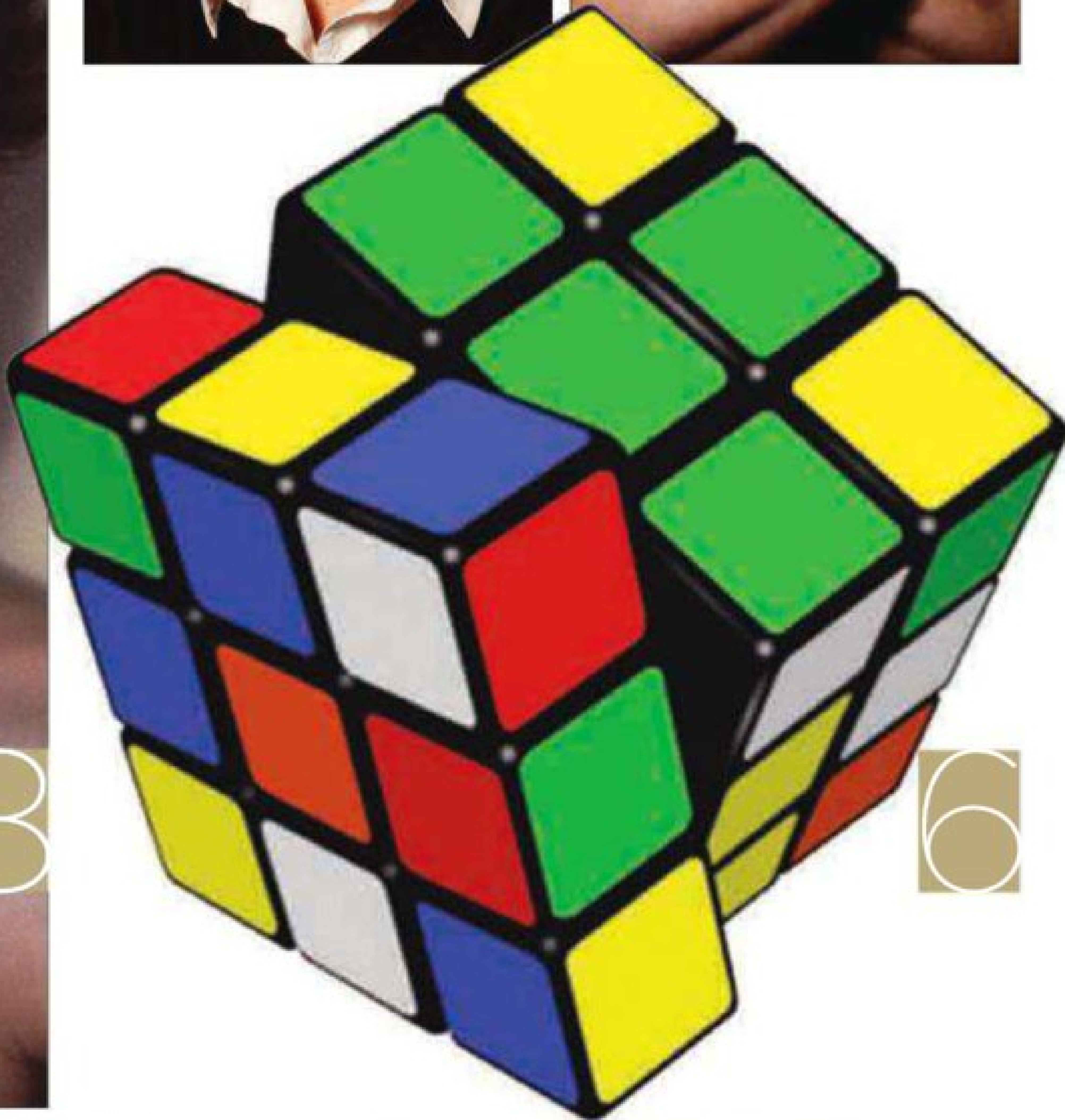
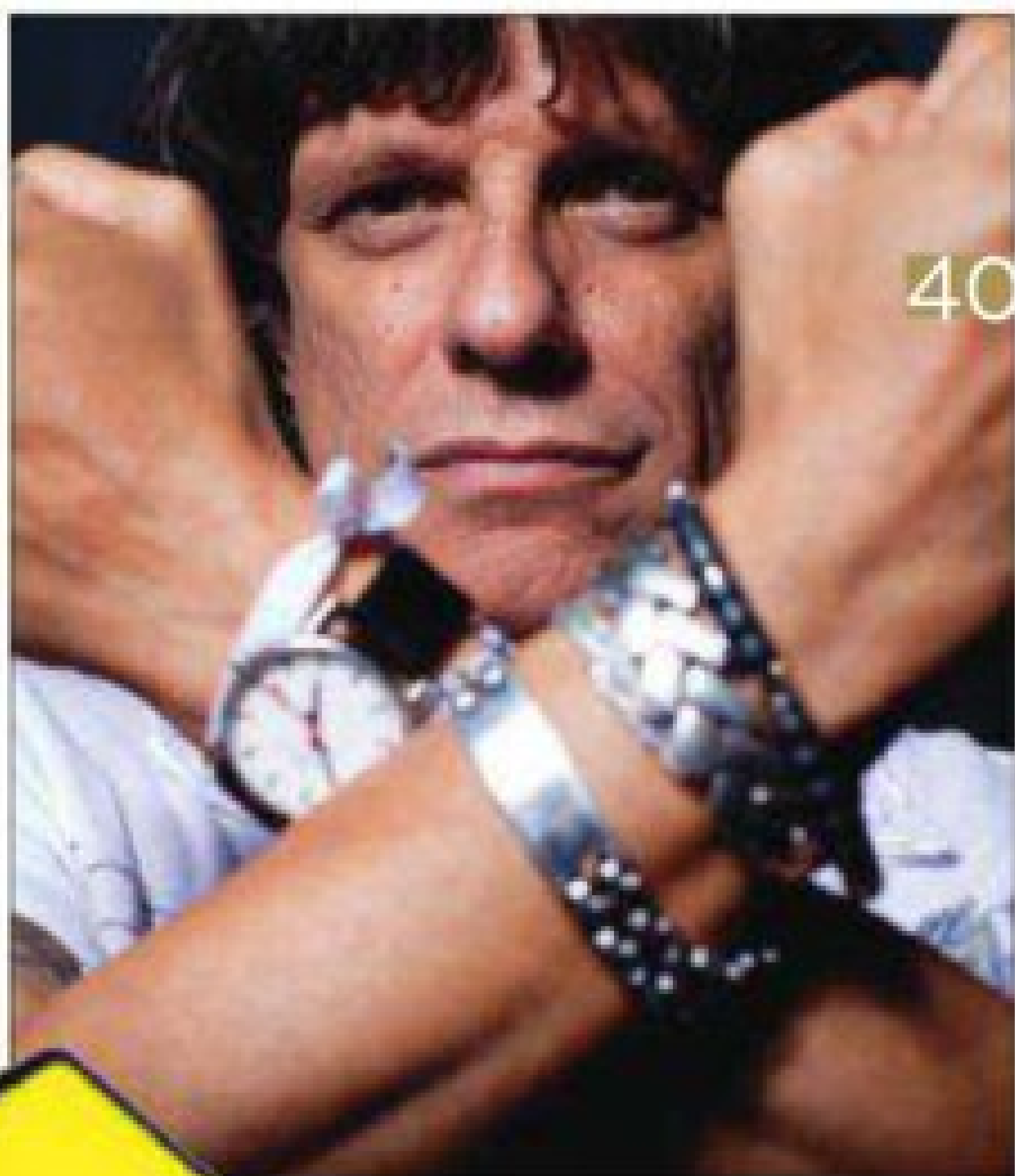
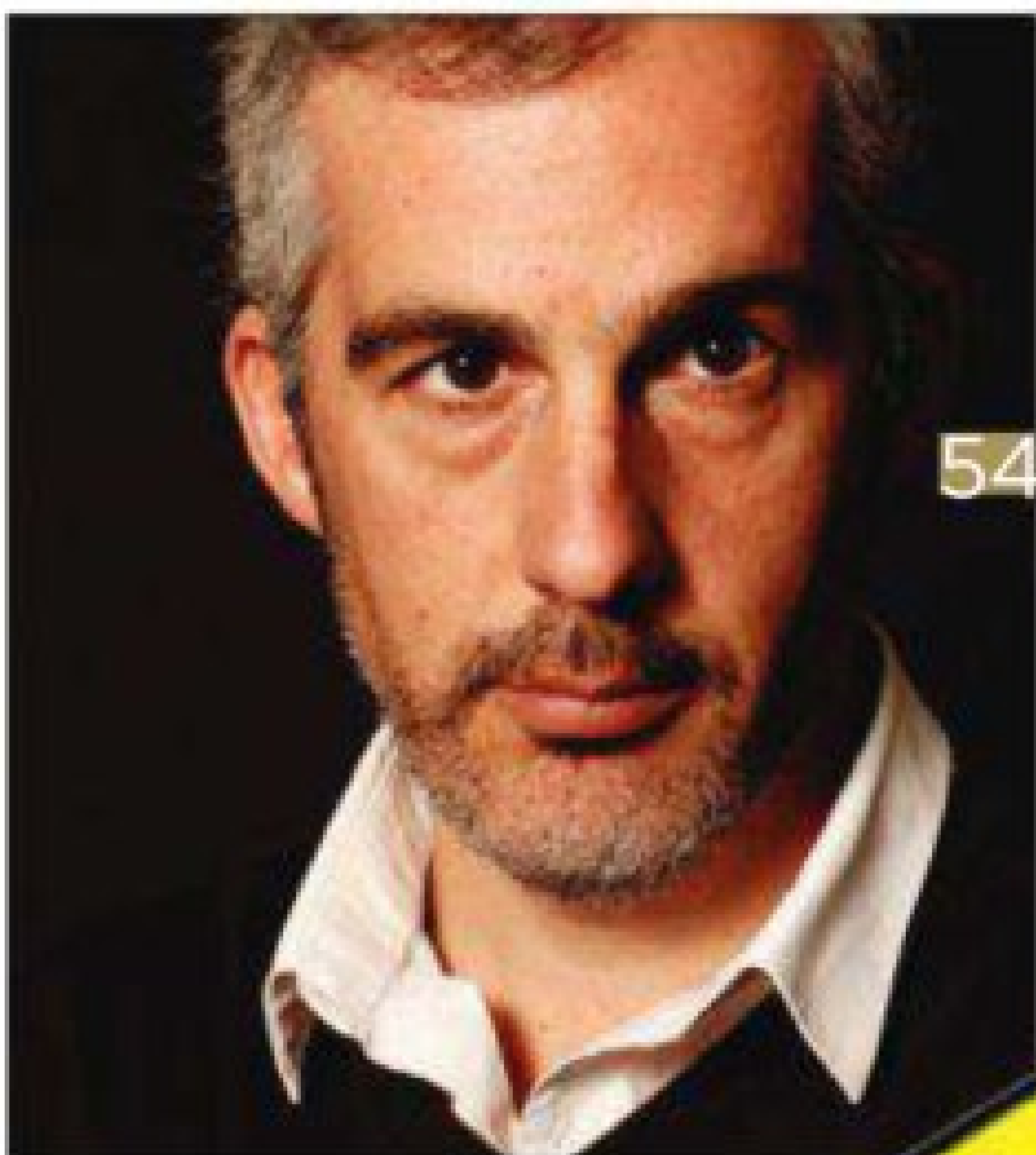
bet-at-home
.com

LIFE IS A GAME!

Escolha em www.bet-at-home.com

EVENTOS DESPORTIVOS - CASINO - JOGOS - POKER

Release: StoreMags & FantaMag



ENSAIOS	
18	Miss Vanessa Vanessa Williams
30	Rainha Jenna Jenna Jameson
46	Virar a página Stephanie Page
58	Madonna Madonna
74	Orgulho canadiano Lee Ann Lee
88	Brandy mel Brandy Ledford

BEST OF	
6	Os marcos Os pequenos e grandes acontecimentos
12	Carros Os automóveis clássicos
14	Cinema erótico Os filmes mais picantes
16	Jogos Do velhinho spectrum
66	Mulheres As que nos faziam sonhar

ARTIGOS	
26	Regresso ao Passado A primeira revista masculina
40	Entrevista Falámos com Zé Pedro dos Xutos e Pontapés
54	Eu sobrevivi Crónica de Pedro Boucherie Mendes
82	Mato grosso A história dos pêlos púbicos
98	12 razões Para lembrar os anos 80

O TEMPO CORRE



JOSÉ MASCARENHAS
Director

Lembro-me bem dos anos 80. Da lentidão e fraca qualidade dos *Spectrum*. De ficar horas à espera de ouvir uma música no rádio para a gravar no leitor de cassetes. A falta de destreza de dedos fazia com que nunca tivesse o início da música e o fim era sempre cortado com a voz do locutor de rádio. De atender o telefone lá de casa. De marcar hora para ligar a um amigo. Dos péssimos - muito maus mesmo - programas que a RTP tinha. Olhando com a distância própria que só o tempo consegue dar, foi uma altura péssima. E não por falta de *Ipad's* ou telemóveis capazes de sincronizar as contas de *email*. Porque era mesmo má. Foi chata. Não havia tanta informação. Nos fins-de-semana não acontecia nada e nos dias de semana ainda menos. A moda - que agora está novamente de volta às prateleiras da *Zara* - era enfadonha. As coisas boas dos anos 80, como a música do Michael Jackson ou dos Pet Shop Boys, só começaram a aparecer em Portugal nos anos 90, e os bons filmes de Hollywood no virar do século. Foi uma terra de ninguém. Estranhamente, é a altura que toda a gente fala. Que dá saudades. A **Madonna** estava ainda a começar. Não é por acidente que a temos na revista, nua, numa sessão fotográfica da altura, apenas um ano depois de gravar o *Like a Virgin*. Foi e é um ícone, que se conseguiu ir transformando e adaptando ao que ia acontecendo. Assim como nós conseguimos agora adaptar-nos às novas tecnologias. À informação na ponta dos dedos. A carros melhores e mais rápidos. A tudo de bom que agora há e na altura não havia. Talvez por essa razão, por termos vivido nesse tempo, podemos agora, com toda a nossa história, olhar e sentir saudades. Talvez de um tempo mais simples, talvez de um tempo lá atrás. A verdade é que estamos melhor agora e continuamos a gostar dos anos 80. Talvez por isso seja tão especial.

A pensar nisso fizemos esta edição extra, especial de colecionador. Para recordar esse tempo. Para não o deixar lá atrás e trazê-lo, página a página, para o nosso tempo. Espero que gostem.

EDIÇÃO PORTUGUESA PROPRIETÁRIA/EDITORA

Hotpublishing, Lda
NPC: 509 508 561
CAPITAL SOCIAL € 5.000
Composição do capital Social:
Filmes Hotgold S.A. - 80%
Filmes Unimundos II S.A. - 20%
GERÊNCIA
António Santos, Graça Santos
Sede:
Rua Rodrigues Sampaio,
nº21 - 5ªA 1150-278 Lisboa
tel:211954 657 fax: 211 954 642
e-mail: geral@hotpublishing.pt

EDITORIAL

Publisher
João Costa
jcosta@hotpublishing.pt
Director
José Mascarenhas
jmascarenhas@hotpublishing.pt
Editor
Basílio Santos
bsantos@hotpublishing.pt
Jornalista
André Filipe Pereira
afpereira@hotpublishing.pt
Revisão
Alexandra Pereira
ARTE
Director de Arte
Jorge Guimarães
design@hotpublishing.pt

CRONISTA

Pedro Bucherie Mendes

COLABORADORES

Bob Guccione, Carlos Santos,
Carl Wachter, Tom Chiapel, Raquel
Wise

PUBLICIDADE

comercial@hotpublishing.pt

IMPRESSÃO

SOGAPAL
Soc. Gráfica da Paiã, S.A.
R. Mário Castelhana, Queluz de
Baixo, 2730-120 Barcarena

DISTRIBUIÇÃO

LOGISTA PUBLICAÇÕES, S.A.
Expansão da Área Industrial do
Passil, Lote 1 - A Palhavã
2890 Alcochete

TIRAGEM

15.000
Depósito Legal nº 317850/10
Registo da ERC com o nº 125986

PENTHOUSE

LIFE ON TOP

Founded March 1965

General Media Communications Inc. (U.S. edition)

INTERNATIONAL EDITIONS

President, Licensing & Publishing: James Sullivan (U.S.A.)
Manager, International Publishing: Monica Kirby (U.S.A.)
Tel: +1 212 702-6188; Fax: +1 212 702-6262
Australia, Germany, Greece, Netherlands, New Zealand, Spain, Thailand

EDITORIAL AND ADVERTISING OFFICES

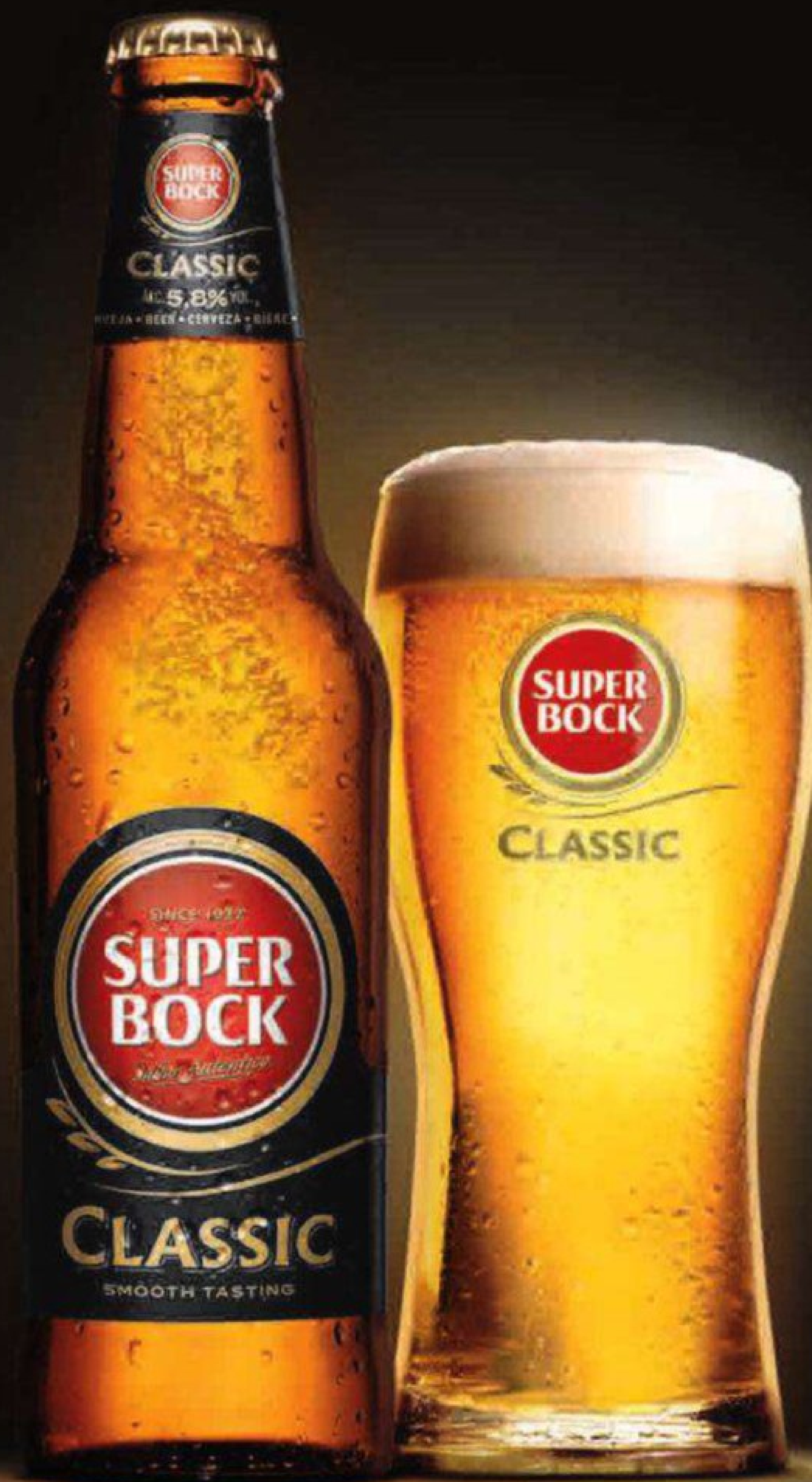
USA: 20 Broad Street, 14th Floor, New York, N.Y. 10005
Tel: +1 212 702-6000, Fax: +1 212 702-6262
Internet: <http://www.penthouse.com>
<http://www.penthousemagazine.com>

"In collaboration with General Media Communications, Inc., Penthouse, Pet, Pet of the Month, Pet of the Year, and related designs, the One Key Logo and the Three Key Logo are trademarks of General Media Communications, Inc. and used by permission."

Copyright © [YEAR of first publication] General Media Communications, Inc. All rights reserved. Portions are reprinted by Permission of General Media Communications, Inc., original copyrights [YEAR OR YEARS of such portions]. No part of this publication may be reproduced in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise or stored in any retrieval system without the written permission of the copyright holder and the publishers.



Uma novidade que já é Vintage



SUPER BOCK CLASSIC

O que é bom é para sempre

Release: StoreMags & FantaMag

superbock.pt

Seja responsável. Beba com moderação.

Best of Anos 80

Os anos oitenta ficaram marcados por importantes acontecimentos em diversas áreas. Da Música à Televisão, do Desporto ao Vestuário, decidimos recuar trinta anos e lembrar o que de melhor se fez. Ou, pelo menos, aquilo que temos gosto em recordar. Entre na máquina do tempo, aperte o cinto e prepare-se para a viagem

VHS

Com o surgimento do vídeo, toda a gente começou a gravar filmes e jogos de futebol a torto e a direito. Foram os tempos áureos dos clubes de vídeo. Muitos leitores devem ter uma prateleira cheia de VHS sem saber o que lhes fazer.



Flippers

As máquinas de *flippers* eram presença obrigatória em qualquer salão de jogos e não serviam apenas para jogar. Estas máquinas também tinham uma função de engate, visto que era mais fácil impressionar miúdas enquanto se jogava *flippers* do que jogos com naves. Era cool.



Calimero

Alerta às gerações recentes: o Calimero não é nem nunca foi o namorado da abelha Maia. Tudo isso não passa de um mito. O Calimero era um desenho animado que simbolizava a injustiça. Aliás, os putos choramingas eram Calimeros. *Porca miséria!*

Michael Jackson

O *Rei da Pop* iniciou o seu reinado na década de setenta, mas foi em 1982 que lançou *Thriller*, o hit que o colocou no mundo dos imortais. Ainda hoje, o *videoclip* é visto como uma obra-prima. É que aquilo metia mesmo medo!



Amoreiras

Foi o primeiro centro comercial de grandes dimensões a ser construído em Portugal. Arquitectado por outro grande ícone da década de oitenta, Tomás Taveira, este centro comercial trouxe polémica e modernidade ao país.



Space Shuttle

O primeiro voo do *Space Shuttle* foi um marco científico a que ninguém passou ao lado. Não havia adolescente que não tivesse um póster ou um porta-chaves com a imagem deste vaivém espacial.



Bom-Bokas

As Bom-Bokas eram as guloseimas da altura. Uma espécie de claras em castelo com cobertura de chocolate a que ninguém resistia. Até o *slogan* se tornou moda: "Bom-Bokas? Só há estas e são para mim."

Pirolito

Estas gasosas tinham a particularidade de trazer um berlinde dentro da garrafa. É verdade. Na altura, a ASAE não existia e podia-se fazer o que se quisesse. Mas isto não durou muito e a fábrica de Castelo de Vide fechou.



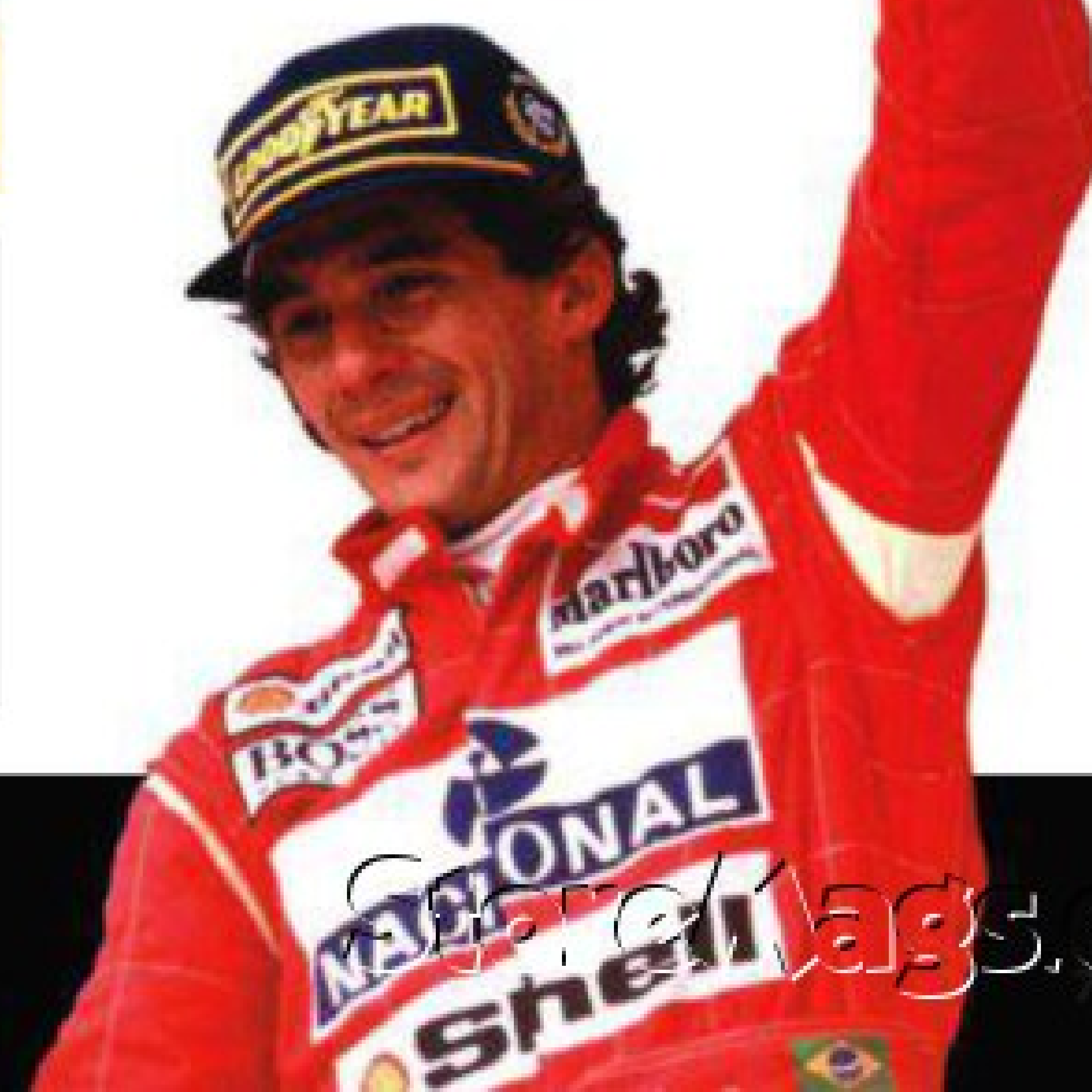
Ayrton Senna

O maior piloto da década conquistou a sua primeira vitória em Portugal, no Grande Prémio do Estoril, em 1985. O seu capacete amarelo era inconfundível e a sua simpatia e forma de estar no desporto únicas. Um exemplo de classe e de humildade.



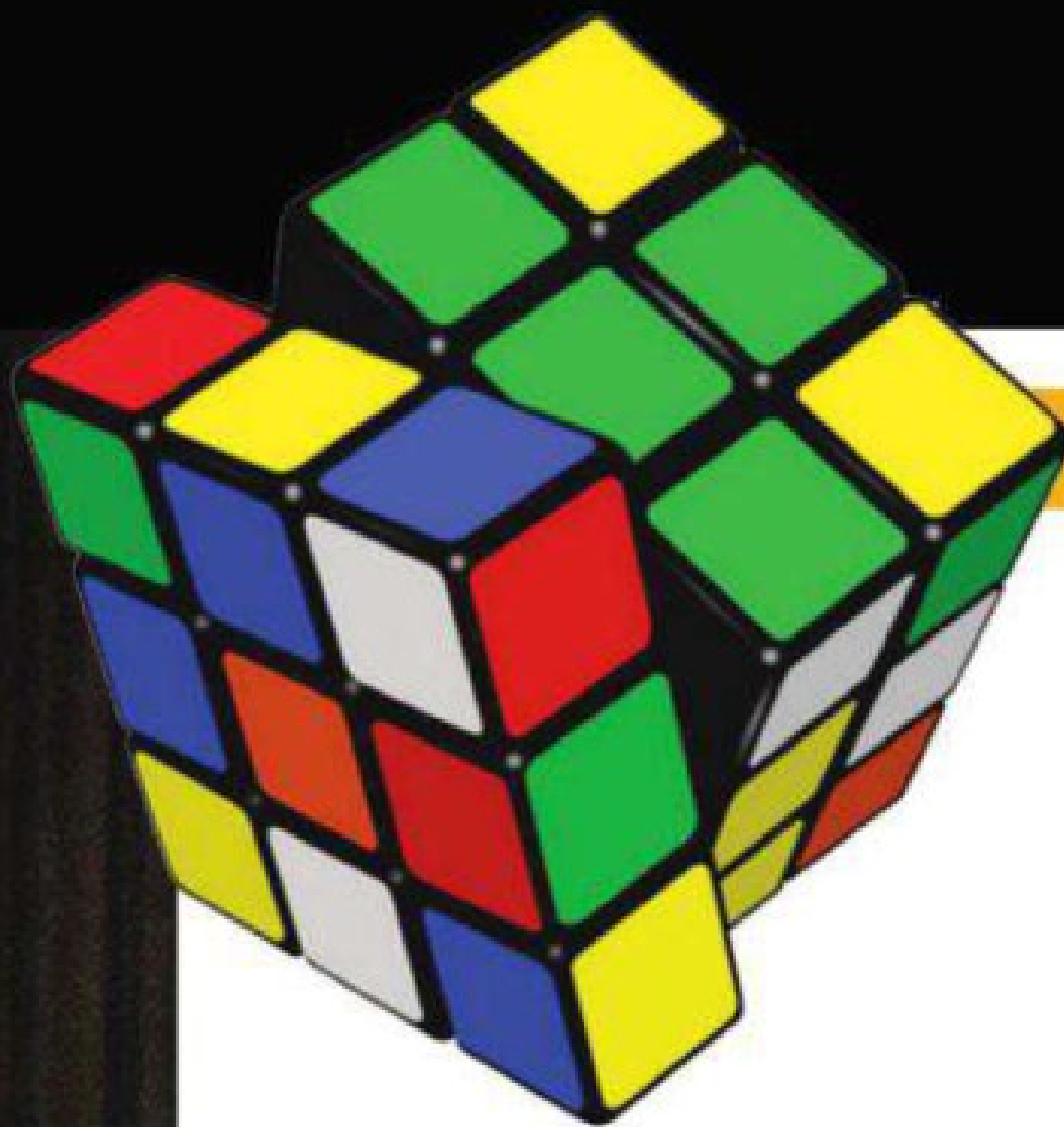
Telefone de disco

Houve um tempo em que os telefones serviam apenas... para telefonar. Parece estranho, mas era esta a realidade. Não havia cá *sms* nem *mms*. Nesses tempos, ter telefone em casa era, ainda, sinal de um determinado *status* social. E o barulho que aquilo fazia a marcar os números?



Princesa Diana

Diana era um ícone de moda, um ideal de beleza e um exemplo de caridade. Mas tinha uma estranha atracção por desastres: as minas terrestres em África, o túnel em Paris e o príncipe Carlos, com quem havia casado em 1981, num dos mais importantes acontecimentos da década.



Cubo Mágico

O Cubo Mágico, também conhecido como Cubo de Rubik, foi e continua a ser um enorme sucesso por todo o mundo, com mais de 900 milhões de unidades vendidas. Por cá, até o mítico Júlio Isidro, no seu programa *Passeio dos Alegres*, tinha uma prova com este cubo.

Meias com raquetes

Sinal de estilo ou de pirosice? Tudo depende dos tempos e, antigamente, quem não tinha umas meias destas não era um verdadeiro homem. Eram lendárias, eram únicas... Eram, simplesmente, meias. E isso fez delas um marco incontornável na História têxtil. Ainda hoje andam por aí, mas já ninguém as quer usar.



Conan, o rapaz do futuro



A série passava-se no futuro (em 2008, vejam bem!) e tinha como protagonista Conan, um rapaz de 11 anos. Esta série animada era verdadeiramente genial e fazia com que rapazes e raparigas abandonassem tudo o que estivessem a fazer para ir para casa ver.

Euro 84 - França

O nosso sentimento de inferioridade em relação aos franceses (devido à nossa comunidade emigrante) era enorme. Encontrá-los nas meias-finais era um desejo de vingança. Infelizmente, Platini eliminou-nos com um golo nos últimos minutos do prolongamento. Terminou em choradeira.



Ioiô

Houve uma altura em que todos os putos tinham um ioiô. E a verdade é que andar com isto para cima e para baixo dava uma certa sensação de controlo e também de rebeldia. Porém, o sucesso não foi o esperado e o ioiô não voltou a subir.



Discos

Os discos eram o formato que havia na altura. Não havia cá cds e muito menos *ipods*. E ainda bem. Apesar de ser mais difícil de transportar, andar com um disco destes

debaixo do braço tinha muito mais estilo do que se pensa. A sensação de “carregar” a própria música era algo que se perdeu completamente nos dias de hoje.

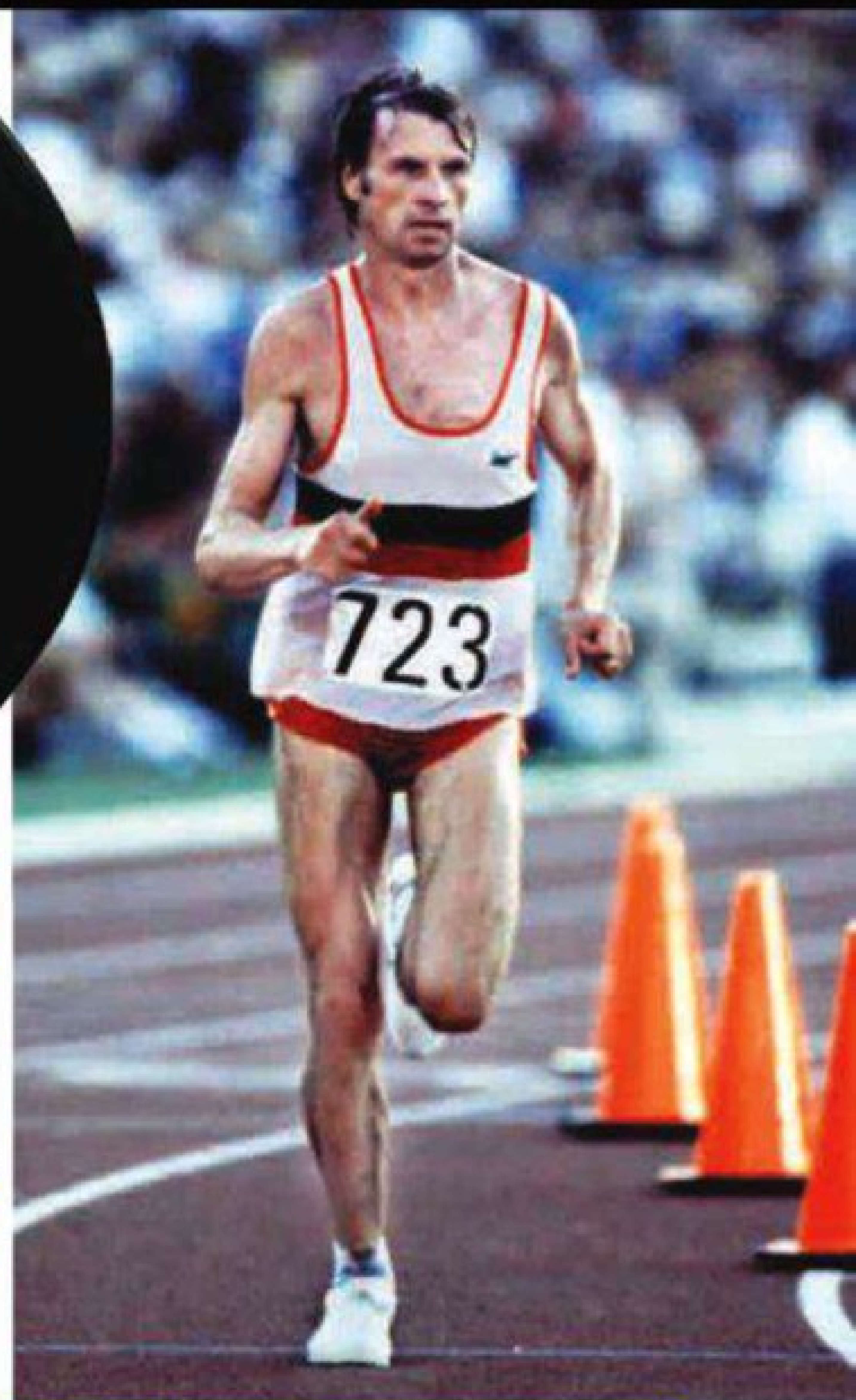
Bota Botilde



Quem não se lembra da famosa mascote do mítico programa 1,2,3? Para além de estar na televisão, a Bota Botilde estava em todo o tipo de *merchandising*. Até se chegava a fazer competições de Bota Botilde e Limão. Lembra-se? Aquilo era um vírus.

Relógio Casio

Foram os primeiros relógios digitais e, nos anos oitenta, estavam nos pulsos de toda a gente. Mesmo sendo um bocadinho foleiros, a euforia que se gerou à volta dos Casio foi tanta que ainda hoje há muitos a usarem-nos com orgulho.



Carlos Lopes

Em Agosto de 1984, Carlos Lopes estava a treinar na Segunda Circular quando foi atropelado. Hospital? Não, Vila Olímpica de Los Angeles. Cortou a meta em primeiro, conquistando a primeira medalha de ouro olímpica para Portugal. Este feito colocou o país nos píncaros do desporto mundial.

Sanjo

Não havia miúdo que não sonhasse em ter uns ténis Sanjo. Esta marca portuguesa, de São João da Madeira, era um símbolo de estilo. Aliás, actualmente, não deve haver nenhuma marca tão *cool* como esta era na época. Como curiosidade, a Sanjo patrocinava a equipa de basquetebol do Sanjoanense.



Incêndio do Chiado

Em 1988 teve lugar em Lisboa um dos acontecimentos mais trágicos do nosso país. Em pleno Verão, o incêndio do Chiado atingiu o coração da cidade e arrasou lojas, escritórios e vários edifícios do século XVIII. Uma triste memória a fechar a década.



México 86

Vinte anos depois do *Inglaterra 66*, regressámos aos mundiais no México. Vencemos a Inglaterra e perdemos contra Marrocos e Polónia. O caso

Saltilho (referente a prémios de jogos) foi tema constante de conversas, bem como o polémico lance da *mão de Deus* de Diego Maradona.



Walkman

O *Walkman* foi lançado em 1979 pelo japonês Akio Morita e revolucionou a forma de ouvir música. Pela primeira vez, podíamos fazê-lo em qualquer lado e com muita classe. Na rua, no autocarro, nas aulas e sem incomodar ninguém. Até em casa utilizávamos o *walkman*.

Doc Martens

Esta marca conseguiu entrar de tal forma no vestuário civil que não havia adolescente que não quisesse umas *Doc Martens*. O único problema era o preço! Esta marca era tão transversal que conseguia calçar *punks* e *skinheads*. É obra, não é? E continuam tão actuais como nunca.



Michael Jordan

O melhor basquetebolista de todos os tempos espalhou magia nas décadas de oitenta e noventa. O camisola 23 dos Chicago Bulls unia raça,

velocidade, força, talento e competitividade excessiva, características que o colocam no trono do desporto mundial. Jordan, we loved his game.



Subbuteo

O cheiro da relva, as fintas, os passes, os remates e as faltas. Tudo estava na ponta dos dedos. O pior era quando os bonecos levavam uma pisadela e ficavam com as pernas partidas. A tristeza invadia-nos o coração, mas logo a fita-cola remediava tudo.



Queda do Muro de Berlim

O muro de Berlim era o símbolo da divisão entre o Capitalismo e o Comunismo, o ponto máximo da rivalidade entre estas duas potências. A

queda do muro, em Novembro de 1989, marcou o fim da Guerra Fria e o início de uma nova ordem mundial. Por cá, ficou tudo na mesma.





PASS ON  THE SPIRIT

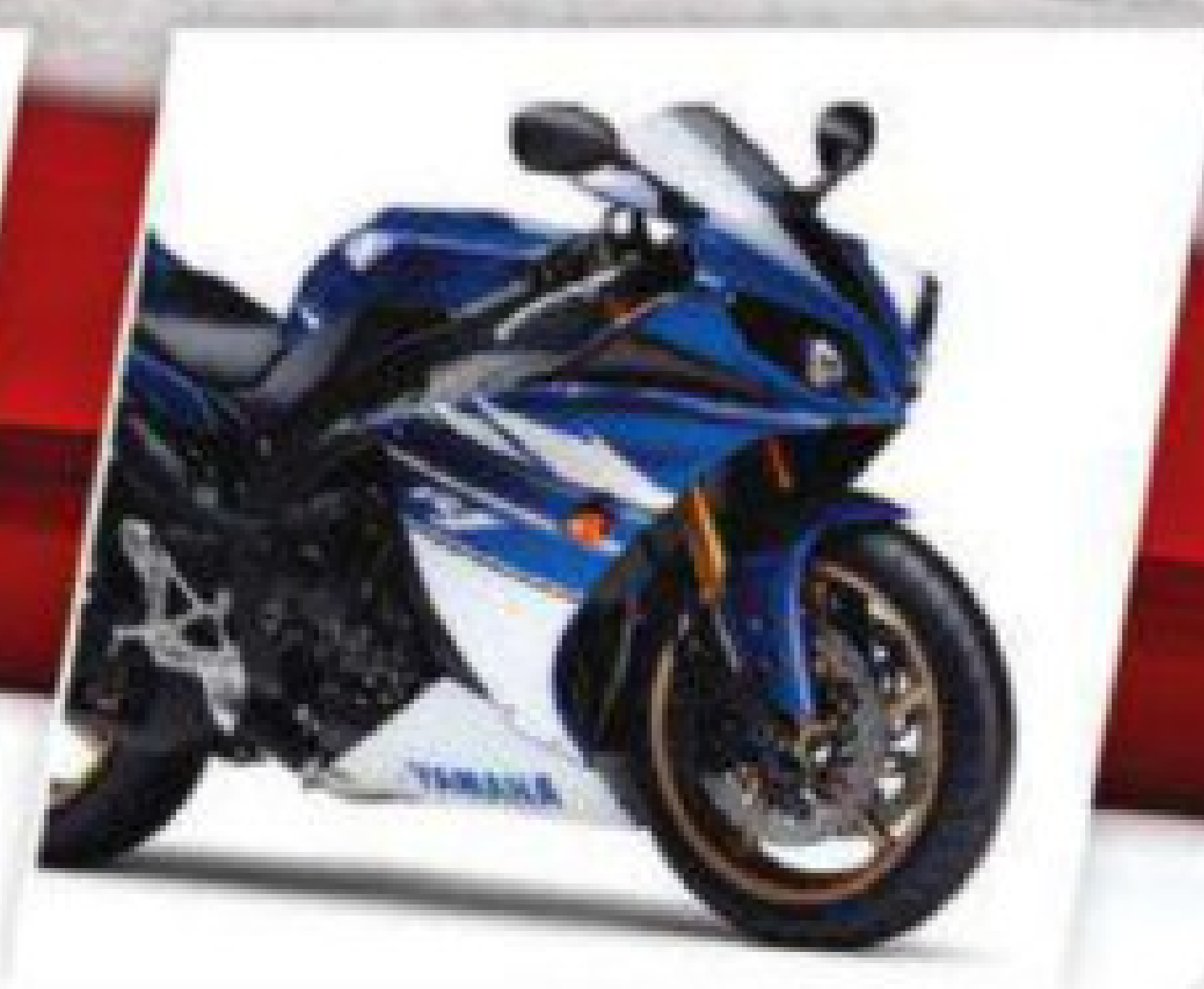
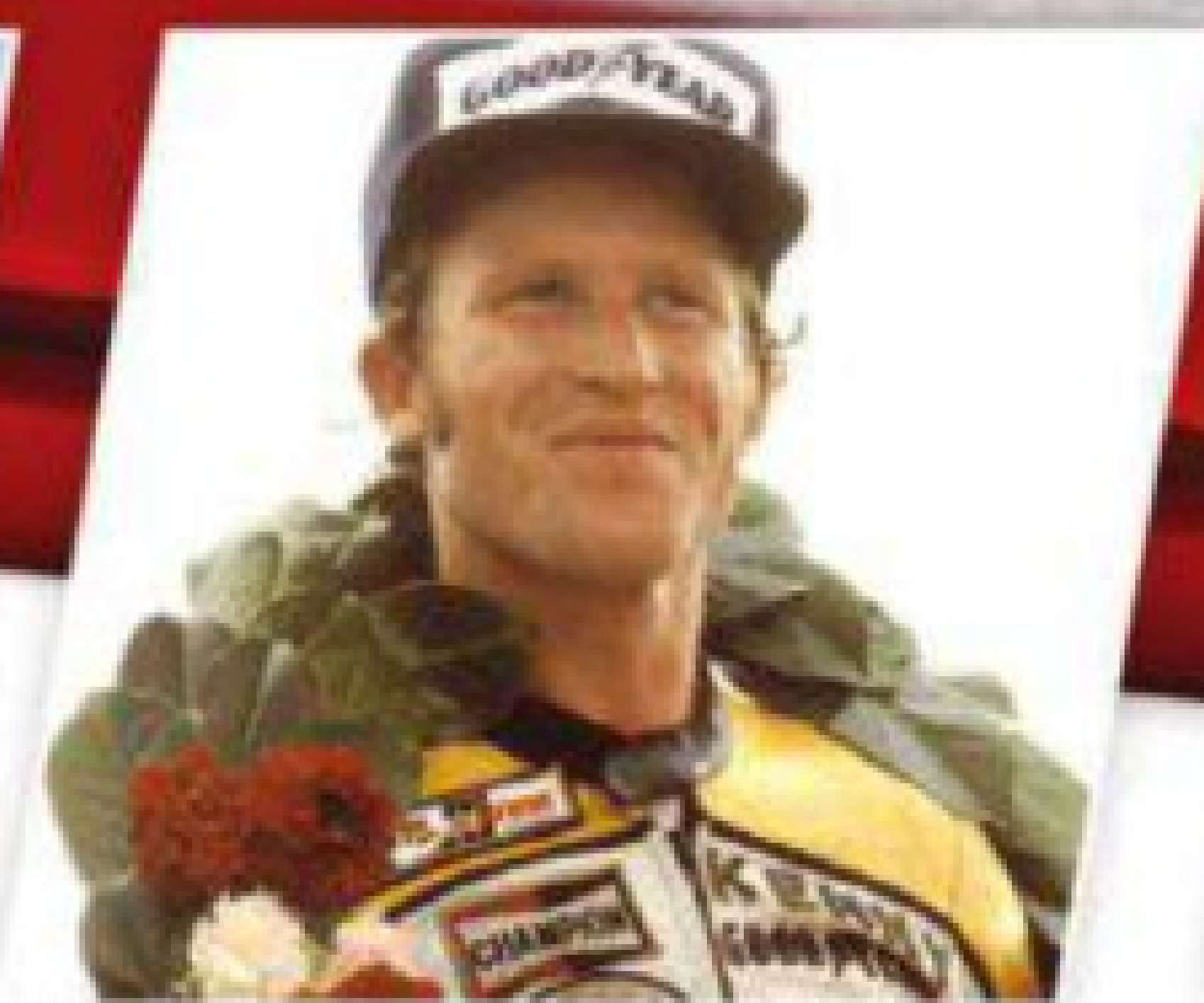
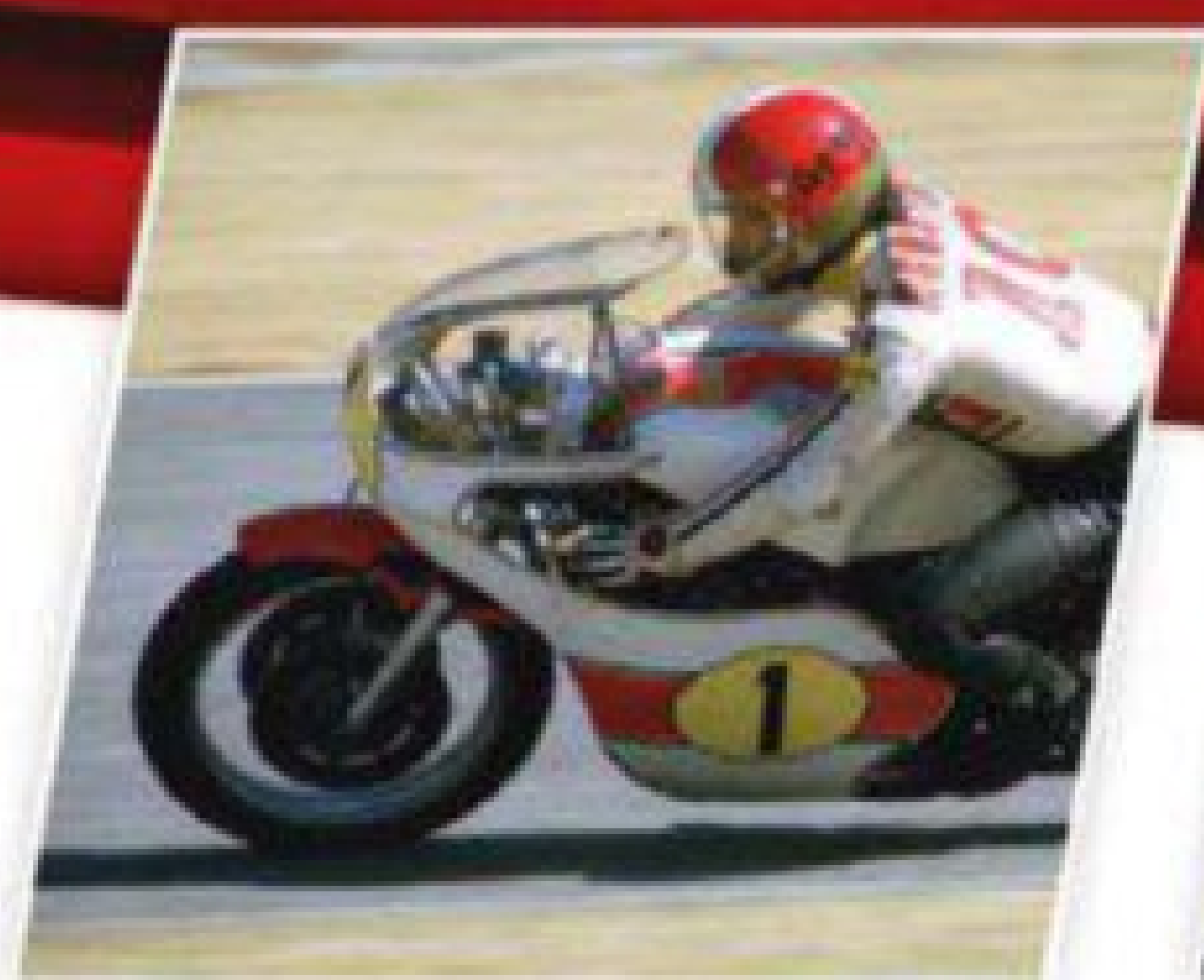


RD56

1964 - Phil Read

YZR-M1

2011 - Jorge Lorenzo



O ano de 2011 é um marco histórico para todos aqueles que acompanham e admiram a YAMAHA. Há exactamente cinquenta anos atrás, foi com ousadia que demos os primeiros passos nas corridas Grand Prix e esse desporto passou a ocupar um lugar nos nossos corações - e a fazer parte de nós - desde esse momento. Para além de todo o entusiasmo vivido em pista de corrida, o nosso desejo de ganhar e de entreter ajudou-nos a aperfeiçoar novas tecnologias que colocamos directamente nas suas mãos para melhorar a sua experiência de condução. Competimos para que você possa desfrutar do nosso sucesso de várias formas! Apesar de termos alcançado 37 títulos Grand Prix e mais de 450 vitórias, o nosso desejo de sermos os melhores continua mais forte do que nunca. Os nossos engenheiros, pilotos e fãs foram cruciais nos nossos 50 anos de história e esperamos que continue a apoiar-nos, sabendo que iremos empenhar-nos em oferecer o mesmo nível de qualidade e inovação no futuro. Por isso, visite o seu concessionário YAMAHA local e faça parte do espírito YAMAHA!

Ferro velho

Nos últimos 30 anos, a estética automóvel sofreu uma revolução maior que as camisas do Herman José. Mas para melhor! Deixaram de ser rectos e ganharam curvas. Estes são os exemplos dos carros que mais se viam nas estradas nacionais. Enfim, os Ferrari só se encontravam à porta das fábricas de calçado. No Norte, é claro

Peugeot 205

Para tristeza de muitas pessoas (vá, de algumas), o Peugeot continua a ser o único sítio onde o leão mostra a sua raça. E o modelo 205 foi um óptimo exemplo disso. De raça, de potência e de facilidade na condução. Tudo características que levaram a revista *Car Magazine* a elegê-lo, em 1990, como o carro da década. Um prémio mais que merecido.



Opel Corsa

O Opel Corsa era um carro bastante fiável e com excelente valor de mercado. Quem se quisesse desfazer do seu Corsa (havia muito poucas razões para isso), ainda ganhava um bom dinheiro com ele. Era um carro bastante cumpridor e certo, não só em viagens curtas, como também em viagens de longo curso. Foi lançado para o mercado em 1983, curiosamente no mesmo ano que este aqui do lado, o Fiat Uno.



Renault 5

O Renault 5 foi lançado nos inícios de 1972 e cedo revolucionou o mercado automóvel. Apesar de ser um carro bastante pequeno, qualquer pessoa se sentia bastante bem lá dentro. Era muito confortável e trazia uma lufada de mobilidade à nova geração citadina que então estava a surgir. O seu tamanho tinha ainda outra vantagem: fazia com que encaixasse facilmente no mais pequeno espaço.

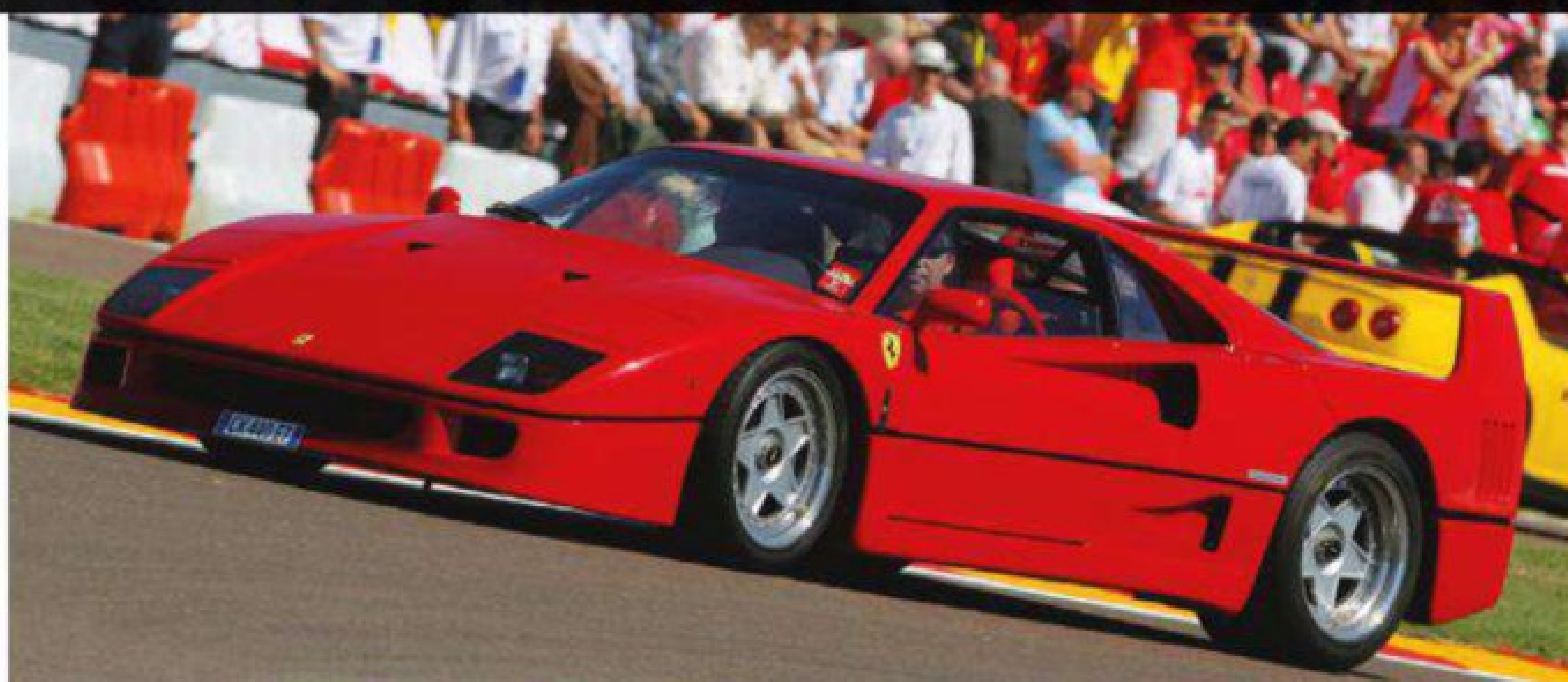
Fiat Uno

Se hoje em dia toda a gente tem um telemóvel, aqui há uns anos toda a gente tinha um Fiat Uno. Era uma espécie de praga, mas das boas. Era baratíssimo e respondia bem às necessidades do condutor (ou da condutora - ou até mesmo dos dois, no banco de trás). Como curiosidade, também era, e ainda é, o carro mais fácil de assaltar.



Lancia Delta

O carro ideal para quem tinha o pé pesado. Não era de estranhar, até porque as suas características permitiam isso mesmo. O Lancia Delta era o FC Porto dos ralis, mas com uma vantagem no campo da seriedade: no Rali não havia árbitros. Apesar de tudo, o carro consumia bastante, tornando-se no automóvel preferido dos accionistas da Galp.



Ferrari F40

Se a Carlsberg é, “provavelmente, a melhor cerveja do mundo”, o Ferrari F40 é, provavelmente, o carro mais mítico do mundo.

Quem nunca sonhou em conduzir esta bomba? Todos nós certamente, mas em Portugal havia uns poucos que conseguiam

satisfazer esse sonho com outros modelos Ferrari. Sim, porque bastava fazer a A1 rumo ao Porto para se ser ultrapassado por um ou dois.

Lancia Y10

Este automóvel italiano era o carro preferido das meninas. O ar moderno e “pequenito” faziam dele o companheiro perfeito para passear, trabalhar e até para ir às compras. Claro que os homens também podiam conduzir este carro, mas era pouco viril. Verdade seja dita, o *tablier* era um dos mais completos e arrumados que se podiam encontrar. E nós sabemos como as meninas gostam de arrumação.



Ford Fiesta

O emblemático Ford Fiesta foi lançado para o mercado no final do Verão de 1983 e, rapidamente, se tornou num dos carros mais vendidos em todo o mundo. Era bastante económico e raramente avariava, duas características que o faziam competir directamente com o Renault 5 e o Fiat Uno. O Ford Fiesta era uma bela máquina.



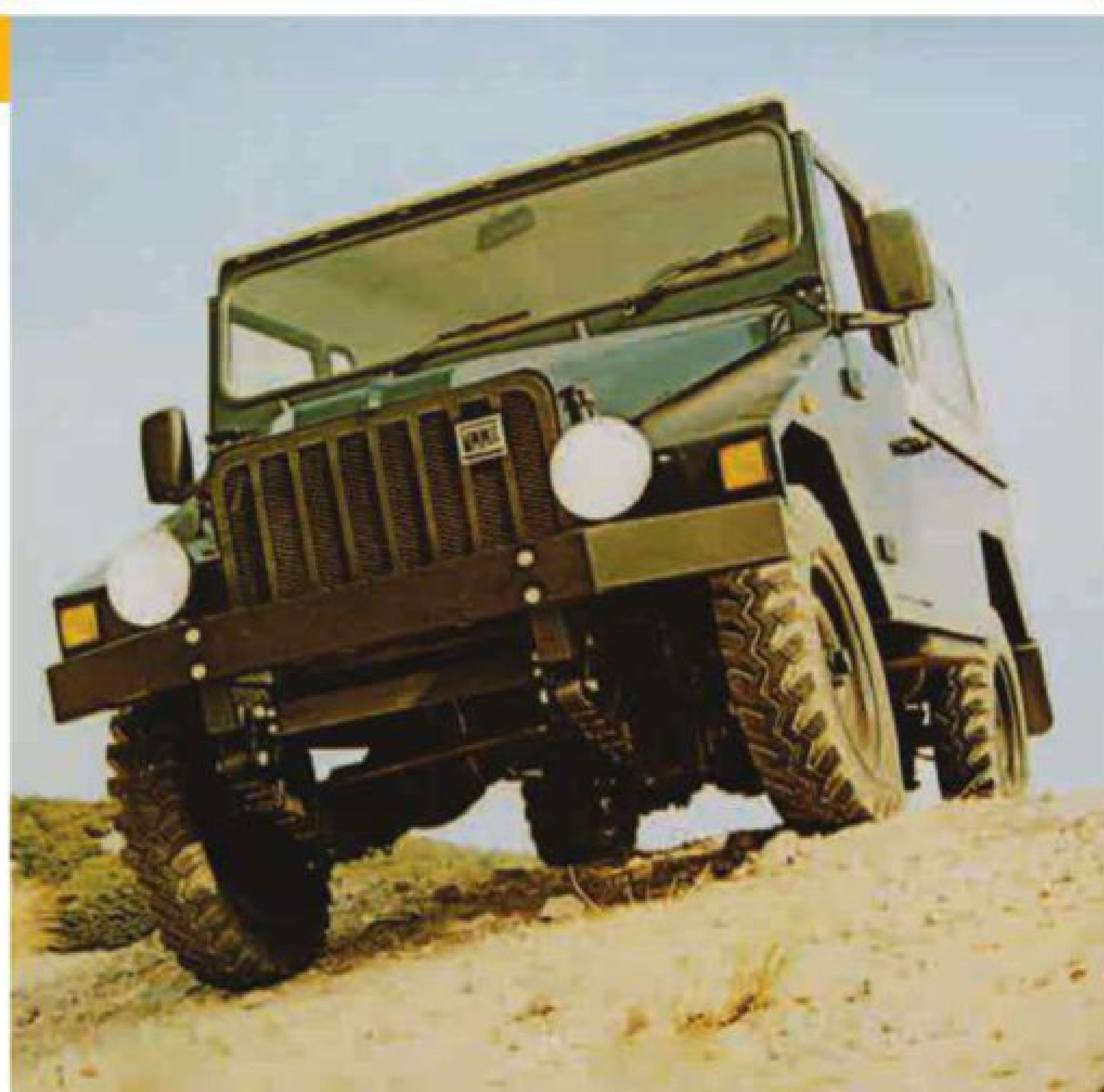
Honda Civic

Mesmo não sendo um carro desportivo, o Honda Civic era o carro que mais se aproximava dessa modalidade. As suas linhas predominantemente horizontais e a sua proximidade ao chão colocavam este carro no patamar de quem gostava de sentir de perto o ferver da estrada. Esta gama teve bastante sucesso aqui há uns anos e ainda hoje se mantém viva a paixão por ela.



UMM

Lembra-se dos jipes da UMM? A União Metal-Mecânica (UMM) era uma empresa metalúrgica e automobilística que criava jipes 4x4 essencialmente para a agricultura, indústria e serviços. E, realmente, eram pau para toda a obra. Aliás, não havia corporação de bombeiros que não tivesse um. Se tem saudades deste jipe, junte-se a um dos muitos clubes de fãs que a UMM tem espalhados por esse país fora.



CINEMA ERÓTICO

Ai como a vida sem internet era diferente na nossa juventude... Se queríamos ver belas mulheres despidas ou cenas mais ousadas tínhamos mesmo de ir ao cinema. Aproveitamos para recordar os filmes mais marcantes das gerações de muitos homens. Se não viu nenhum destes filmes algo de errado aconteceu na sua adolescência

Nove Semanas e Meia (1986)

De Adrian Lyne

Com Kim Basinger e Mickey Rourke

Deus criou a mulher e Adrian Lyne inventou Kim Basinger. E nós agradeceremos-lhe eternamente por isso. Ela já tinha dado mais que um ar da sua graça noutros filmes como num 007, mas foi aqui que nos maravilhou por completo. A cena em que se masturba a ver slides ainda hoje nos provoca um arrepio. Sem dúvida, um filme de culto.



O Império dos Sentidos (1972)

De Nagisa Ôshima

Com Eiko Matsuda e Tatsuya Fuji

la caindo o Carmo e a Trindade por causa deste filme. Nem o facto de ser considerado um clássico japonês o livrou da fúria das

famílias cristãs que se indignaram com as cenas explícitas de um casal que não conhecia limites no sexo. Uma das cenas que deu brado tem a ver com um ovo que não foi posto por uma galinha.



Garganta Funda (1972)

De Gerard Damiano

Com Linda Lovelace



apontasse as cáries a dedo. De certeza que percebeu a ideia. É o filme pornográfico mais rentável de sempre: custou 22 mil dólares e facturou (só na época) 60 milhões. Para o ano está previsto um filme baseado na vida de Linda Lovelace com Lindsay Lohan.

A premissa deste filme é tão parva que só poderia ser um sucesso. Uma mulher tem o clítoris na garganta, pelo que só se satisfaz sexualmente com alguém que lhe

O Último Tango em Paris (1972)

De Bernardo Bertolucci

Com Maria Schneider e Marlon Brando



Não temos acesso a nenhum tipo de estatística, mas imagino que, depois deste filme ter estreado, o consumo de manteiga tenha aumentado exponencialmente. É que Marlon Brando ensinou-nos uma nova utilização para este lacticínio que não o de barrar pão. É provavelmente a obra mais polémica de Bertolucci e soube-se mais tarde que em algumas cenas existiu mesmo penetração.

Bolero (1984)

De John Derek

Com Bo Derek

Bo Derek era na época "o avião". Havia outras atrizes tão belas como ela, mas nenhuma se despia tanto e em tantas cenas. Ela tinha um corpo impressionante que compensava as suas limitações de interpretação e que era rentabilizado por John Derek, o seu marido e realizador dos seus filmes. *Bolero* tinha ainda o extra de ter sido filmado parcialmente no Alentejo com cavalos lusitanos.



Instinto Fatal (1992)

De Paul Verhoeven

Com Sharon Stone e Michael Douglas

Outro clássico do cinema, e tudo por causa de um descruzar de pernas. Consta que tudo não passou de um acaso aproveitado pelo realizador quando se apercebeu que Sharon Stone não tinha cuecas. Acredite-se ou não na versão, a verdade é que graças a esse minuto de revelação, a carreira de Sharon Stone disparou e havia fila para ver *Instinto Fatal*. Pelo meio, existiam mais umas tantas cenas quentes de cama com Michael Douglas que fizeram tremer muita cadeira de cinema.



Orquídea Selvagem (1990)

De Zalman King

Com Carré Otis e Mickey Rourke

Depois de *Nove Semanas e Meia*, Mickey Rourke era um símbolo sexual, mas em acentuada descida na bolsa de valores. Para inverter a tendência, decidiu fazer este apimentado filme com a sua namorada (na altura). Carré era uma mulher de sonho, mas tal não foi suficiente para fazer um bom erótico. Fica na memória a sua bendita nudez.



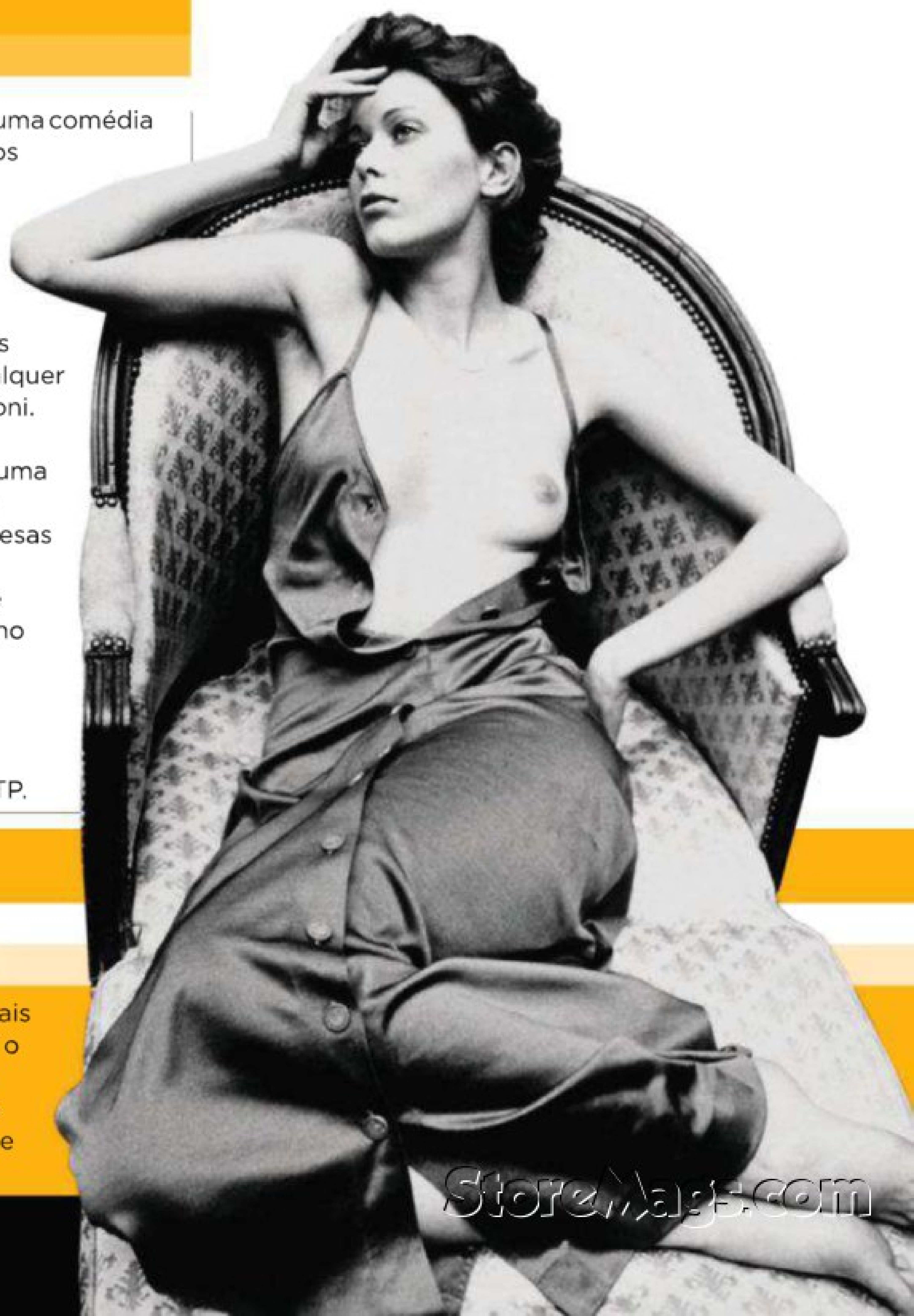
Pato com Laranja (1975)

De Luciano Salce

Com Monica Vitti e Ugo Tognazzi



Não passava de uma comédia com alguns traços eróticos. Enfim, um filme italiano com umas tantas mulheres fabulosas, dignas de entrar em qualquer festa de Berlusconi. A questão é que passou na RTP numa altura em que as famílias portuguesas se indignavam com facilidade, e armaram tamanho escândalo que deu origem a um inquérito na direcção de programas da RTP.



Emmanuelle (1974)

De Just Jaeckin

Com Sylvia Kristel e Alain Cuny

Este foi o primeiro de uma saga de aventuras de *Emmanuelle* que mais pareciam os livros da Anita. Ela é uma jovem francesa que viaja com o seu marido para a Ásia e é aí que vai descobrir o sexo em toda a sua plenitude. A estrela desta produção *softcore* era a holandesa Sylvia Kristel que se envolvia com mulheres, homens novos e velhos, que se masturbava, etc. Mas tudo muito inocente e com muito *glamour*.

JOGOS a granel

Durante algum tempo os jogos de computador conviveram com os tabuleiros. Mais tarde chegaram as consolas da Nintendo e Sony e foi parar tudo ao sótão. Recordamos alguns dos nossos preferidos do spectrum. Belos tempos

Manic Miner

1983

O *Spectrum* era pródigo em jogos de plataformas e o *Manic Miner* era dos mais populares. Alguns de nós não tinham paciência para andar a subir e descer escadas e saltar por cima dos obstáculos para cumprir missões. Mas, se era este o seu caso, então a tarde estava ganha com as suas dezenas de níveis para cumprir e uma pontuação para superar.



Skool Daze

1984

Eric é, neste jogo, o protótipo do tipo mais popular das nossas escolas: balda-se às aulas, manda papelinhos à cabeça dos professores, escreve nas paredes... um verdadeiro *bully*. Mas tudo isto tem um objectivo: roubar a avaliação de final de período do cofre da escola! Gostaríamos que a realidade fosse assim, naquelas horas de aperto antes de receber as notas...



Bruce Lee

1983

Obviamente que o rei da pancadaria tinha de ter um jogo com o seu nome, e, se tivermos em linha de conta as potencialidades do computador em questão, ficou muito bem servido. Tinha acção e muitos cenários que percorríamos aniquilando vários inimigos para, no final de cada nível, aviarmos um chefe. E dava gozo ser mais rápido que os nossos amigos.



Chuckie Egg

1983

Outro jogo de plataformas brilhante e bem mais difícil do que parecia. Quando se apanhava o jeito, a coisa andava mas, se emperrávamos um pouco, então éramos corridos à bicada. Sim, porque controlávamos um homem que tinha de recolher ovos e, para tal, tinha de evitar os galináceos de tamanho XL nas diferentes plataformas. Era genial.



Turbo Esprit

1986

Os jogos de automóveis não tinham nada que ver com os que hoje temos disponíveis. Alguns deles consistiam, apenas, em desviar-se dos adversários. *Turbo Esprit* proporcionava mais do que isso e tornava-se viciante. É incrível como se passava uma noite a jogar e íamos para a cama sonhar com edifícios monocromáticos à nossa volta.



1942

1984

Era um *shoot 'em up* de *scroll* vertical passado na Segunda Grande Guerra e controlávamos um caça que tinha por missão limpar tudo o que surgisse no caminho. Desde aviões de todos os tamanhos e mesmo barcos. A jogabilidade era óptima e exigia toda a nossa concentração e destreza para não irmos com os anjinhos. Simplesmente fantástico.



Tomahawk

1985

Um dos primeiros simuladores de voo, talvez o primeiro em helicóptero, punha-nos ao comando de um *Apache*, o "mais mortífero e eficaz helicóptero que alguma vez passou pelo céu". Apesar dos tons verde e azul da paisagem e de as montanhas não passarem de pirâmides translúcidas, dava gozo manobrar o aparelho atrás dos nossos inimigos.



R-Type

1987

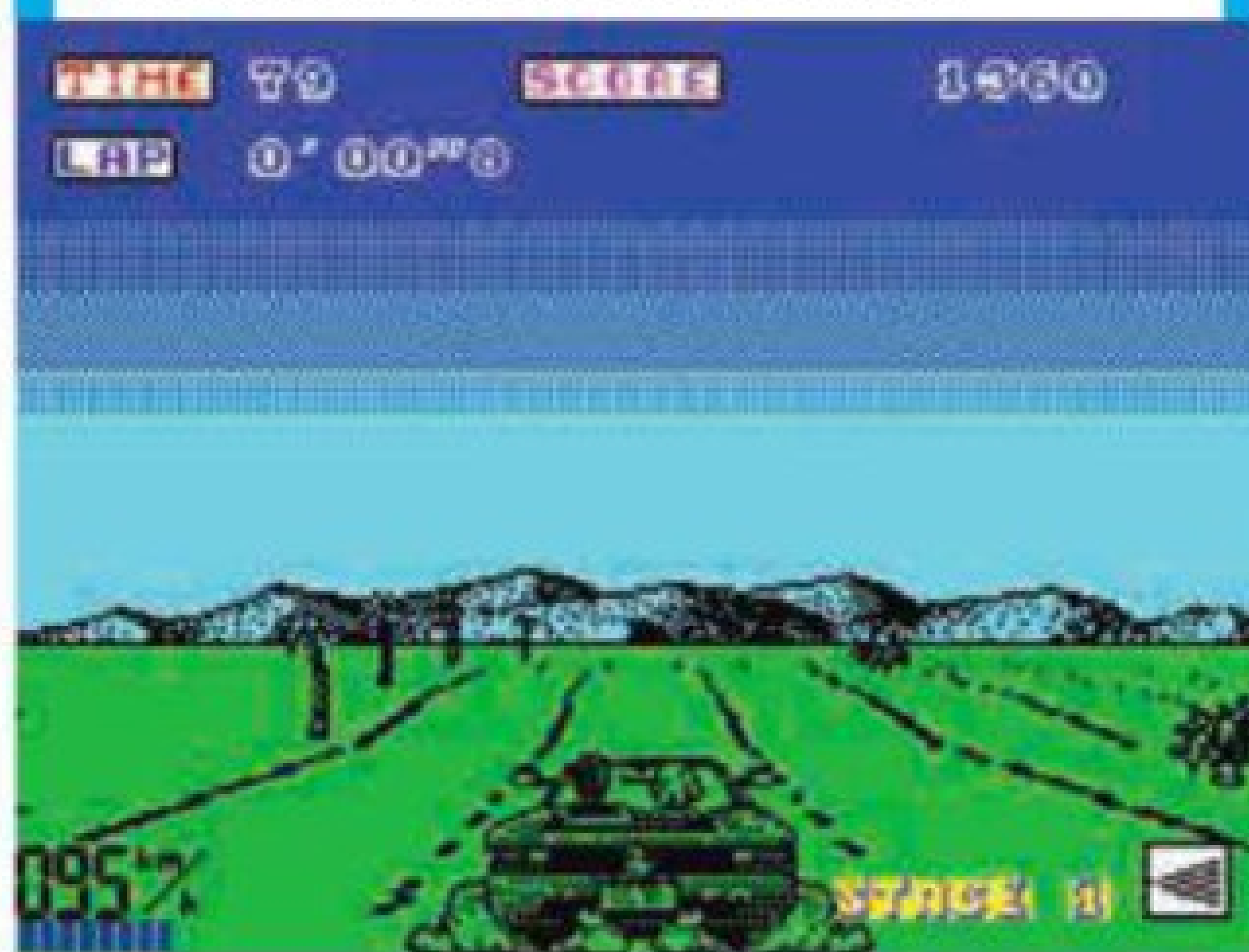
Os jogos de naves eram dos nossos preferidos e R-Type um dos melhores. A acção desenrolava-se em *scroll* horizontal e controlávamos uma nave que podíamos artilhar com destroços dos inimigos que destruíamos. Quanto mais eficazes éramos, mais poderosos nos tornávamos. Era o jogo ideal para libertar o *stress*.



Out Run

1986

Havia a versão luxo nas consolas dos salões de jogos onde o *Ferrari* era mesmo vermelho e as palmeiras também tinham cor, mas era muito caro. Cada jogo levava-nos 25 coroas. A versão *Spectrum* era mais em conta e podíamos jogar as vezes que queríamos. Não era o melhor simulador de automóveis mas era o clássico que todos tínhamos.



Match Day

1984

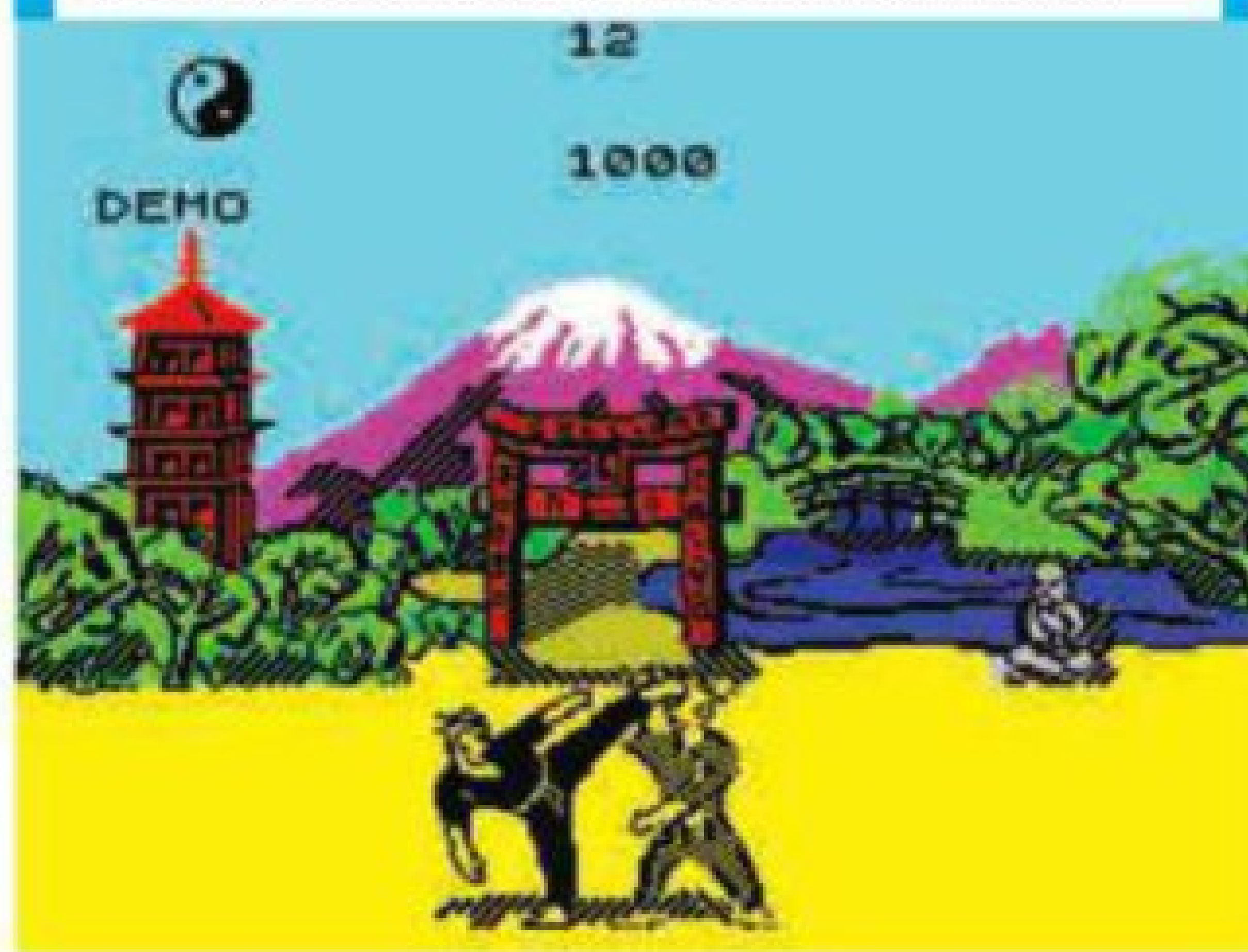
Qualquer jovem fica a olhar para esta imagem e decerto que não sabe o que dizer disto. Especialmente se dissermos que passámos horas a jogar *Match Day*. Não se conseguia fazer muito dos jogadores, e marcar golos desafiava quase sempre as leis da lógica, mas que nos divertíamos lá isso era garantido. E dava sempre para fazer *derbies* com os amigos.



The Way of The Exploding Fist

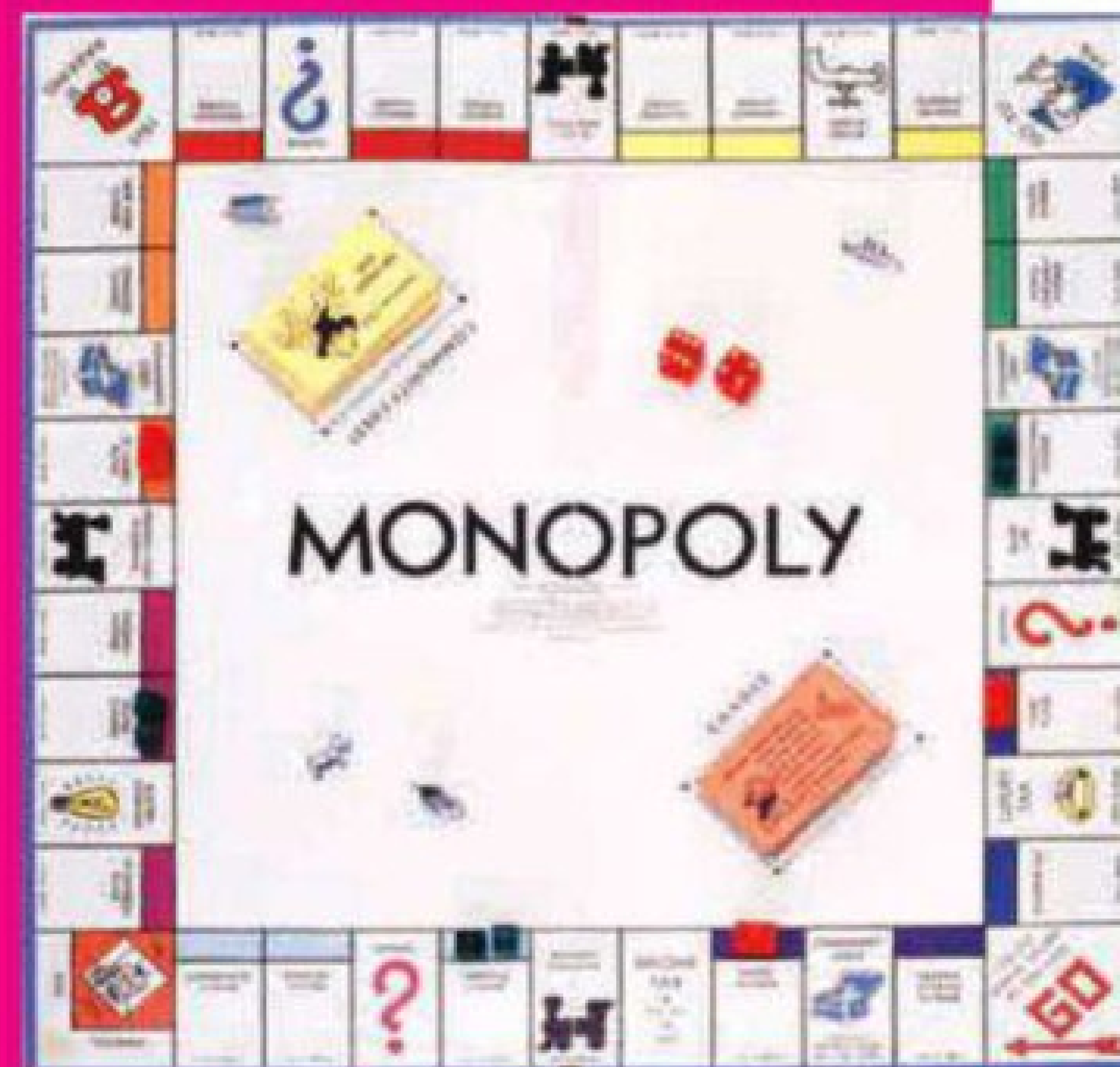
1985

Na anterior página já viram Bruce Lee, mas o género "pontapé na boca" fazia sucesso e originava muitos e bons títulos. Em *The Way of the Exploding Fist*, os movimentos de ataque não eram muito variados, mas havia que contar com a perícia do jogador no "mínimo" teclado *Spectrum*. Na teoria, os anões ganhavam sempre.



JOGOS DE TABULEIRO

O que seria das crianças do século XXI sem as suas consolas para se entreterem? Se calhar, teriam de pedir aos pais que fossem ao sótão



ou à arrecadação buscar os velhos jogos de tabuleiro. Acreditamos que, no início, ficariam desconfiados com a aparente simplicidade dos jogos, mas certamente que iriam divertir-se assim que entrassem no espírito. Afinal de contas, todos

nos lembramos das tardes e dos serões passados com os amigos ou familiares a jogar *Risco*, *Monopólio*, *Batalha Naval*, *Jogo do Petróleo* e tantos outros. Estes jogos compensavam a sua aparente simplicidade com uma jogabilidade e competitividade extraordinárias. Independentemente da quantidade dos adversários, estávamos ali para ganhar. E, quando se joga com pessoas reais, é mais difícil fazer batota. As vitórias são mais saborosas e as derrotas difíceis de engolir porque o rival à nossa frente fazia questão de nos lembrar. Bons tempos esses em que um duelo de damas ou de batalha naval bastava para nos animar.





Miss Vanessa

A atriz e cantora Vanessa Williams foi a primeira afro-americana a ser coroada Miss América. Foi também a primeira a ter de abdicar do seu reinado. A razão está nas próximas páginas, publicadas na Penthouse americana de Setembro de 1984. Aprecie as fotos que lhe custaram o título, dignas de uma verdadeira rainha

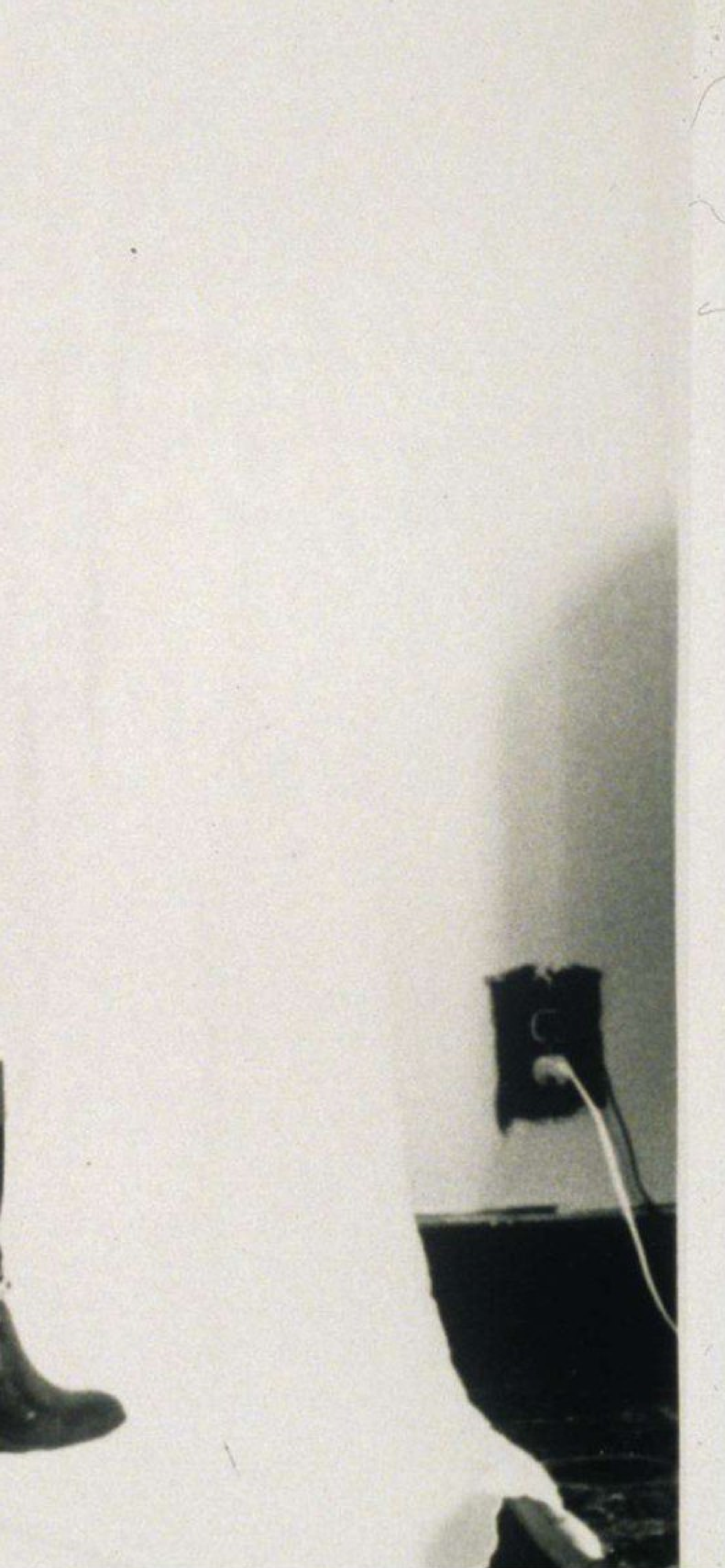
Fotografia: Tom Chiapel

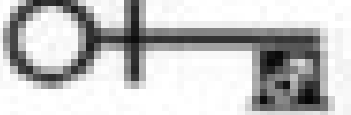


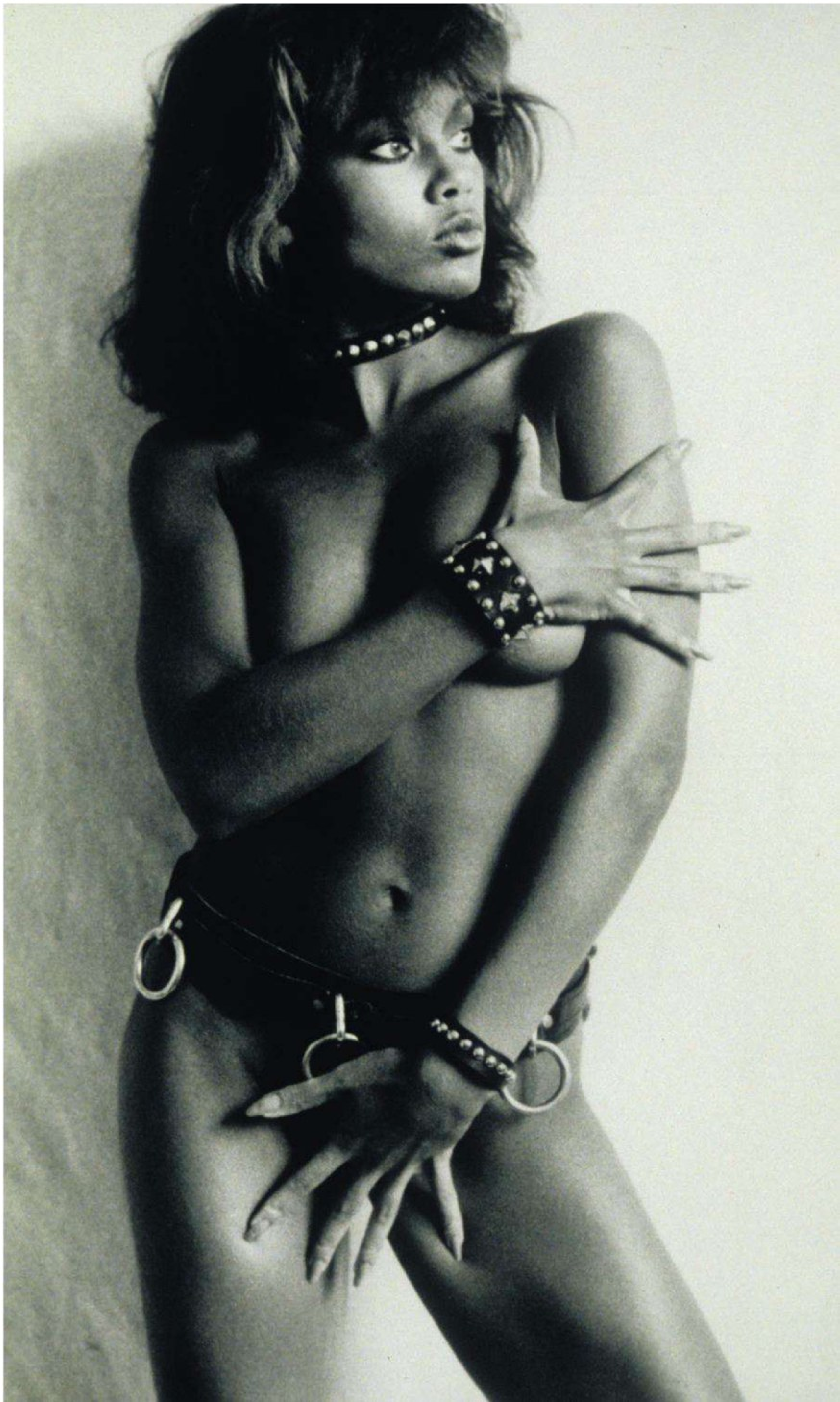


V

anessa Williams não é apenas uma cara bonita. É também um corpo, um olhar, uma postura. E, se hoje é assim, imagine quando foi eleita Miss América 1984. Todos os olhos se dirigiam à rapariga de 21 anos, inclusive os de Bob Guccione, fundador e na altura publisher da *Penthouse*, que na altura recebeu as fotos da Miss nua, no seu escritório. Não se fez rogado e, para deleite de todos os súbditos da nova rainha, publicou- as na edição de Setembro. A revista provocou tamanho escândalo que a organização do evento de beleza obrigou



Vanessa a abdicar do seu título. Mas a sua carreira nunca mais parou. Desde a música à representação, Vanessa acumulou prémios e reconhecimento. Vendeu mais de quatro milhões de discos e conta com nomeações para os prémios Grammy, Emmy e Tony. Depois de ter interpretado, recentemente, o papel de má na série *Betty Feia*, Vanessa assume-se, agora, como uma das *Donas de Casa Desesperadas*. Além disso, ainda participa em acções de caridade e defesa dos direitos humanos. Uma rainha! 



“Apesar de não a conhecer pessoalmente, sei que há outra Vanessa Williams por aí. Mas não me preocupo. O público é que escolhe a sua preferida”







“Quando me separei
do meu marido, sofri
bastante. Foi um
divórcio doloroso que
me deixou muitas
marcas. Senti-me
destroçada”



ELAN

a revista dos anos 90

ANO I
N.º 9
SETEMBRO
1987
350\$

A atriz Lídia
Franco, a capa
mais famosa
da revista

CUTILEIRO
UM GIGANTE
EM LUTA

PEITO
EXPRESSION
DA BELEZA

VIAGEM
O SONHO
DAS MALDIVAS

AUTOMÓVEIS
O VERMELHO
FERRARI

MANUEL S. REIS
O EMPRESÁRIO
MODERNO

ÍNDIA DO BRASIL
DO CEARÁ
A ALFAMA

RAMBO
EX-MULHER
É LÉSBICA

LÍDIA FRANCO
"TENHO ENCONTRADO
ALGUNS TARADOS SEXUAIS"

Regresso ao passado

Chamava-se Élan e foi a primeira revista masculina em Portugal. Numa altura (1987) em que não havia decotes e as saias desciam até aos calcanhares, mostrou as mulheres tal como vieram ao mundo. Um pequeno passo para o homem...

Há coisas que não se esquecem. O primeiro beijo. O fim da virgindade. E, claro, entre os dois, o abrir da primeira revista com mulheres nuas. Hoje basta clicar num botão para se ter acesso a todo o tipo de fotografias e vídeos, mas há trinta ou quarenta anos, era bastante especial quando se folheava uma revista masculina pela primeira vez. Quer fosse a *Playboy* do pai encontrada na garagem, a *Hustler* ou mesmo *Penthouse* – por que não? – era um momento que marcava. Entre todas essas revistas, houve uma que mudou Portugal. Não tinha as modelos espanholas ou americanas e os textos não estavam escritos em francês ou inglês. Era nacional. Feita a pensar naquilo que os portugueses queriam e com as mulheres que os portugueses desejavam. Criada em 1987, a *Élan* foi a primeira revista masculina do país que veio mudar para sempre a forma como olhamos as revistas do género. Um primeiro passo, que nos tempos do bigode e da televisão a preto e branco, deu um pouco de cor a Portugal.

■ Mulheres bonitas

Antes de mais, o nome. *Élan* significa entusiasmo, impulso e inspiração, e era isso que vendia todos os meses. Tinha tudo o que um homem podia querer: mulheres bonitas, carros, futebol, moda, entrevistas e artigos. Era perfeita e custava apenas 350 escuros (€1,75). Sim, na altura ainda era dinheiro, mas valia a pena, uma vez que nos dava a possibilidade de

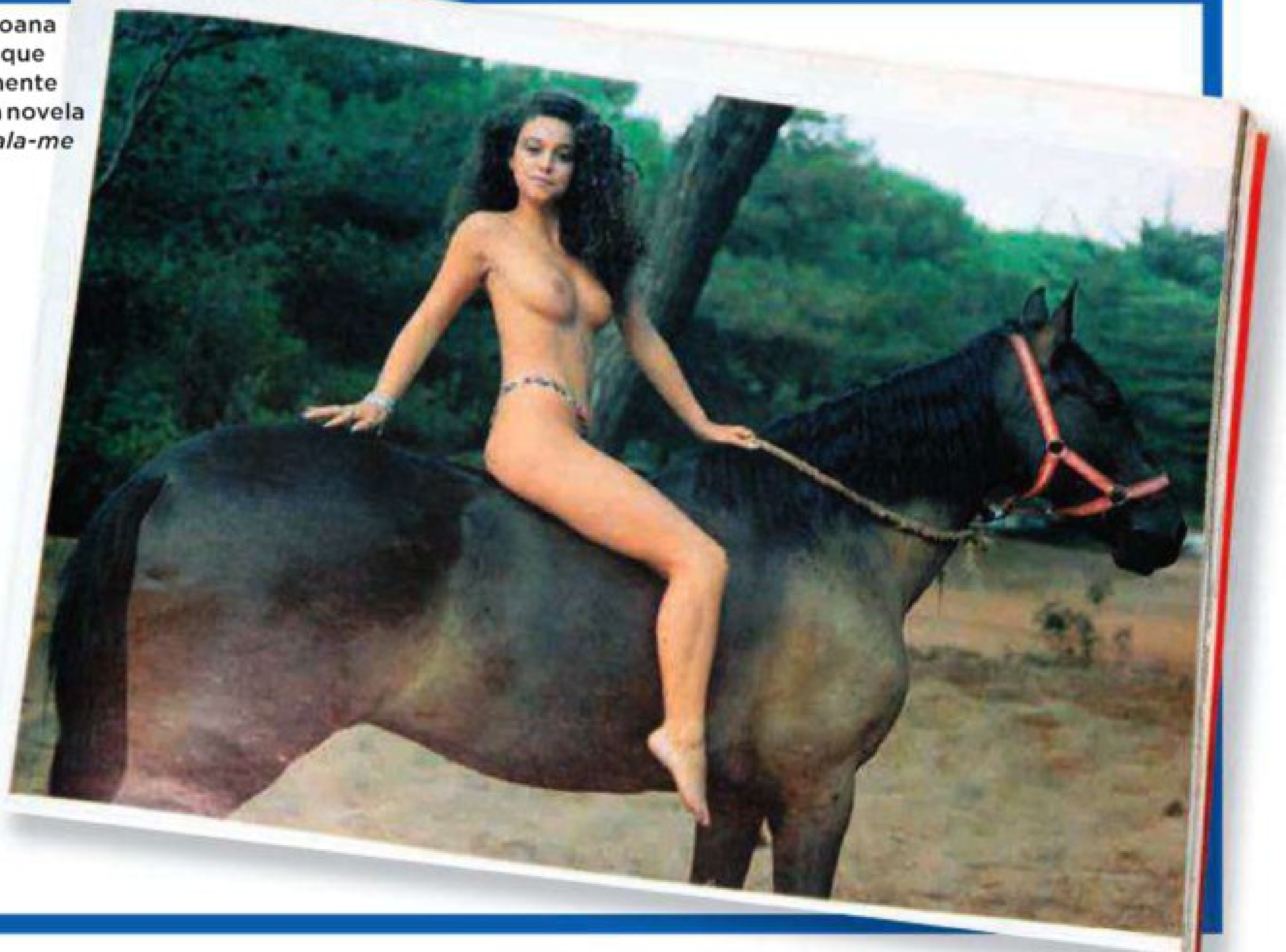
ver as estrelas da época tal como vieram ao mundo. Laura Diogo, por exemplo, uma das cantoras da *girls band* Doce, posou para a revista; assim como a actriz Joana Figueira (d' *O Prédio do Vasco* e da novela da TVI *Fala-me de Amor*), a fadista Maria Bento e até a actriz Teresa Roby. E, claro, a capa mais famosa de todas, a conceituada actriz Lúcia Franco, que trabalhava com o humorista Herman José. Quando não conseguiam atrizes ou outras figuras conhecidas, contratavam modelos de segunda linha, a quem pagavam 100 contos (quinhentos euros segundo os padrões de hoje). Na altura, quando a

média mensal de vendas se centrava nas 15 mil cópias, a edição com Lúcia Franco – que recebeu 600 contos [€3000] para mostrar os seios – atingiu o número máximo de vendas da revista, 25 mil.

■ Equipa maravilha

Mas nem só de mulheres vivia esta revista, que chegou a ter ideias tão loucas que passavam a ser geniais. É exemplo disso uma sessão fotográfica com Júlio Isidro, que na altura já era um conceituado apresentador de televisão, com programas como *Passeio dos Alegres* e *Arroz Doce*. O apresentador foi

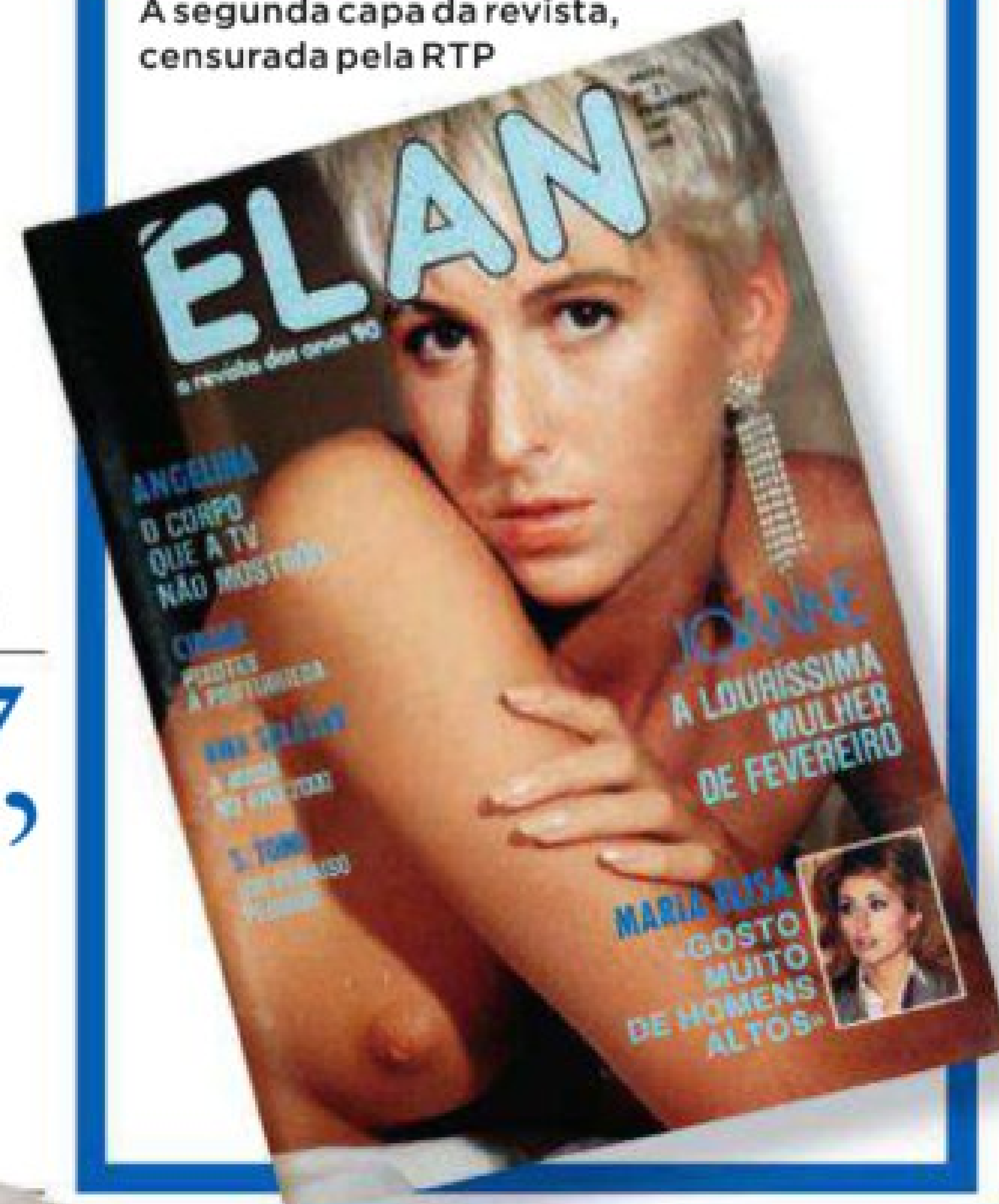
A actriz Joana Figueira, que recentemente entrou na novela da TVI, *Fala-me de Amor*



“apanhado” no balneário, enquanto tomava banho. E estava mesmo nu (claro que as fotografias foram publicadas censuradas, para bem de todos os leitores, não fosse aquela uma revista que despia mulheres). Paulo Futre também foi um dos que apareceu na revista, mas vestido e em entrevista. Na altura, ganhava 600 contos (€3000) por mês e já tinha o Porsche amarelo. E a entrevista não mencionava chineses.

Como estamos a falar de uma publicação com mais de 20 anos, as coisas não eram nada simples. Os jornalistas enviavam os textos escritos à mão para a gráfica, que depois os passava a limpo para a máquina de escrever e, depois, colava junto às fotografias. Um trabalho que envolvia muitos cortes e X-acto, bastante demorado. Alexandre Pais era o director na altura (actual

A segunda capa da revista, censurada pela RTP



A actriz Lúdia Franco, em 1987, recebeu 600 contos [€3000] para mostrar os seios



Laura Diogo, uma das cantoras da girls band Doce

director do jornal *Record*) que, com uma pequena equipa de cinco pessoas, fazia uma revista que ficou para a História, juntamente com os fotógrafos conceituados da altura João Raul e Francisco Prata, e escritores como Rosa Lobato Faria, Afonso Praça e Clara Pinto Correia. Havia ainda uma secção de *gadgets*, ou melhor, do que passava por *gadgets* na altura. Não havia *iPads* nem telemóveis. Os artigos, por muito boa vontade que a equipa editorial tivesse, iam sempre calhar a álbuns de fotografias, bules ou até estojos. A loucura da tecnologia. Os carros, hoje considerados chaços velhos, eram o melhor que a indústria tinha para oferecer. ABS ou sensores de estacionamento eram coisas que ainda estavam para ser inventadas.

ELAN ESPECIAL LAURA DIOGO

ELAN VAI ESCOLHER

AS DEZ MULHERES MAIS SENSUAIS DE PORTUGAL

ATE final do corrente ano, **ELAN** irá promover a escolha das **Dez Mulheres Mais Sensuais de Portugal**, numa iniciativa que vinha sendo insistentemente reclamada pelos leitores. Estes poderão enviar-nos as suas preferências pois encontramo-nos a partir de agora numa fase de nomeações. Basta, para isso, que cada voto — num simples postal dos CTT com a identificação do remetente e dirigido a **ELAN — As Dez Mais Sensuais — Rua Sacadura Cabral, 26 — 1. Dafundo 1495 LISBOA** — refira o nome das **DEZ MAIS** para o leitor. Nesta página podemos já apreciar seis das **DEZ MAIS** do colunista social e nosso colaborador Carlos Castro: **Ana Paula Reis, Ana Zanatti, Adelaide Ferreira, Maria Elisa, Rita Ribeiro e Rosa Maria**. Entretanto, mês a mês, iremos não só apresentando novas nomeadas como revelaremos outros pormenores ligados a esta iniciativa que, como outras que temos em preparação, conhecerá a sua consagração em finais de Janeiro no ambiente mágico do *Banana Power*, o espaço preferido de **ELAN**. Leitor, quem são as **MAIS** para si?



Maria Elisa



Ana Zanatti



Rita Ribeiro



Ana Paula Reis

E 32



Adelaide Ferreira



Rosa Maria

■ Festas do croquete

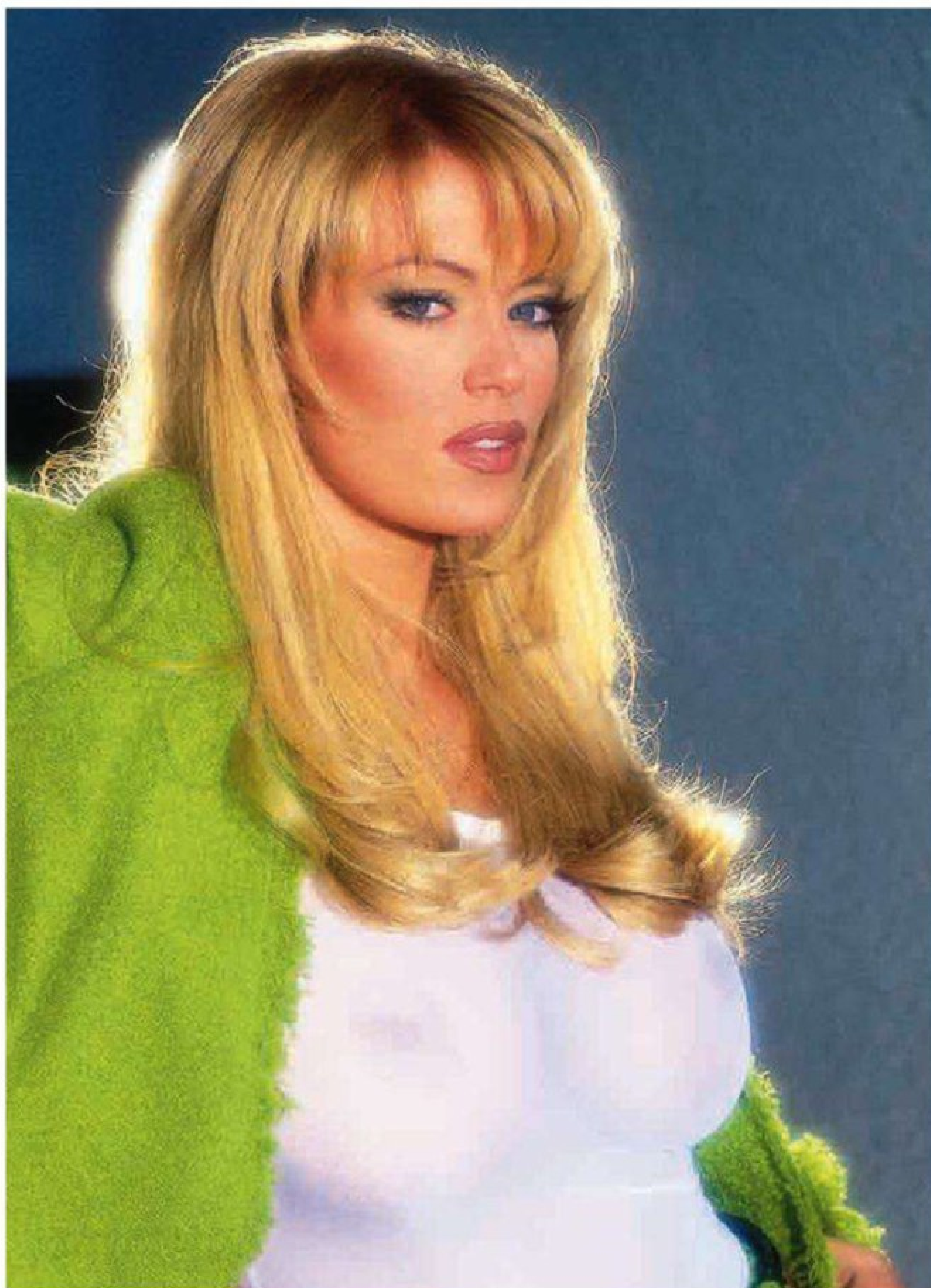
Como qualquer outra revista para o homem moderno (pelo menos, para aquela altura), tinha de ter duas secções muito importantes: moda e social. A moda ficava a cargo de Ana Maria Lucas (apresentadora de televisão e ex-Miss Portugal, em 1969), que tratava das produções. No segundo número — nas bancas a Fevereiro de 1987, com a modelo desconhecida Joanne —, foi motivo de grande controvérsia por mostrar seios na capa. A RTP, única estação da altura, recusou-se a passar o anúncio por causa desse mamilo.

Não havia Photoshop nem nada que se parecesse e, por isso, tinha de se usar elásticos para subir o peito das modelos. Truques da

altura, que resultavam. O social, como não podia deixar de ser, centrava-se nas festas e encontros dos famosos. Noitadas em bares e festas do croquete, com actores, empresários e desportistas em festas organizadas pela *Élan* e que depois ganhavam vida em quatro páginas na revista.

Era também nessas festas que se encontravam algumas das mulheres que faziam parte da lista das mais sensuais. Entre elas, a jornalista Maria Elisa, as actrizes Rita Ribeiro e Ana Zanatti, e a cantora Adelaide Ferreira.

Socialmente incorrecta, a *Élan* marcou uma geração e foi o primeiro passo que moldou todas as revistas masculinas que lhe seguiram em Portugal. Durou três anos, e ainda hoje faz falta nas bancas. 



Rainha Jenna

Jenna Jameson dispensa apresentações. É a rainha da indústria pornográfica, e, como qualquer rainha, tem lugar garantido no trono da *Penthouse*.
Aqui numa produção a homenagear as décadas de 80 e 90

Fotografia: Carl Wachter





T

em nome de *whisky* e deixa qualquer um com a cabeça à roda. Aliás, foi nessa bebida que Jenna Marie Massoli se inspirou para criar o seu *alter ego*. Símbolo incontornável da indústria pornográfica, Jenna Jameson aceitou posar para a *Penthouse*, sob o olhar atento de Carl Wachter, conceituado fotógrafo norte-americano. Como se pode ver pelas fotografias - desde as poses aos penteados -, esta foi uma sessão *retro*, inspirada na década de 80. Seja como for, Jenna Jameson fica bem de qualquer forma. Trabalhou como modelo e *stripper*, entrando na indústria para adultos em 1993, bem a tempo de ser considerada como a "Rainha da Pornografia", título conquistado pelos vários prémios que Jenna arrecadou ao longo da sua carreira. Em 2000, decide abraçar o mundo empresarial, criando a empresa *Club Jenna*, dedicada à gravação de filmes para adultos. Hoje é empresária, e continua a representar. E nós continuamos a ver.









“Eu escrevo o guião,
escolho a minha
equipa e estabeleço
os horários. Nesta
indústria, devem ser as
mulheres a mandar”



“Sempre fui uma
rapariga muito sexual,
por isso acho que
escolhi a profissão certa”







“Um dos meus
objectivos é fazer com
que a pornografia seja
bem aceite pelo público”



Release: StoreMags & FantaMag

PENTHOUSE

LIFE ON TOP 

ASSINE JÁ E BENEFICIE
DA OFERTA DE 2 REVISTAS
E DE UMA ASSINATURA DIGITAL
NO VALOR DE €32,80

12 EDIÇÕES €49,90

**SE NO MUNDO HÁ
7 MULHERES PARA CADA
HOMEM, NA PENTHOUSE
TEMOS 12 DIFERENTES
SÓ PARA SI.**



LIGUE 211 954 657 FAX 211 954 642 DIAS ÚTEIS DAS 9H AS 13H DAS 14H AS 18H

EMAIL assinaturas@hotpublishing.pt MORADA RUA RODRIGUES SAMPAIO, Nº 21 - 5ªA 1150-278 LISBOA

☐ SIM, DESEJO ASSINAR A PENTHOUSE

NOME

MORADA

E-POSTAL LOCALIDADE

TELEFONE DATA DE NASCIMENTO

E-MAIL

PAGAMENTO

OPÇÃO1* ☐ POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

NOME DO TITULAR

BANCO BES | NIB | 0007/0000/0088/6792/7222/3

* A ASSINATURA FICA ATIVA APÓS O ENVIO DESTA CUPÃO. DEVIDAMENTE PREENCHIDO COM OS SEUS DADOS

PESSOAS OU E-MAIL PARA ASSINATURAS@HOTPUBLISHING.PT COM NOME, MORADA E CÓDIGO POSTAL

OPÇÃO2* ☐ CHEQUE À ORDEM DE HOTPUBLISHING, LDA

CHEQUE Nº | BANCO

PREÇO DE PROMOÇÃO MÁXIMO PARA PORTUGAL. OS DADOS RECOLHIDOS SERÃO PROCESSADOS INFORMATICAMENTE E DESTINAM-SE À GESTÃO DA SUA ASSINATURA. A REVISTA SERÁ ENTREGUE DENTRO DE UM ENVELOPE BRANCO, GARANTINDO ASSIM A MÁXIMA DISCREÇÃO.

O bom rebelde

Zé Pedro é um nome incontornável da música portuguesa, e arriscamos dizer que a sua vida dava um filme. Tudo começou na década de 70, quando a irreverência estava no auge

*Entrevista: André Filipe Pereira
Fotografia: Raquel Wise*

Já muito se escreveu sobre aquele que é considerado como um dos ícones do *rock* nacional. Já sabemos que foi um dos fundadores dos Xutos & Pontapés, que teve um passado ligado às drogas e que é um compulsivo colecionador e amante de música. Mas José Pedro Amaro dos Santos Reis é muito mais do que isso. Filho de pai militar, passou alguns anos da sua infância em Timor, onde brincou e correu descalço pela selva. O regresso a Lisboa deu-lhe um novo mundo para descobrir e ele assim fez. Dos arraiais às salas de cinema, das futeboladas às festas de garagem, Zé Pedro contou-nos a sua história.





Quais as recordações que guardas de Timor?

Fui para Timor com três anos e voltei com seis, portanto não me lembro assim de muita coisa ao pormenor. Mas lembro-me que andávamos sempre descalços de um lado para o outro. Era uma vida bastante engraçada e também um bocado selvagem. Tínhamos era de ter muito cuidado com os animais venenosos. Costumavam aparecer aranhas, viúvas negras, cobras...

Mas regressaste ainda criança.

Como foi a viagem?

Vimos de barco e a viagem durou mais de um mês. Lembro-me de termos parado ao largo de Hong Kong. Nunca tinha visto uma cidade. Fiquei fascinado com as luzes, com os anúncios publicitários, com os arranha-céus, com tudo! Ainda hoje guardo essa imagem na memória.

E a chegada a Lisboa?

Os meus avós e a minha irmã mais nova estavam à nossa espera junto ao cais. A adaptação acabou por ser um pouco difícil porque era um mundo completamente diferente, mais civilizado. Estivemos em casa dos meus avós, depois fomos para Benfica e, finalmente, para os Olivais, um bairro que estava a crescer e que ficava nos subúrbios de Lisboa.

Como era o bairro?

Era um bairro com muitas pessoas familiares de militares e isso deu-nos uma cumplicidade de *gang* e de camaradagem muito forte. Os meus amigos mantiveram-se sempre os mesmos e eram extremamente honestos com o grupo e isso foi extremamente positivo.

Saías muitas vezes à noite?

Nem por isso. Como vivíamos nos Olivais, as saídas para Lisboa tinham

de ser marcadas com alguma antecedência. Tudo era longe. Mas gostava muito de ir ao cinema. E tudo começou por ter chumbado um ano.

Como assim?

Acho que foi no terceiro ano de Liceu. E um dos meus castigos foi ir trabalhar para o *Diário de Lisboa*, onde o meu tio era director, e o meu primeiro trabalho consistia em distribuir os bilhetes para o cinema. Então, ao fim-de-semana chegava a ir com um amigo a três sessões seguidas.

Qual foi o filme que mais te marcou?

Sem dúvida o *2001, Odisseia no Espaço*. Ver este filme, quando ainda nem sequer se sabia o que era um computador, era um exercício extraordinário. Curiosamente, até foi o meu pai que me levou a vê-lo, e não os tais bilhetes do *Diário*. Terei visto o filme oito ou nove vezes e hoje,

a sério foi os *Creedence Clearwater Revival*, embora o primeiro disco que tenha comprado foi o *Chicago III*, um álbum duplo. Juntei as semanadas e lá o consegui comprar.

Fizeste muitos sacrifícios pela música?

Na altura fumava e deixei de fumar só para poupar dinheiro para os concertos e para os convívios que tivessem bandas a tocar ao vivo.

E como é que tinhas acesso aos álbuns das bandas estrangeiras?

Dantes era completamente diferente. Quando queríamos mesmo comprar um disco, a luta era enorme. Chegaram a aparecer umas vendas por correio de umas empresas inglesas e, normalmente, eu e quatro amigos acabávamos por nos juntar e, de quinze em quinze dias, fazíamos umas encomendas e dividíamos uns pelos outros.

E depois, partilhavam a audição do álbum?

Normalmente ouvíamos os discos de uma ponta à outra na cave do Zé Mário, um dos amigos. Eles preferiam comprar mais pelo seguro, mas eu preferia arriscar em coisas que não conhecia. Ia mais pelas notícias, pelas fotografias, pelas capas dos discos, pelas críticas... Ainda hoje gosto de arriscar em nomes

cedo para ver a montagem e adorava ficar junto ao palco durante os concertos. Gostava mais dessa parte do que propriamente estar a dançar ou no esquema de engate.

Mas não me digas que nunca te safaste numa festa dessas...

Claro que safei. O meu primeiro beijo até foi numa festa dos Olivais.

Conta lá...

As festas tinham duas horas de música mais mexida e depois uma hora de *slows*. Durante essa hora, se tivéssemos uma parceira certa, acabava sempre por rodar qualquer coisa. Cantávamos algumas músicas ao ouvido e ela ficava toda derretida.

Qual era a música que mais cantavas?

Father and Son, do Cat Stevens. E tinha sucesso! (risos) Sabia a letra de cor, tirando alguns *tralalás* que fazia pelo meio.

E quando é que decidiste que querias mesmo seguir a música?

Em 1977, fiz um *interrail* com uns amigos e fomos dar a um festival *punk*, em Mont-de-Marsant, em França. Estavam lá as melhores bandas de *punk* do altura: *The Clash*, *Dr Feelgood*, *The Damned*... Infelizmente, só não foram os *Sex Pistols*. Fiquei fascinadíssimo com aquilo e com o *do it yourself*, o slogan

“Eu era muito insubordinado e, com três anos, o rádio tinha que estar ligado para me acalmar”

quando passa na televisão, também vejo. É um filme notável.

E como é que surgiu a música?

Muito cedo. Eu era muito insubordinado e, com três anos, o rádio tinha que estar ligado para me acalmar. Com 10 anos, o meu pai começou a ensinar-me algumas características dos instrumentos (as melodias que cada um fazia, os ritmos, os sons...) e, com 13, levou-me a ver Miles Davis no primeiro Festival de Jazz de Cascais.

Miles Davis? Grande concerto...

Foi brutal! O Miles Davis estava numa onda *jazz-rock*, influenciada pelo Jimi Hendrix, com uma grande cabeleira e acompanhado por uma banda fantástica. Guardo recordações brutais dessa primeira ida ao festival embora, a seguir, me tivesse virado um bocado para o *rock*. A primeira banda que conheci

desconhecidos.

Tu és um colecionador compulsivo de música. Tens alguma divisão em tua casa só para os álbuns?

(risos) Por acaso, tenho um *open space* com mais de quatro mil álbuns.

E, na tua adolescência, preferias ficar em casa a ouvir música ou ir para a rua jogar à bola?

Era um grande nabo a jogar à bola e, talvez por isso, ia sempre à baliza. (risos) Mas não me importava nada com isso. Eu gostava era do convívio.

E as festas de garagem?

Eu e os meus amigos andávamos sempre a saltitar de festa em festa. Mas, enquanto eles se preocupavam mais com as miúdas, eu ficava mais atento à música, junto do *DJ*. Muitas das vezes, até chegava a ir para a estrada com muitas das bandas que iam tocar às festas, como os *Ficha Tripla* ou os *Tantra*... Gostava de ir

que o movimento *punk* preconizava.

Mas em Portugal não havia *punk*.

Havia os *Faísca*, onde tocava o Pedro Ayres de Magalhães, uma banda *semi-punk* com misturas de *rock*. Eles chegaram a ensaiar na minha garagem e eu ia com eles para todo o lado. Até cheguei a ser uma espécie de *manager*.

Daí até aos Xutos & Pontapés...

Foi o Pedro Ayres que me incentivou a ter uma banda, com o Zé Leonel que tocava guitarra. Lá começámos os dois e depois apareceu o Kalu por anúncio de jornal e depois o Tim. A história do Tim é engraçada porque ele estava num jardim de Almada a tocar guitarra e o Zé Leonel foi lá buscá-lo.

E como foi essa história do Kalu?

Meti um anúncio no jornal para baterista dos *Faísca*. Entretanto, eles fizeram as pazes com o antigo

baterista, mas o anúncio manteve-se. Quando chegou a altura de formar a banda, fomos ver a lista e reparámos que o Kalu tinha ligado duas vezes, logo só podia estar mais interessado que os outros. Combinámos um encontro na Trindade e, para o reconhecermos, ele disse que levava uma *t-shirt* do Lou Reed. Assim foi.

Houve logo empatia?

De imediato! O mesmo se passou com o Tim, apesar de só o ter conhecido já na sala de ensaios. Aliás, foi essa empatia - que se tornou em grande amizade - que tem mantido os Xutos vivos. Isso e o nosso amor pela música.

E o que é que a tua família achava da tua escolha pela música?

A minha família sempre me apoiou, nunca tive grandes entraves. O mesmo se passou com o Kalu. Já

a família do Tim reagiu de forma diferente. Ele tinha terminado o curso de Agronomia e a família queria que ele seguisse a área. Tal não aconteceu.

Felizmente para nós! Onde é que costumavam ensaiar?

Íamos para a Senófila (centro de música) e alugávamos uma sala.

E como eram as vossas primeiras digressões?

Aparecemos numa fase pós-25 de Abril, em que Portugal parecia viver uma festa colectiva, portanto as pessoas estavam abertas a conhecer coisas novas e estranhas. (risos) No início, chegávamos a ir aos bailes fazer o intervalo das bandas. Aparecíamos e tocávamos.

Assim sem mais nem menos?

Exactamente. Nós queríamos era tocar, divertirmo-nos e beber

cerveja. Andávamos no carro do Kalu e não tínhamos estrutura nenhuma...

A maior parte das vezes pedíamos emprestados os amplificadores e a bateria à banda que tocava antes de nós. Foram tempos engraçados porque sempre tivemos concertos.

Lembras-te de alguma situação caricata?

Por volta de 1982, na altura dos Santos Populares, fomos à procura de arraiais. Chegávamos lá e cravávamos a banda para tocar no intervalo. Estavam eles a descer as escadas do palco e nós a subir. Naquele Verão, tocámos 22 vezes em diferentes arraiais e sem ninguém saber. Essa atitude demonstra muito aquilo que os Xutos conseguiram fazer nestes anos. Em vez de ficarmos em casa de braços cruzados, íamos à luta.



Nunca tiveram nenhuma situação embaraçosa?

A princípio, as pessoas ficavam de pé atrás e muitas vezes acabávamos os concertos e não se ouvia nem uma palma nem um assobio. As pessoas ficavam completamente aterrorizadas.

Como é que vocês reagem?

Na boa! No final dos concertos, íamos beber uns copos com o público e ficávamos todos muito amigos. Se havia alguma reacção hostil para connosco, a banda inteira reagia. Isolávamos completamente quem nos quisesse atirar coisas ou agredir verbalmente. O Kalu chegava, muitas vezes, a sair da bateria para ir lá abaixo.

O que faziam com o dinheiro dos concertos?

Investíamos na banda,

especialmente em instrumentos e amplificadores. A certa altura, precisámos de um *manager* e contratámos um. Quando lançámos o *Circo de Feras* já tínhamos um *roadie* e a estrutura foi crescendo.

Na altura eras conhecido como o Podrezinho. Porquê?

Nós crescemos muito à semelhança das bandas *punk* inglesas e o próprio nome Xutos & Pontapés tinha como objectivo fugir à seriedade. Queríamos uma coisa que fosse directa ao assunto, sem rodeios nem filosofias. A minha alcunha de *Podrezinho* era graças ao Johnny Rotten, dos *Sex Pistols*, que me fascinava bastante. Quando comprei a minha primeira guitarra a sério, escrevi *Podrezinho* a *spray* cor-de-rosa.

Por falar em alcunhas, foste um dos

minha paixão, a pessoa que eu amo ao meu lado. Já em relação ao *rock and roll*, estou sempre a vivê-lo. Está-me no sangue.

Nos concertos dos Xutos, as fãs iam muitas vezes aos camarins?

Algumas, mas não era tão exagerado como se imagina. Muitas vezes rodava qualquer coisa, é verdade que sim, mas a maior parte das vezes não se passava nada. Íamos apenas para os copos.

Em 2009, atravessaste um período difícil quando foste internado...

O meu percurso de drogas e álcool terminou há dez anos. As confusões que eu tenho tido depois, como esse internamento em 2009, têm sido motivadas pela adaptação do organismo à minha nova vida. Tenho o fígado um bocado desgastado e estou à espera de um transplante,

“Muitas vezes acabávamos os concertos e não se ouvia nem uma palma nem um assobio”

fundadores dos Cavacos.

Sim, na altura do *Johnny Guitar*, os Cavacos estavam na moda: era o primeiro-ministro Cavaco Silva e os irmãos Cavaco - dois ladrões que fugiram da prisão e mataram uma série de guardas prisionais. Foi daí que nos surgiu a inspiração para o nome. Os *Ramones* também assinavam como Johnny Ramone, Marky Ramone, etc. E nós éramos o Zé Cavaco, o Kalu Cavaco...

E como eram os vossos concertos?

Pintávamo-nos como os *Kiss* e tocávamos *covers* com as letras traduzidas para português. Até utilizávamos os mesmos chavões para falar com o público: *God Bless you! We love you all!* Era uma espécie de sátira às bandas internacionais de *rock*.

Mas não chegaram a gravar nenhum álbum...

Ainda houve uma tentativa de se gravar um disco ao vivo, mas decidimos não avançar com a ideia. Aquilo era muito fechado em nós.

O conceito Sexo, drogas e rock and roll era levado ao extremo?

Por mim era. Eu fui ao extremo, especialmente na droga mas, quando atingi o limite, cortei de um dia para o outro. Em relação ao sexo, também tive as minhas experiências, mas agora estou noutra. Tenho a

mas tudo o resto está tranquilo. E nem sequer tenho tentação. Sei por aquilo que passei e não tenho vontade em repetir. Tenho esse problema completamente resolvido na minha cabeça e, fisicamente, estou cada vez melhor.

Há alguém com quem ainda gostasses de partilhar o palco?

Adoraria partilhar o palco com o Keith Richards, sem dúvida nenhuma. Também admiro muito o Slash, que é uma pessoa excepcional, e o Dave Grohl, para mim, o melhor *rockeiro* actual.

Fazes 55 anos em Setembro. A velhice atormenta-te?

Não me atormenta nada. Tenho o meu passado tão bem arrumado que não tenho medo nenhum do futuro.

E como será esse futuro?

Mais que brilhante! (*risos*) Vou continuar muito ligado à música, espero casar-me e, um dia, ter um filho.

Há alguma música que te defina?

Não sou o único é, provavelmente, a música que mais me define. Fui eu que a escrevi. Estava a sair de um fase em que tinha consumido bastante heroína e a letra é escrita sob esse período de ressaca. Mas sempre com uma porta aberta para se sair. Espero que a letra seja um exemplo para muita gente. 



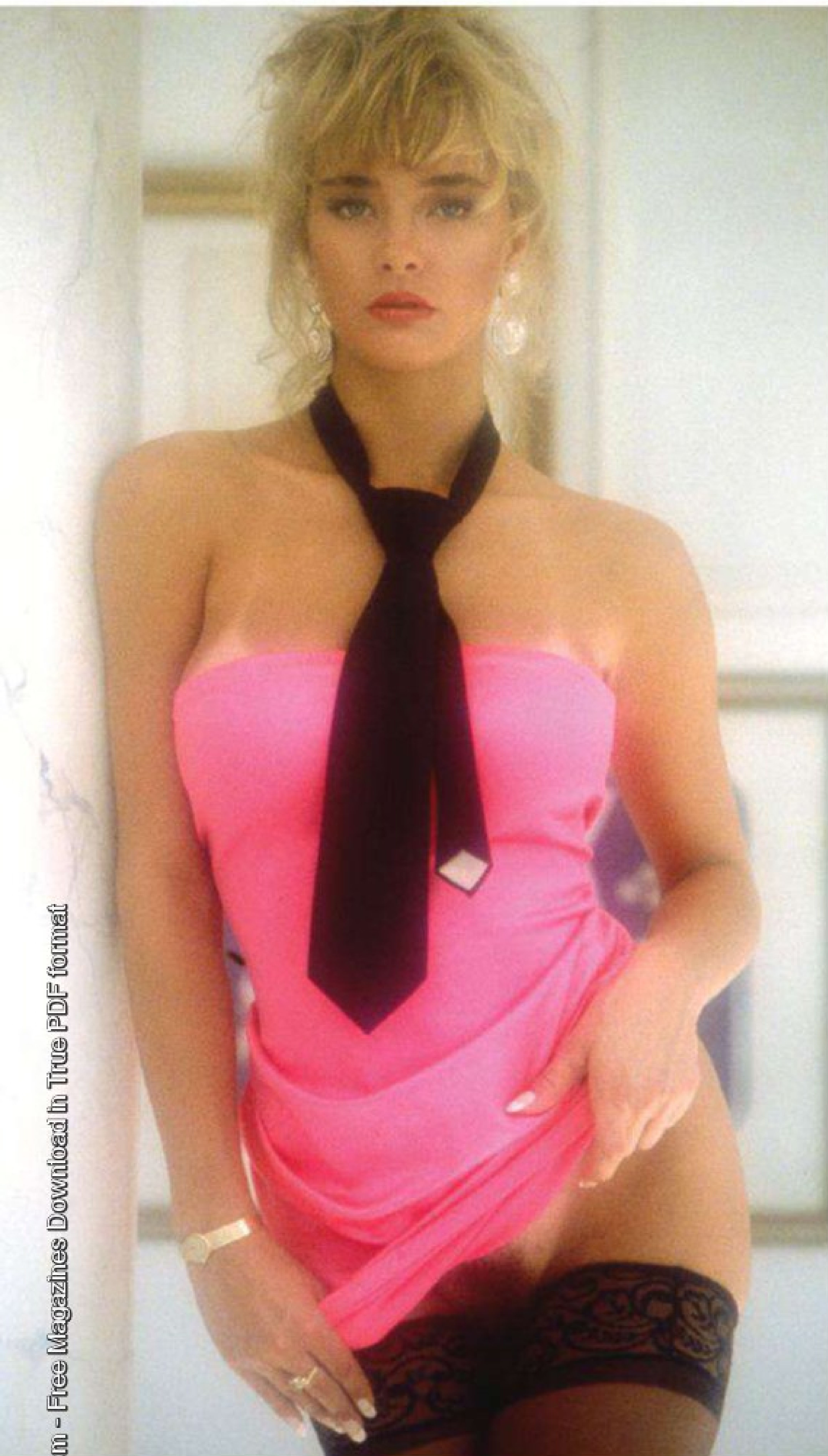


Virar a Página

Depois de ter sido eleita Pet do Ano em Janeiro de 1990 pela edição americana, Stephanie Page regressa às páginas da *Penthouse* para recordar o *glamour* e a inocência típica dos anos 80

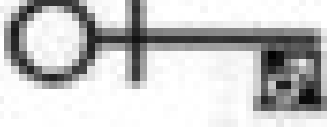
Fotografia: Bob Guccione

store.pegg.com



S

tephanie Page foi Pet do Mês em Setembro de 1987, com apenas 19 aninhos, e coroada Pet do Ano em Janeiro de 1990. Nesta altura, o mundo estava a ganhar nova forma após a queda do muro de Berlim, em Novembro de 1989, e 1990 seria, não apenas a entrada numa nova década, como também o nascimento de um novo espírito mundial. Aproveitando esta onda revolucionária, Bob Guccione decidiu transportar essa lufada de ar fresco para a sua revista, atribuindo o

título de Pet do Ano à texana Stephanie Page. A ascensão ao estrelato foi imediata, com constantes participações em programas televisivos. Stephanie chegou mesmo a dizer que "aparecer na televisão foi a melhor forma de perder a timidez". No entanto, se virmos a sessão fotográfica feita antes de conhecer as câmaras, Stephanie Page não era assim tão tímida. E nós estamos gratos por isso. Nós e todos os seus fãs, que agora têm a oportunidade de a rever. 





“Quando era mais nova, queria ser hospedeira de bordo... ou então a Marilyn Monroe.”







“Estou muito
agradecida a
Bob Guccione e à
sua equipa. Eles
ajudaram-me a
acreditar em mim”



StoreMags.com



Tudo o que me podia ter acontecidos nos anos 80 aconteceu mesmo

Pedro Boucherie Mendes

De alguma maneira, sabia que haveria de chegar a altura em que tinha de escrever sobre a minha adolescência. Esta mania dos anos 80 haveria de ser o motivo. E é mesmo. Por isso cá estou eu, porque dá-se a circunstância de ter passado essa década a tornar-me pessoa, dado que nasci em 1970.

São dos anos 80 as minhas primeiras grandes marcas na vida. O primeiro uísque, a primeira mulher, o primeiro concerto, o primeiro cigarro, a primeira viagem, a primeira vez que fiz a barba, a primeira viagem de comboio sem bilhete, a primeira (e última) vez que acampeei. Os anos 80 foram o meu “coming of age”, a altura em que deixamos de ser putos para passarmos a ter a mania de que somos homens. Na vida real, chamamos quase sempre a esta fase o período do terror.

Ninguém pode gostar dos anos em que foi adolescente. Entre 1981 e 1990, tive sucessivamente 11, 12, 13, 14 anos. Foi portanto uma década para esquecer, ou, pelo menos, para não recordar muito. Para filtrar e peneirar bem, porque a única coisa boa das humilhações é que podemos tentar enterrá-las bem fundo.

Estaria a mentir se dissesse que sofri, que era gordinho e que ninguém gostava de mim. Isso não aconteceu, nem foi assim. Mas também não houve uma prima mais velha que me introduziu aos segredos do amor ou do sexo, como acontece nos filmes. Não houve um avô ou um tio que me levava todos os fins-de-semana ao futebol. Ou um irmão mais velho que me emprestava a moto.



Eu sobrevivi!



Ayrton Senna vence no Estoril o seu primeiro Grande Prémio. Foi em 1985

Nada disso. Também não fiquei sem uma perna num acidente, nem fui feito refém por terroristas. Não, a minha adolescência não dava um filme. Foi tudo bastante monótono dentro da imprevisibilidade que é ser adolescente.

Já sabemos que a vida é injusta. Mas na adolescência é mais. Eu era objectivamente não giro, o que é decisivo para se ter uma adolescência divertida. Não que fosse feio, gordo ou borbulhento. Mas não tinha feições de miúdo de poster nem dava ares de rufia. Tinha zero pinta e zero mistério. Consequência: as miúdas não me ligavam.

Os anos 80 foram longos, muito longos. Chatos, muito chatos, com excepção da Fórmula 1 e do ténis, que eram bem mais empolgantes que agora. Mas por mais que o Nuno Markl lance livros e faça programas sobre o assunto a tentar convencer-se do oposto, nos anos 80, a música não era muito boa e as cassetes para a gravar, caríssimas. E quem é que nunca se esqueceu de um disco de vinil num carro qualquer que ficou ao sol e quando chegou o viu empenado como uma costeleta mal frita? Quem é que nunca bebeu *Pisang Ambon* ou batida de coco, duas bebidas usadas para provocar o vômito, mas que achávamos a coisa mais *cool* desde que a *Levi's* inventou os *jeans*?

Foi nesta altura que apanhei a primeira e única bebedeira de toda a minha vida. Daquelas que, quando acordamos, o quarto ainda rodopia. Vinho branco e *Seven Up*, uma combinação que nunca mais experimentei. Também foi nesta década que



John McEnroe, em Wimbledon

“Não entrava facilmente em discotecas. Era péssimo a jogar às máquinas no salão de jogos. Não era loiro nem tinha ar de surfista”

Filme *ET* (1982), de Steven Spielberg

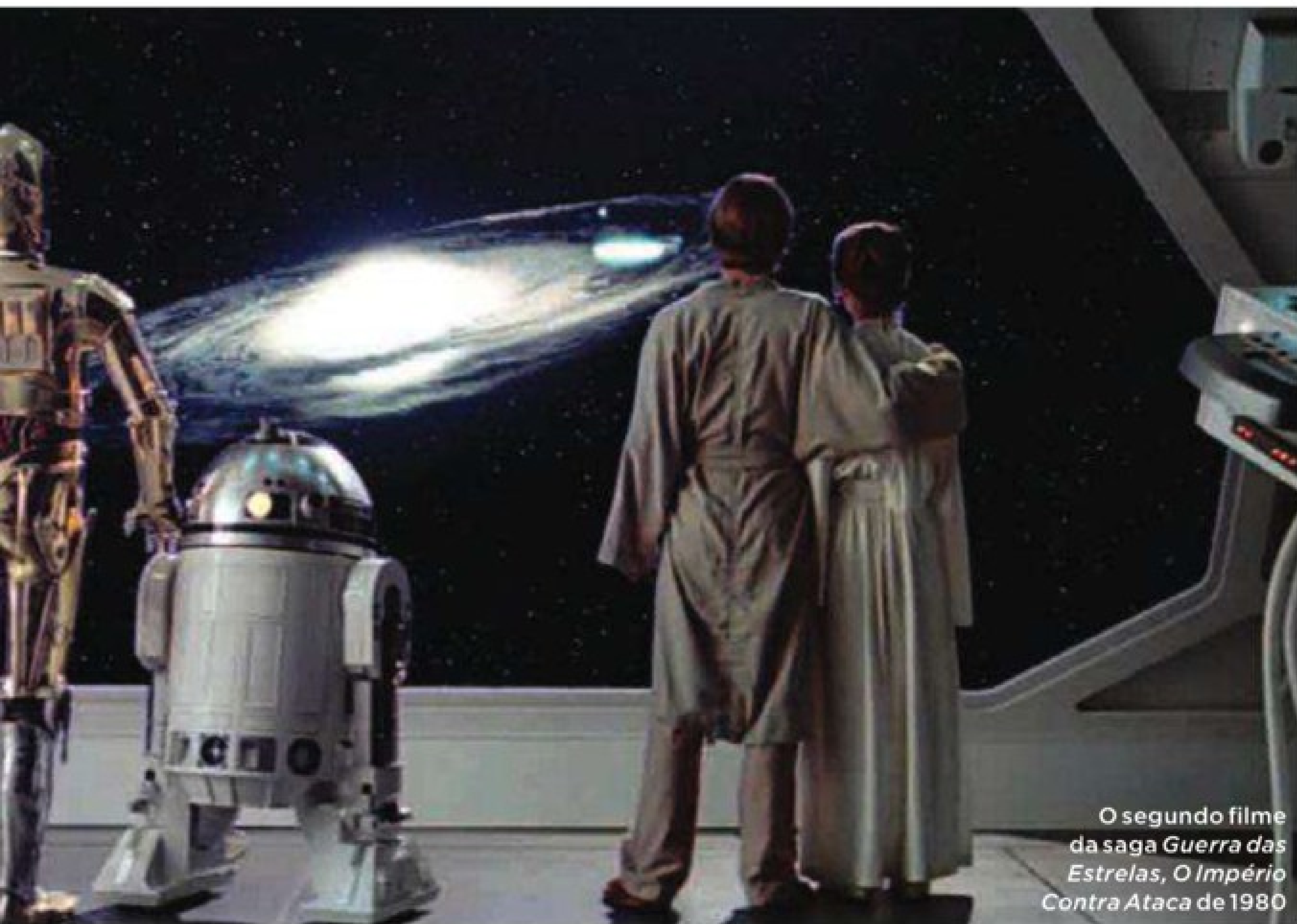
experimentei haxixe pela primeira e última vez na vida. Fiquei tão maldisposto que nunca mais lá voltei.

A adolescência é o tempo das grandes decisões. Falhei-as quase todas. Escolhi pedir um videogravador *Betamax* porque a *Sony* me inspirava confiança. Poucos meses depois, deixaram de se fabricar, apesar de serem melhores que os *VHS*. Resultado: não só não podia ver nada do que os meus amigos tinham, como era mais difícil comprar cassetes virgem *Betamax* do que ter um amigo sem borbulhas.

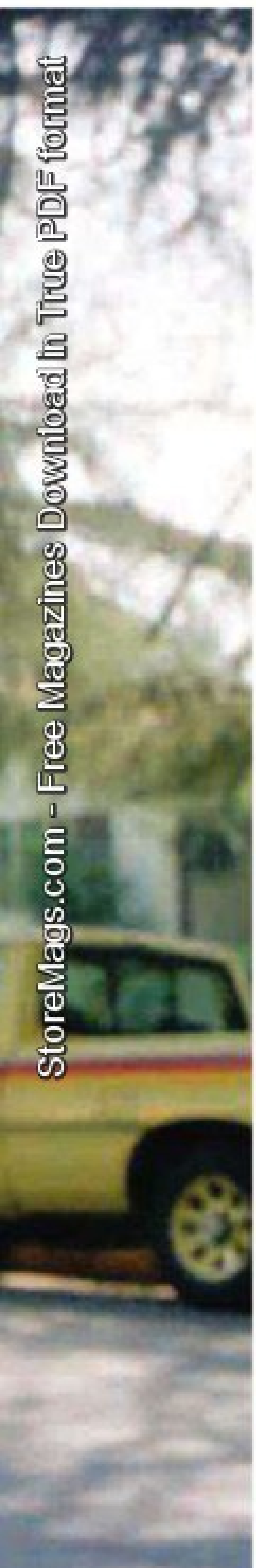
Os computadores chegaram nesta altura. Optei por um *Texas Instruments TI 99/4* em vez de um *Zx Spectrum*, mas ninguém tinha um igual e não dava para piratear jogos. E toda a gente tinha *Spectrum*s e era felicíssima. Eu não.

Passei, redondo, ao largo da década. Não entrava facilmente em discotecas. Era péssimo a jogar às máquinas no salão de jogos. Não era loiro nem tinha ar de surfista. Não tinha mota, nunca tive, e não saberia andar nela. Não conseguia acabar colecções de cromos, talvez porque não tivesse um tio que me fosse ao Rossio comprar os





O segundo filme da saga Guerra das Estrelas, *O Império Contra Ataca* de 1980



Os Salteadores da Arca Perdida, de 1981



últimos. Nunca tive coragem de furar a orelha para usar brinco.

É evidente que foi nesta década que conheci as mulheres mais de perto, e disso gostei.

A única razão por que os anos 80 estão na moda é porque as décadas voltam todas a ficar na moda cerca de 20 anos depois. A explicação é razoavelmente óbvia: é nessa altura que quem lá cresceu detém poder e influência numa sociedade e desata a falar do assunto e a impô-lo a terceiros. O Markl do futuro está a viver hoje aquilo que vai contar daqui a uns anos e falará do nosso Markl como nós falamos dos programas do Herman José de então. Se calhar é um de vocês, que está finalmente a ler esta revista depois de já a ter visto várias vezes...

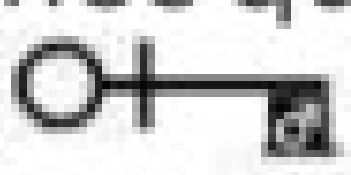
Eu lembro-me de os anos 60 e de os anos 70 estarem na moda. Daqui a uns dez anos, será a altura dos 90. Daqui a uns trinta anos, estaremos a discutir como era engraçado meter os nossos pensamentos numa coisa chamada Facebook. Os mais novos dessa altura, que ainda nem sequer nasceram, vão achar que somos tontos e não sabemos envelhecer.

Os nossos anos 80 equivalem mais ou menos aos anos 50 nos Estados Unidos. Em Portugal, não havia nada. E nos anos 80 começou a haver. Hambúrgueres e pizzas, por exemplo. Latas de refrigerante. Rádio FM e televisão a cores, se a memória não me falha. Faltava a água e a electricidade com relativa frequência. Havia até racionamento de leite, por exemplo. Estava tudo fechado ao domingo. Tudo. O nosso país limitava-se a ter pastilhas-elásticas *Gorila* ou *Adams*. Não havia escolha. Para nada. Quando se é puto, isso nem é muito grave porque não conhecemos outra realidade, mas depois percebe-se como o país era, de facto, paupérrimo.

Eu adorava a escola, apesar de nunca se saber quando começava. O país era desorganizado e estava sempre a colocar professoras com as escolas em obras.

Nunca completei o cubo de Rubik. Nunca bebi um daqueles *shots* em chamas. Por outro lado, vi *O Império Contra-Ataca*, o *ET* e os *Salteadores da Arca Perdida* no cinema. Nos anos 80, tive 11 anos mas também tive 20. A diferença é brutal e não passa apenas por fazer a barba, ir para a cama com mulheres ou poder viajar sem autorização dos pais.

Eu e todos fizemos muita coisa certa e muita errada. Vivemos. Estivemos lá porque nascemos a tempo de lá estar. O resto é conversa. O que interessa é que o fomos, somos e no que nos tornámos.

Culpar o Luís Pereira de Sousa, o Vasco Granja ou os Da Vinci disso é parvoíce. Como usar aqueles punhos de turco nos pulsos e aquelas *headbands* na cabeça e acharmos que erámos bons no ténis só por causa disso. 



Madonna

Já muito se escreveu sobre a *Rainha da Pop*, mas poucas pessoas a viram nua. Isso vai mudar. Um anos após o sucesso do tema *Like a Virgin*, em 1985, a cantora em ascensão entrou realmente para a história, quando fotografou para as lentes da Penthouse

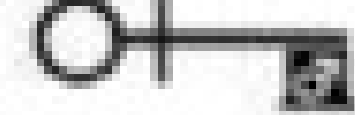






E

stávamos em 1985 e o mundo assistia a acontecimentos tão marcantes como a estreia do filme *Regresso ao Futuro*, a identificação do buraco da camada do ozono ou o nascimento de Cristiano Ronaldo. Mas outro ícone estava em ebulição. Madonna, então com 27 anos, via o seu disco *Like a Virgin* vender que nem pão quente e atingir o topo das tabelas mundiais. A sua ousadia e erotismo atribuíram-lhe rapidamente o estatuto de *sex symbol*, estatuto que Bob

Guccione reforçou quando publicou fotos da cantora nua na *Penthouse* de Setembro de 1985. Voltou a fazê-lo dois anos mais tarde, mas desta vez com honras de primeira página. Madonna é a artista que mais discos vendeu em todo o mundo (mais de 275 milhões!) e isso vale-lhe o título de "Rainha da Pop". Passou ainda pela representação, pela dança e pela escrita. Com 53 anos, não pára de se reinventar e de causar polémica. Afinal, Madonna é sinónimo de arte. 



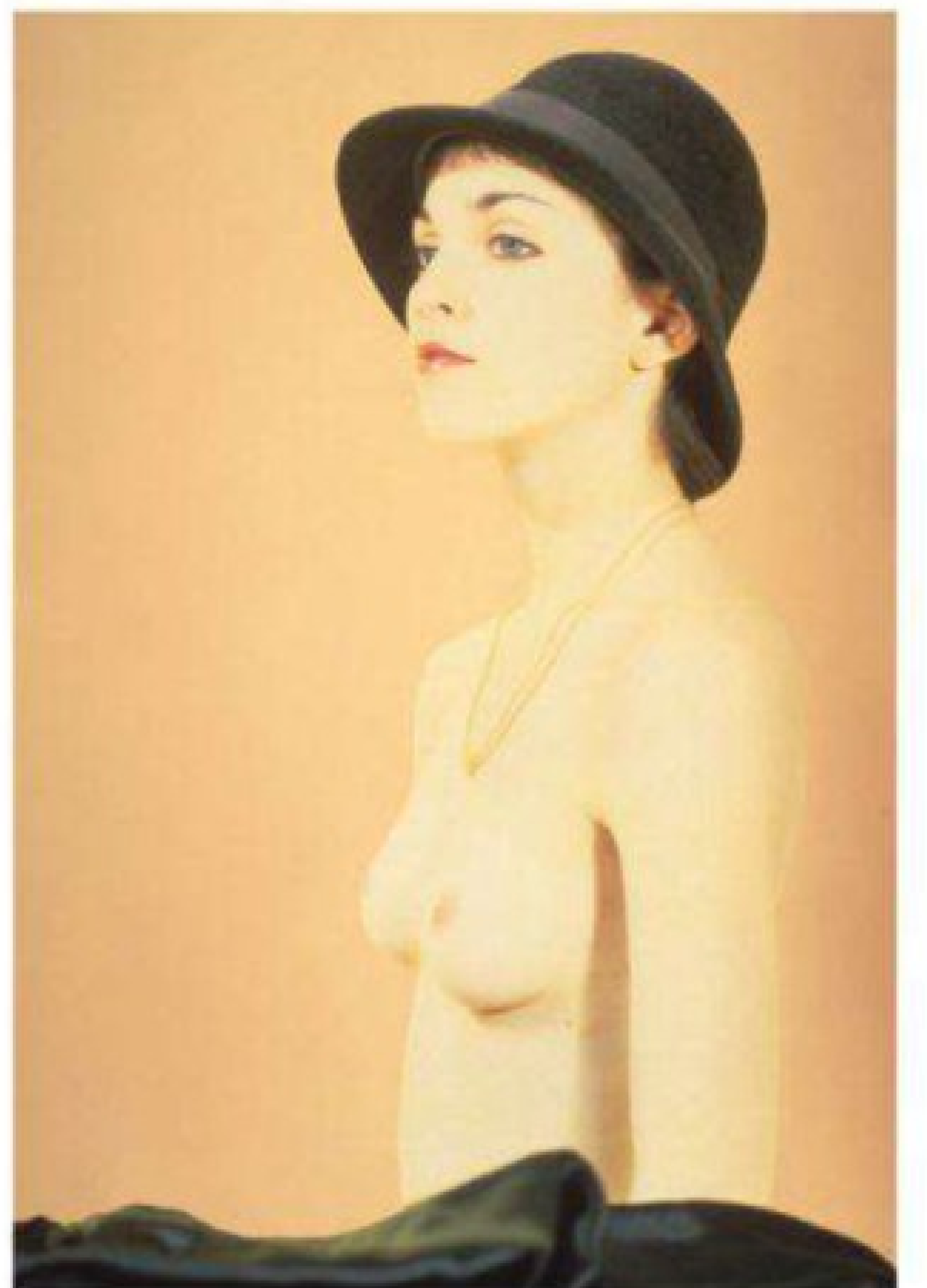
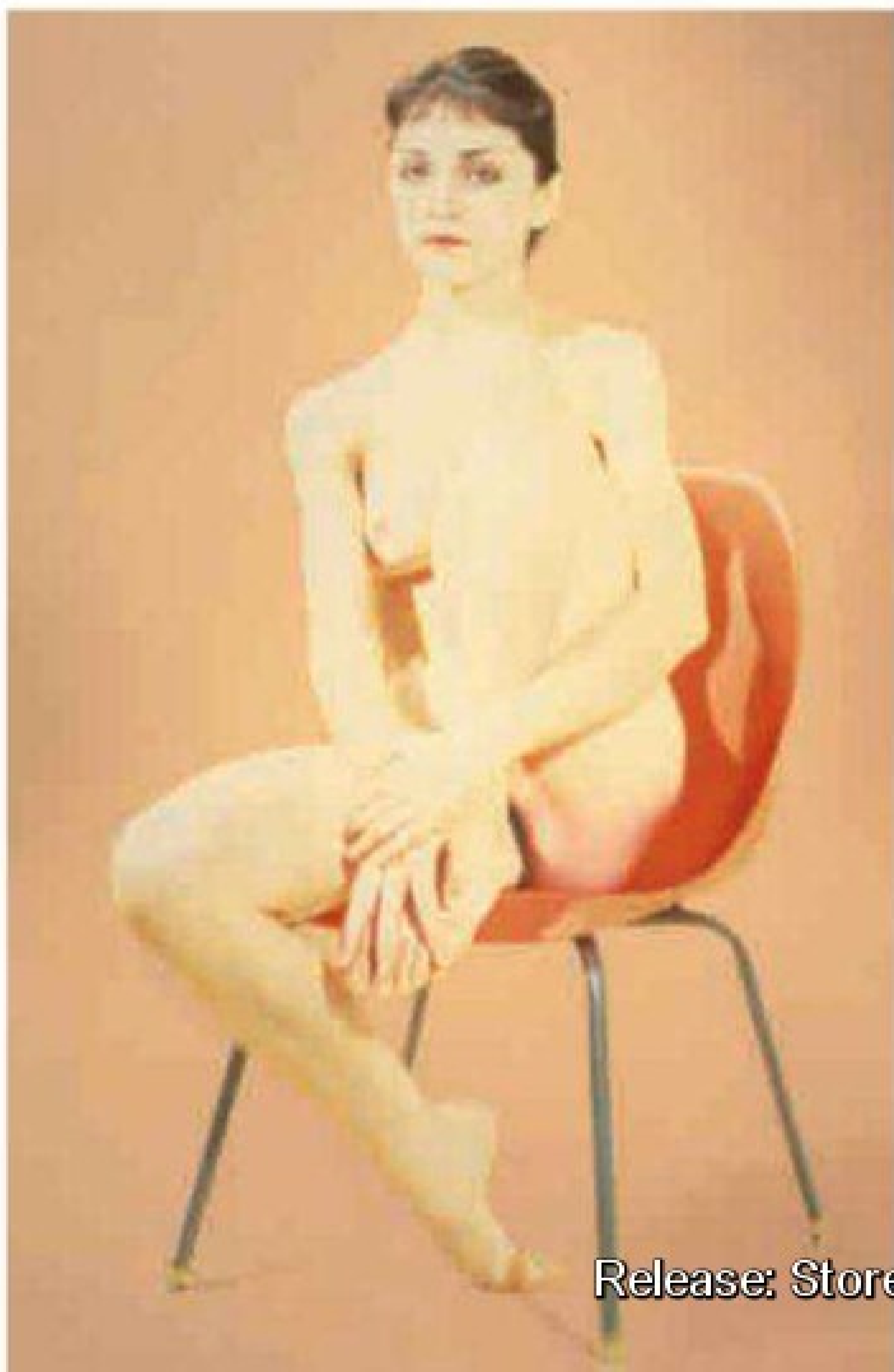


“Adoro homens latinos que tenham uma personalidade forte e que sejam dominadores. Às vezes gosto de me sentir submissa”



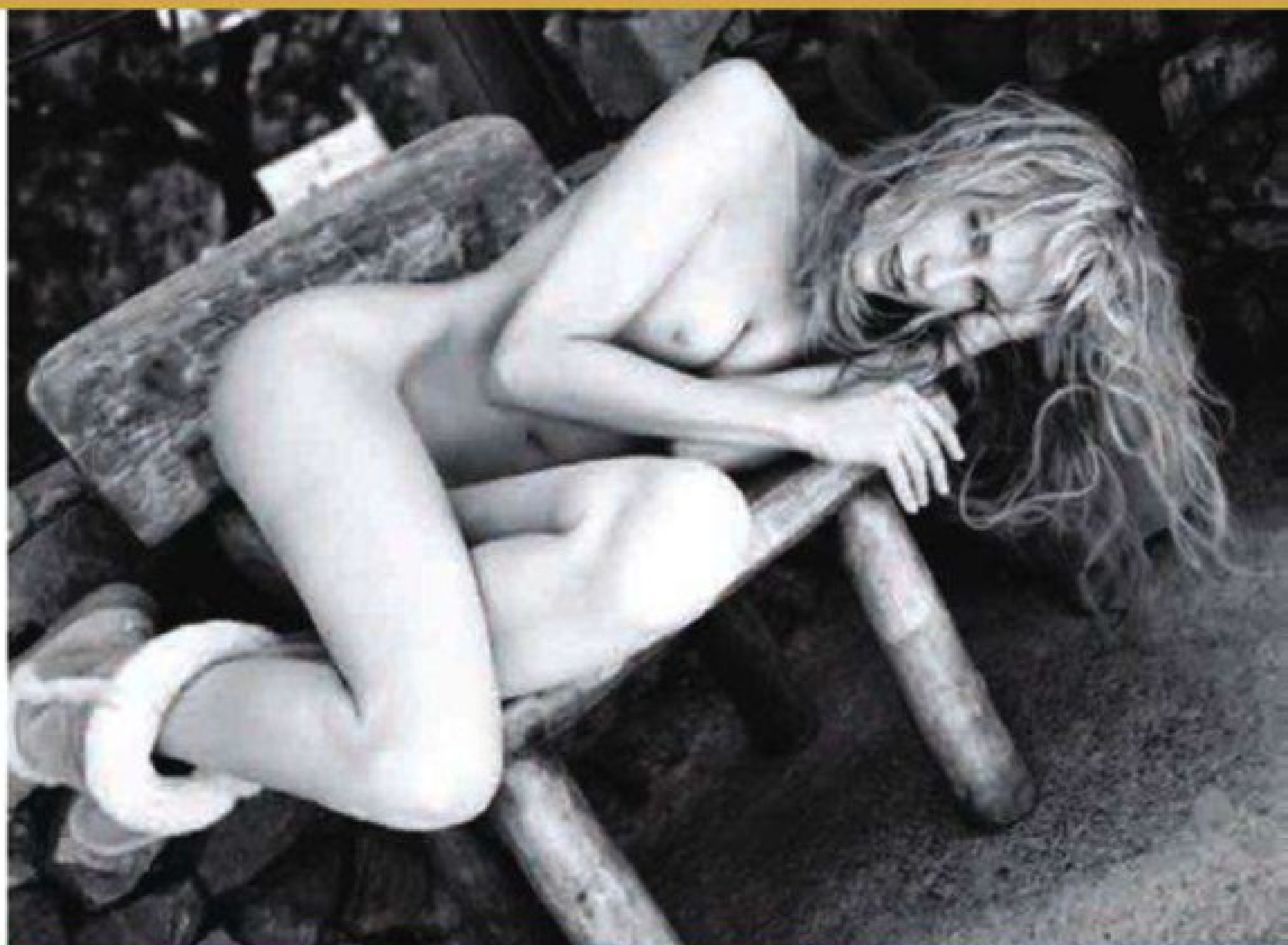


“Não me imagino a viver feliz durante muito tempo com uma só pessoa. Eu mudo muito e as minhas necessidades também”



Final de século

Todas as décadas são pródigas em mulheres sensuais que nos fazem perder a cabeça. Da moda ao cinema, elas arrebatam corações e vivem nos nossos sonhos. Estas são as musas que inspiraram os últimos vinte anos do século XX. Para todos os gostos



Darryl Hannah

A sua beleza não é óbvia, mas jogou sempre a seu favor. O seu ar frio valeu-lhe um papel de humanóide em *Blade Runner* (1982) e de assistente ambiciosa em *Wall Street* (1987). Mais recentemente, foi uma das assassinas de *Kill Bill* (2003). Na vida real foi namorada do falecido John Kennedy Jr. - o filho.

Cindy Crawford

Podíamos dizer que um sinal faz toda a diferença mas estaríamos a ser injustos. Cindy era uma mulher excepcional com uma atitude perante a objectiva que fazia de qualquer momento uma obra de arte. As suas fotos são sempre extraordinárias. Mais tarde, aventurou-se no cinema mas a experiência não correu muito bem.

Brooke Shields

Começou a trabalhar muito nova e, com apenas 13 anos, fez de prostituta em *Menina Bonita* (1978). Mais Tarde veio *Lagoa Azul*, o filme que a consagrou. Não teve outros sucessos de bilheteira mas continuou a trabalhar e em grande forma. Durante alguns anos foi casada com Andre Agassi.





Jamie Lee Curtis

No início, ficou conhecida como a rainha dos filmes de terror por causa dos seus gritos e da sua imponente capacidade pulmonar que destrói qualquer camisola mais justa. Também fez comédia, e voltou a brilhar. Sabia representar, tinha piada e era muito, mas muito sexy.

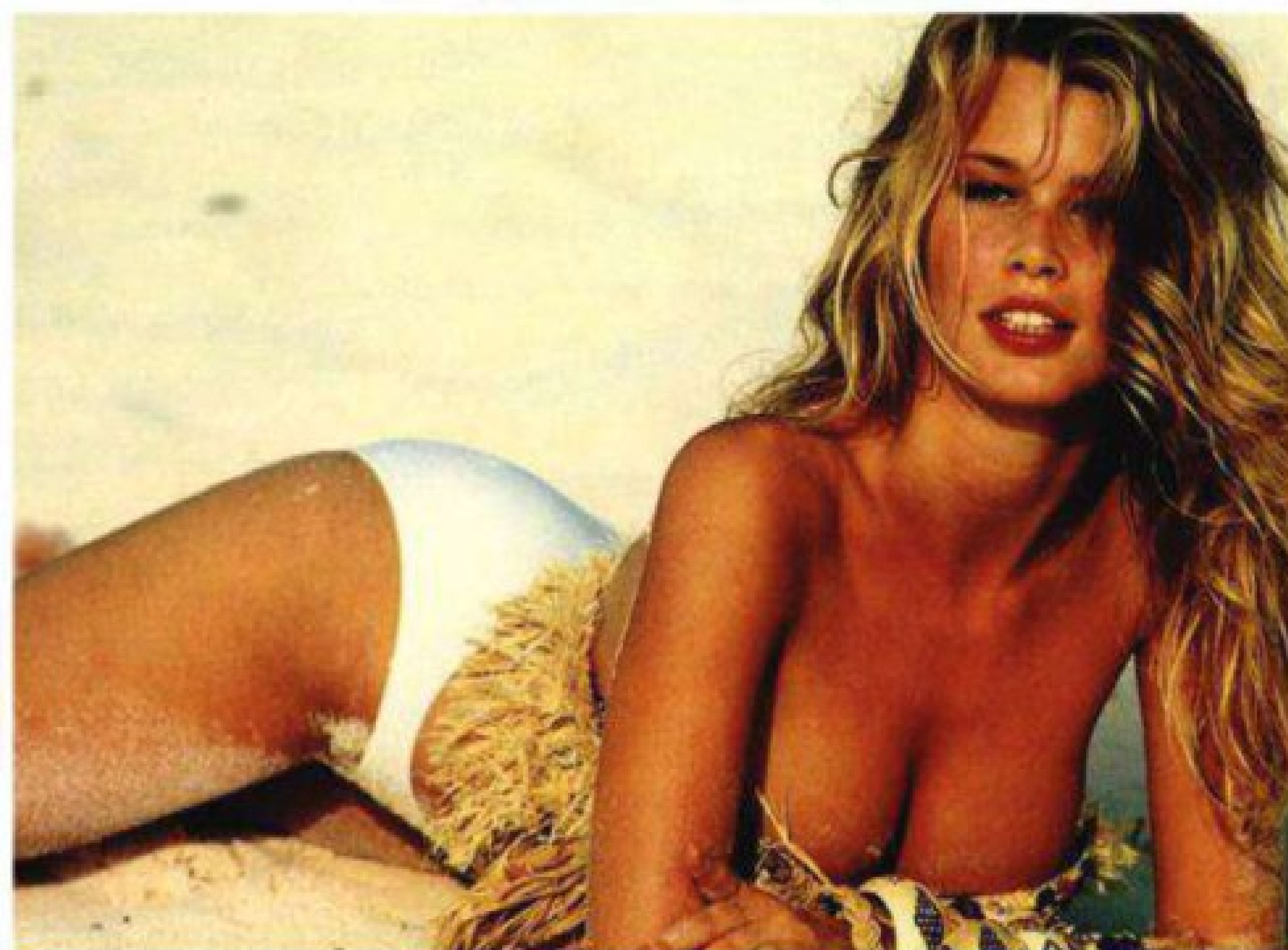
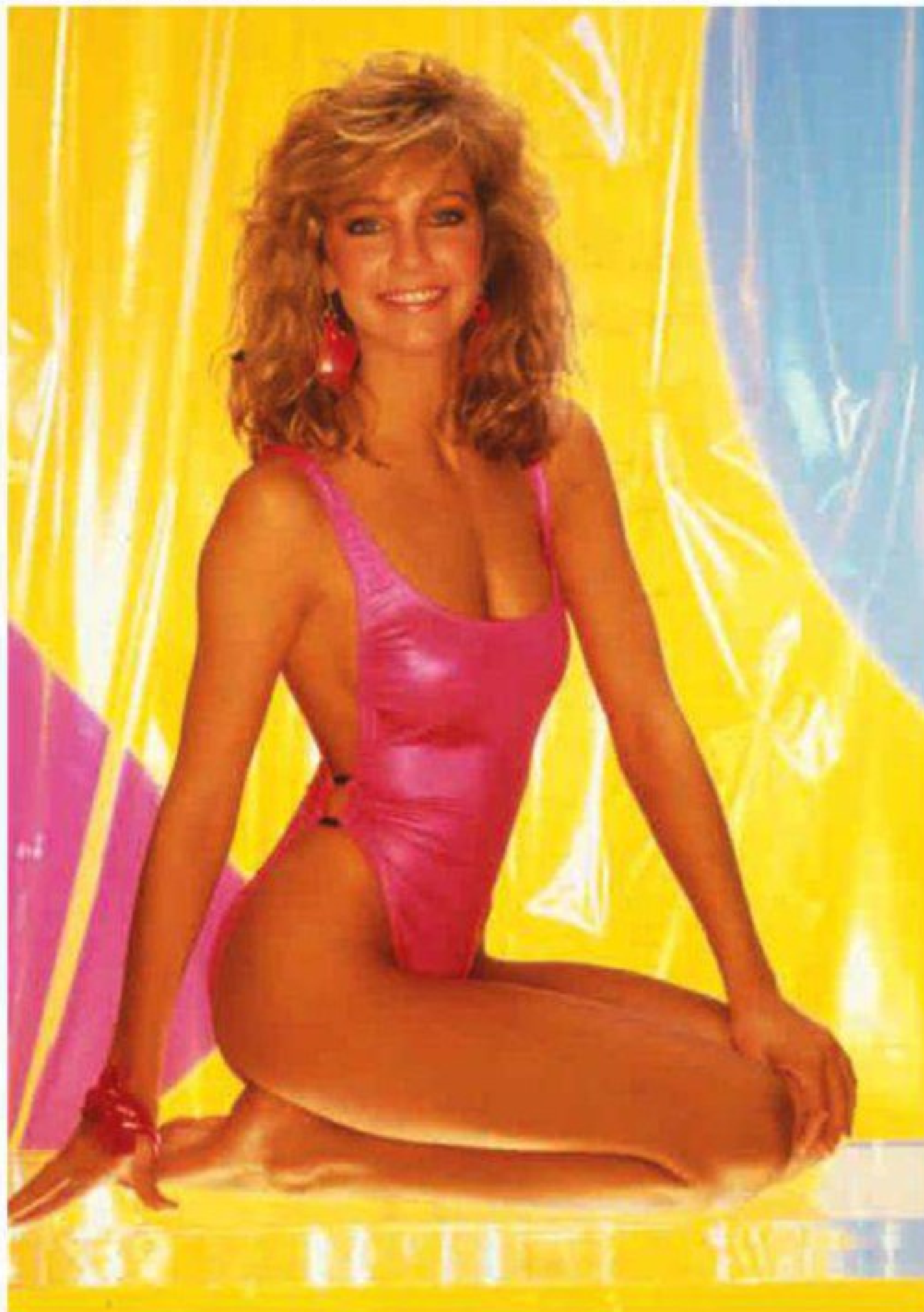
Elle MacPherson

Para que não fiquem dúvidas, começamos por dizer que a alcunha desta senhora era *The Body*. Percebem onde queremos chegar? Esta australiana era simplesmente perfeita e a sua existência servia apenas para nos atormentar. Porque é que Deus só fez uma Elle?



Heather Locklear

Durante algum tempo foi a namoradinha da América. Coincidiu mais ou menos com a série *Dinastia* onde entrou em 1985. A partir daí, a sua carreira oscilou com filmes muito maus, assim como os seus casamentos: Tommy Lee e Richie Sambora.



Claudia Schiffer

Nos anos 90, foi considerada a melhor *top model* do mundo, e a sua popularidade era avassaladora. Não havia ninguém que não conhecesse esta alemã que estava constantemente nas capas de revistas. Chegou a namorar com David Copperfield.

Christy Turlington

A sua beleza clássica faz dela a imagem perfeita do conceito "namorada". Ela era a boazona com aspecto de princesa que se podia apresentar aos pais, ao patrão e a quem aparecesse pela frente. Foi uma das melhores *top models* dos anos 90.



Kathleen Turner



Bastava falar para ficarmos com as pernas dormentes. Não foi à toa que a escolheram para voz da Jessica Rabbit (1988). Mas Kathleen era uma mulher de curvas insinuosas que faziam derrapar. Lembra-se de *Noites Escaldantes* (1981)? Um dos filmes mais sensuais da década.

Demi Moore

Somos da opinião que a idade lhe fez muito bem. Demi Moore sempre teve um corpo de arrasar, mas a atitude ganhou-a com o passar do tempo. Nos anos 90 protagonizou, de rajada, *Proposta Indecente*, *Revelação*, *Adultério*, *Striptease* e *G.I. Jane* e a sua carreira nunca mais parou.



Catherine Bach

Os Três Duques (1979) são uma das séries que marcou a infância de muita gente, mas quem não nos sai mesmo da memória é a prima Daisy Duke. Nunca vimos umas calças de gangas vistas de trás assentarem tão bem numa mulher. Alguém deveria ter-lhe erguido uma estátua.



Helena Christensen

De todas as *top models* da década de 90, ela era a mais interessante e exótica. A sua ascendência dinamarquesa e peruana explicam os seus olhos e traços fascinantes. Vá ao *Youtube* e procure o vídeo de Chris Isaak, *Wicked Game*, e deixem-se perder com a Helena a preto e branco.

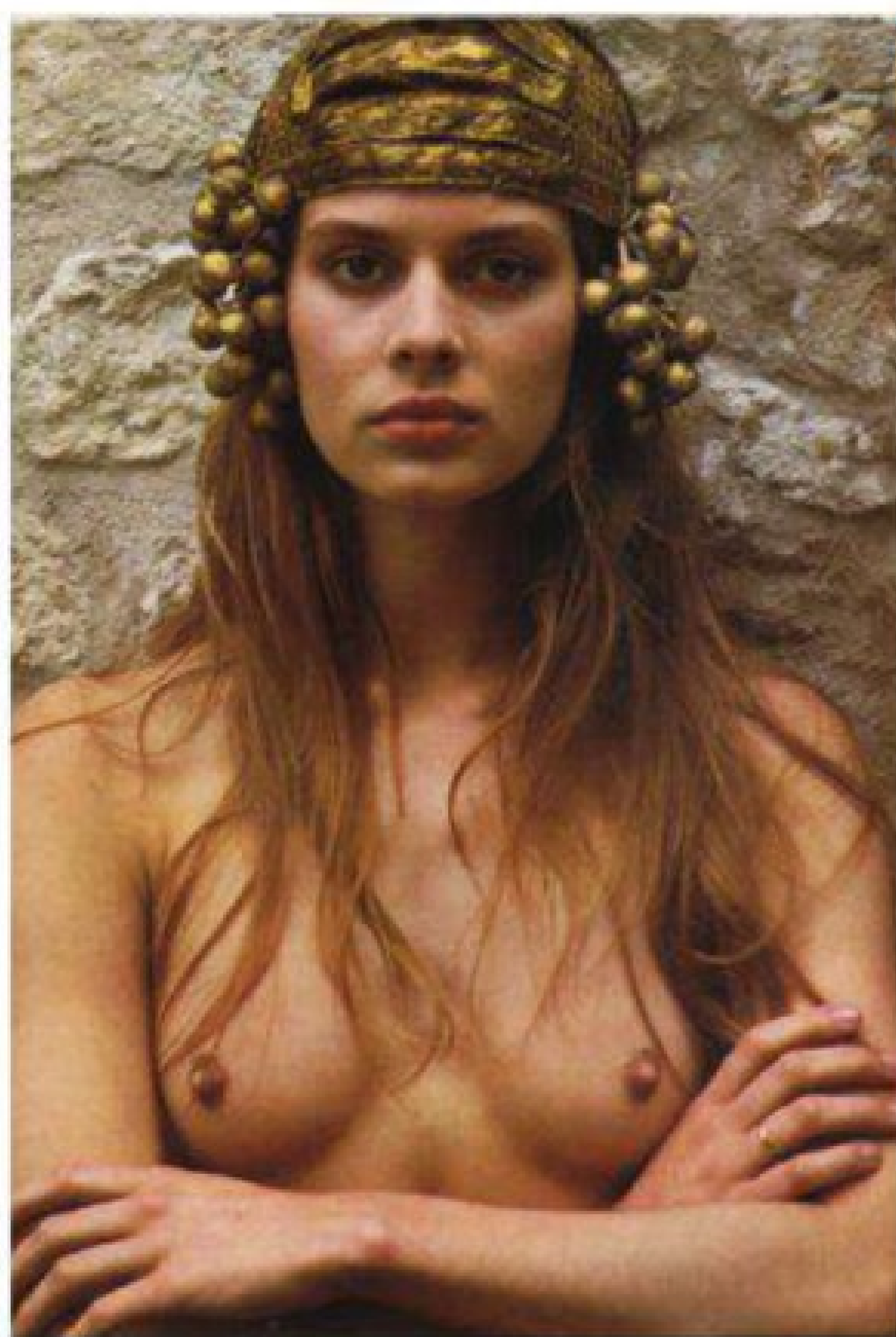


Kelly LeBrock

A foto é a preto e branco, mas Kelly será sempre a *Mulher de Vermelho* (1984) graças ao filme com o mesmo nome. Os seus papéis nunca envolviam muitas falas mas, afinal de contas, também só queríamos vê-la. Depois casou com Steven Seagal que gostava de lhe arrear uns tabefes.

Samantha Fox

É provável que nenhuma mulher tenha feito mais *posters* centrais do que Samantha Fox. Os seus fartos seios eram o seu cartão-de-visita e ainda a transportaram ao mundo da música com *Touch Me*. Hoje é lésbica e vive feliz com a sua companheira.



Jacqueline Bisset

Os seus tempos áureos foram os anos 70, onde chegou a ser considerada pela revista *Newsweek* uma das mais belas actrizes de todos os tempos. E fique a saber que, apesar de ter um nome tipicamente francês, Jacqueline é inglesa.



Naomi Campbell

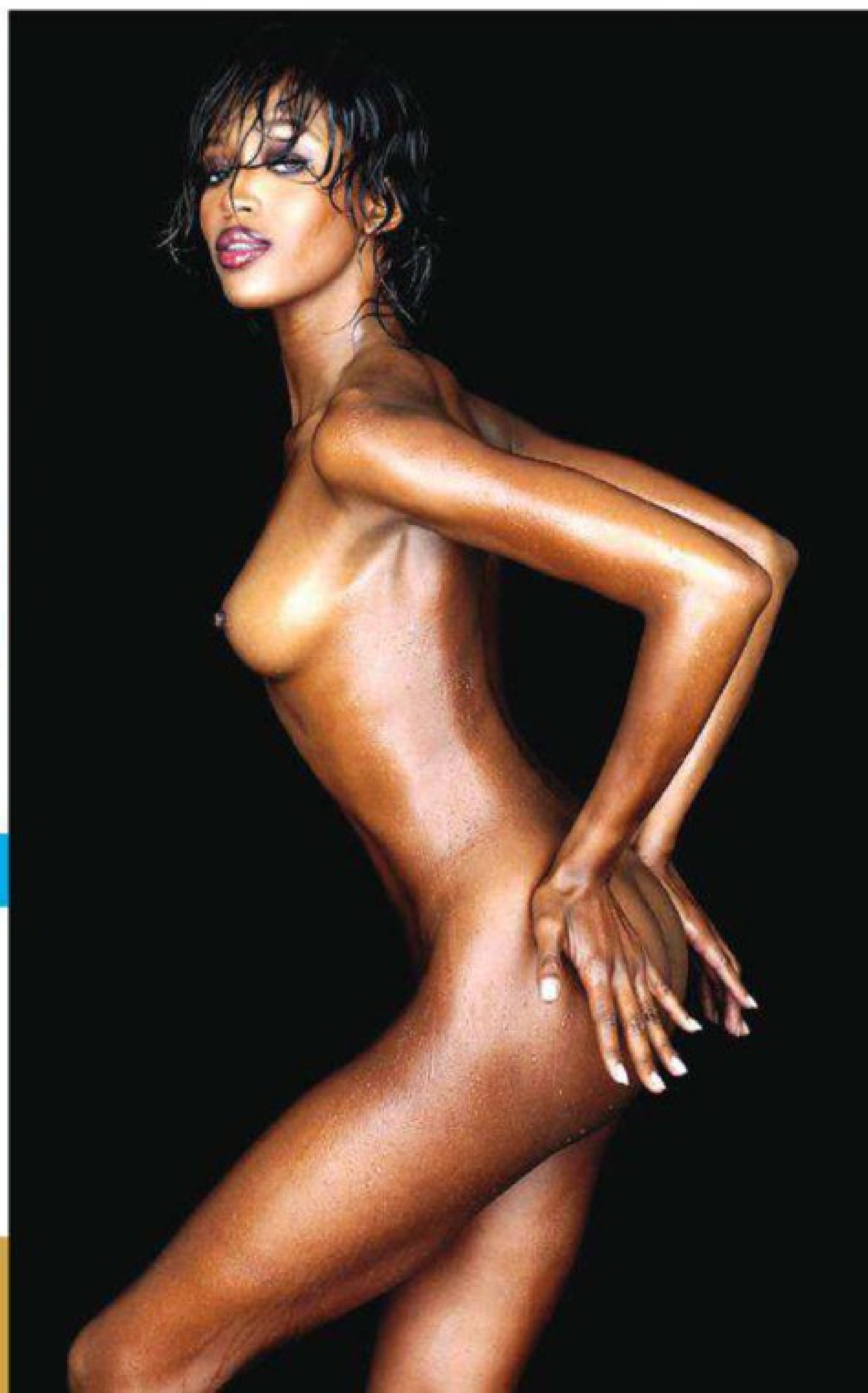
Hoje é mais falada por agredir empregadas e aceitar diamantes de sangue, mas já foi uma das melhores *top models* que as *passerelles* alguma vez conheceram. Nunca uma modelo negra conseguiu tanto êxito, conseguindo repetir capas atrás de capas nas mais prestigiadas revistas.

Nastassja Kinski

Era alemã e um bocadinho para o esquelético. Mas o que lhe faltava em gordura, sobrava em sexualidade. Nastassja era uma mulher que suscitava desejo em qualquer cena onde surgisse. Os seus filmes mais marcantes são *A Felina* (1984), *Os Amantes de Maria* (1986) e *Paris, Texas* (1986).

Carla Bruni

Agora, a senhora Sarkozy é uma figura de Estado em França e adoptou uma postura mais respeitável, mas nem sempre foi assim. Carla correu mais celebridades que o Sócrates inaugurou escolas. Mas é uma mulher *bellissima*.





Sabrina Salerno

Por algum tempo foi oficialmente a rival de Samantha Fox na música. As duas cantavam, as duas tinham argumentos de peso, e igualmente nenhuma teve futuro. Mas confessamos que o verão de 1987 foi mais animado com o vídeo de *Boys, Boys...* onde Sabrina mostrava um mamilo.

Michelle Pfeiffer



A sua carreira dispara em 1983 com o filme *Scarface*, e nunca mais parou. A sua beleza abriu-lhe as portas de bons papéis que soube agarrar com unhas e dentes provando que, além de ter uma cara bonita, também sabia interpretar. Difícil esquecer a sua personagem Catwoman que fez para o filme *Batman*. Miau!

Victoria Principal

O que seria de *Dallas* (1978) sem Victoria? Talvez o mesmo que *Call Girl* sem Soraia Chaves. Comparações à parte, ela era a bomba sexual da série mais popular de sempre da TV, o que atesta a sua popularidade. Na época os homens dariam um braço e uma perna para a conhecer.



Ornella Muti

Nos anos 80 era a italiana de serviço. Representava e bem a sensualidade italiana no cinema, sendo o seu ponto alto o papel de filha do Imperador Ming em *Flash Gordon* (1980). Uma morena baixinha com os dentes da frente afastados e um olhar felino, que aquecia qualquer cena onde entrasse.

Debbie Harry



Ficou conhecida como Blondie, o nome da banda que lhe deu a fama. A banda *punk rock* conheceu assinalável sucesso graças a canções que sobreviveram ao tempo e ainda hoje podemos ouvir na rádio. *Atomic Heart of Glass* ou *Call Me*, os grandes sucessos do final dos anos 70. Hoje Debbie Harry é uma senhora com 66 anos, que ainda é recordada como a mulher mais sexy do *pop rock* inglês.

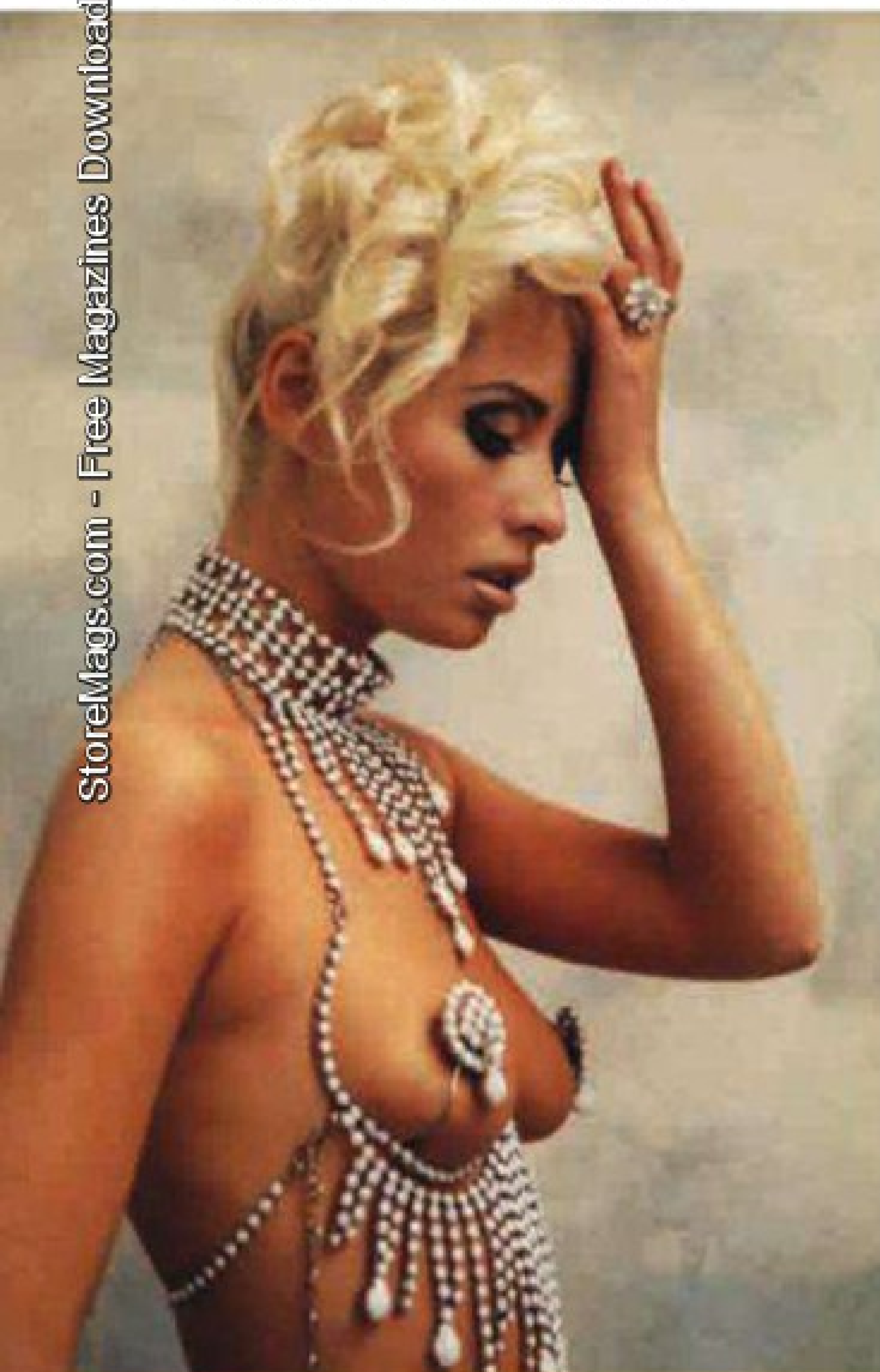
Patsy Kensit

Existem muitos tipos de mulheres bonitas. Patsy Kensit faz parte das charmosas. Tem aquele típico ar inglês que nos faz gaguejar e balbuciar o seu nome. Os seus olhos doces e a sua boca delicada eram a sua imagem de marca. Ela era a vocalista dos *Eighth Wonder* (1988), e mais tarde dedicou-se ao cinema. Ainda foi casada com Liam Gallagher e Jim Kerr.



Wendy James

A sua exposição mediática é comparável a um foguete: subiu alto (1988), mas desceu tão depressa quanto subiu. Era a vocalista dos *Transvision Vamp* e editou três álbuns que não fizeram história. Mas os seus vídeos sim. Wendy era uma explosão de sensualidade.



Susan Sarandon



Ora aqui está uma atriz que nunca recebeu associar-se a projectos em que tivesse de exhibir a sua nudez. Aqui podemos vê-la em *Menina Bonita* (1978), um filme sobre prostituição. E Susan era uma profissional dedicada e competente.

Jennifer Jason-Leigh

Actualmente dirigiu a sua carreira para o cinema independente, mas nos anos 80 e 90 conseguiu algum sucesso em filmes comerciais. Lembramo-nos, em particular,

de *Amor e Sangue* (1985). *Terror na Auto-Estrada* (1986) e o seu *blockbuster* *Jovem Procura Companheira* (1992). Tinha ar de "vizinha do lado", mas em versão sexy.



Cláudia Raia

Uma notável e versátil atriz capaz de fazer comédia ou drama sem qualquer problema e de, pelo caminho, arrebatador corações. As suas pernas altas e esguias, e a sua boca grande e sexy fizeram dela uma das mais mulheres mais sexys do Brasil. Se defeitos tivesse seria a falta de peito.



Sónia Braga

Será para sempre a *Gabriela Cravo e Canela* (1978), mas Sónia Braga é muito mais do que isso. Ela é a sensualidade brasileira em todo o se expoente, característica que utilizou para fazer *A Dama da Lotação* (1978), um filme ousado e polémico mesmo para o Brasil.



Luiza Tomé

Nunca se tornou uma estrela de telenovelas, mas sempre conseguiu bons papéis graças à sua beleza exótica. Com as suas formas bem generosas, Luiza seduziu-nos pela primeira vez em *Tieta* e não mais parou de nos dar a volta à cabeça. É uma brasileira de... chorar por mais.



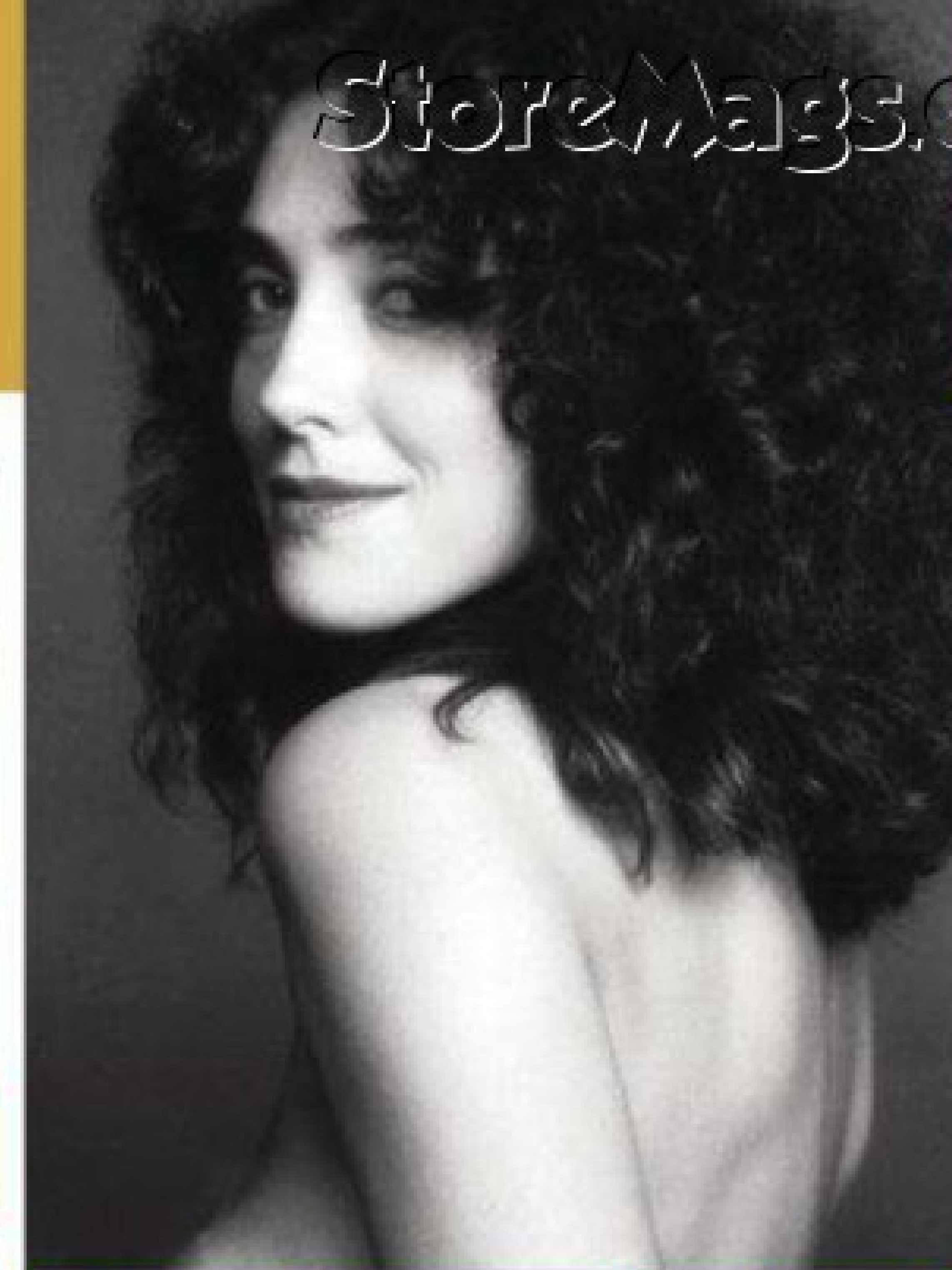
Betty Faria

Mais um caso de uma atriz que ficará colada a uma personagem: *Tieta* (1989) no caso de Betty Faria, ainda que a sua carreira seja constituída por inúmeros papéis principais em filmes e telenovelas. No Brasil é uma diva. Uma diva maravilhosa, como se vê na foto.



Maitê Proença

É uma das brasileiras mais populares em Portugal. Pelos melhores e piores motivos. As portuguesas gostavam dela pelos seus papéis de "boazinha" nas telenovelas onde entrava como figura de cartaz. Já os portugueses passaram a admirar a "boazona" ainda mais depois de a verem nua numa revista brasileira. Recentemente irritou toda a nação lusa com um vídeo gravado em Sintra em que nos ridicularizava forte e feio.



Christiane Torloni

Uma atriz respeitada que vingou em todos os seus projectos, fossem eles cinema, telenovelas ou teatro. Uma mulher carismática que viveu alguns anos em Portugal onde, alegadamente, terá tido uma relação com Pedro Santana Lopes, então secretário de estado da cultura.



Cláudia Ohana

Entre nós ficou conhecida pela participação em *Rainha da Sucata* (1990) e *A Próxima Vítima* (1995), quer pela sua beleza desarmante como pelos seus dotes de atriz. Mas no Brasil ficou famosa ao despir-se para uma revista e revelar o seu avantajado "tapete" na sua intimidade.



VEJA A PENTHOUSE AO PIXEL E A CORES.

ASSINE A EDIÇÃO DIGITAL
E BENEFICIE DA NOSSA
PROMOÇÃO

12 EDIÇÕES €32,80
1 EDIÇÃO €3,30

Aceda à Penthouse em formato digital
em **pt.zinio.com**.

Para aceder à edição digital da Penthouse, siga os passos seguintes:

- 1 - Vá a pt.zinio.com (brevemente em português).
- 2 - Registe-se e crie a sua conta, através do link "register".
- 3 - Pesquise por "Penthouse Portugal".
- 4 - Subscriba a revista por um ano, compre a última edição ou as edições anteriores. Através do link "My Library", tem ainda acesso a todos os seus títulos subscritos no Zinio.

PENTHOUSE PORTUGAL, A PRIMEIRA
PUBLICAÇÃO NACIONAL ACESSÍVEL ATRAVÉS
DO ZINIO, O MAIOR PUBLISHER
DE REVISTAS DO MUNDO.

PENTHOUSE

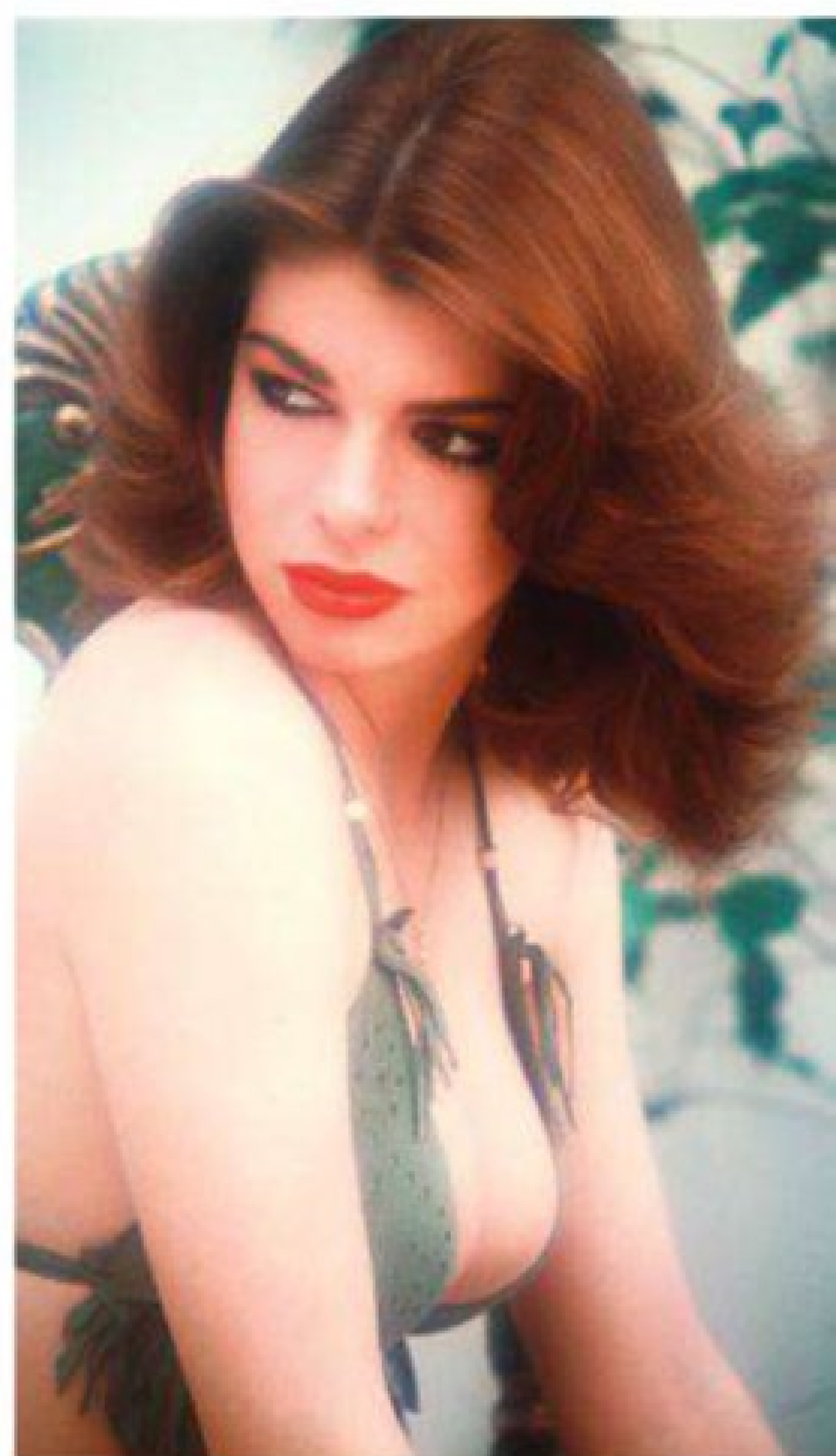


Orgulho canadiano

Nasceu no Canadá e teve honras de primeira página em Setembro de 1982, quando fotografou para a Penthouse americana. Lee Ann Lee é uma mulher selvagem e louca, num fantástico ensaio que rivalizou nesse ano com filmes como *Blade Runner*, *ET*, *Grease* e *Rocky III*

Fotografia: Bob Guccione







A

década de 80 foi um marco na história mundial. As alterações políticas e sociais que se deram, desde a queda de governos e ideologias às mudanças dos paradigmas musical e literário, fizeram desta década uma das de maior realce do século passado. A ajudar a isso, esteve Lee Ann Lee, capa da *Penthouse* em Setembro de 1982. Natural do Canadá, Lee Ann nunca apreciou muito a sua cidade-Natal, Toronto: "a única coisa moderna na minha cidade é a arquitectura. Tudo o resto

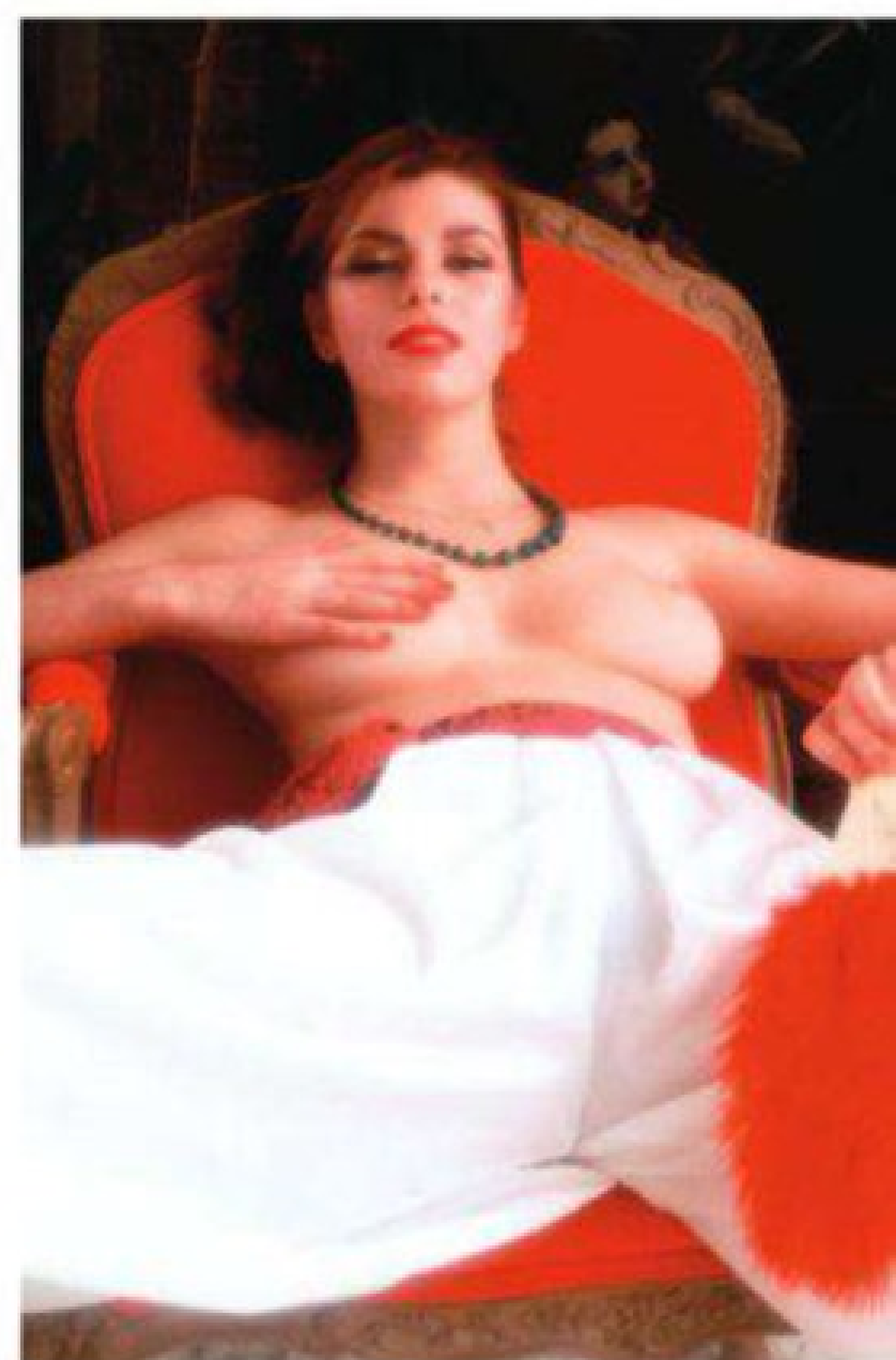
já passou de moda. Uma grande senhora como Margaret Trudeau [*mulher do então primeiro-ministro canadiano*] é ostracizada por ser uma mulher selvagem e louca mas, nos Estados Unidos, Steve Martin fica famoso por ser um homem selvagem e louco". Lee Ann Lee não se conformava com as críticas a Margaret e, para reforçar a sua opinião, decidiu brindar os seus fãs com esta magnífica sessão fotográfica. Uma sessão naturalmente selvagem e louca, e que nós adoramos. ✚

Store/egg.com



“Sou uma espécie de
criança reguila, mas
daquelas adoráveis que
adora ser mimada”









“Ter sido fotografada por Bob Guccione para capa da *Penthouse* foi uma grande honra. Os meus vizinhos é que não acharam muita graça. Para eles, o sexo é algo de mau”



Matto grosso

*Entrou e saiu de moda,
sofreu alterações
e chegou a um ponto
em que, simplesmente,
desapareceu. A história
dos pelos púbicos
que não aparece
em nenhum livro
senão na
Penthouse.
O fim da
floresta
virgem*









L

ongos, encaracolados, em tufo, pintados, ou mesmo completamente rapados, os pelos púbicos andaram de mãos dadas com as alterações que a indústria da moda sofreu nos últimos quarenta anos. Nos anos 70, usavam-se roupas coloridas; nos anos 80, vieram os

cinzentos e pretos; e, antes da chegada do novo milénio, as saias longas e calças largas enchiam os roupeiros de todas as mulheres. Também os pelos púbicos sofreram transformações nessas décadas. Os estilos alteraram-se segundo aquilo que estava na moda e, estranhamente, essa tendência foi iniciada pelas atrizes pornográficas das diferentes épocas. Já agora, o “estranhamente” está aqui colocado porque ninguém admite ver pornografia. Na *Penthouse*, não só gostamos de toda a sétima arte como decidimos fazer um estudo – completamente desprovido de qualquer base científica – da evolução dos pelos púbicos ao longo dos tempos. O chamado serviço público... Perdão, público.

■ A *eramerkin*

Um *merkin* é um conjunto de pelos, muito semelhante a uma peruca, mas para a zona genital, que se tornou popular em 1450 – em Inglaterra e França – quando os piolhos atacavam quase dois terços das cidades e aldeias. Nesse tempo, as mulheres não tinham outra solução senão rapar por completo os pelos púbicos, o que fugia aos padrões de decência da altura. O *merkin* era também muito usado por prostitutas para esconder feridas e doenças

como a sífilis. Os clientes só descobriam uns dias mais tarde, quando começavam a sentir comichão. Quem já não passou por isso?

■ Pornografia vitoriana

Na época vitoriana (séc. XIX), a pouca pornografia disponível era composta por fotografias escuras com mulheres nuas, geralmente de cabelo preto, com pelos, não só lá em baixo como debaixo dos braços. Eram mal iluminadas, não tinham muita – ou quase nenhuma – qualidade, e não eram a coisa mais fácil de encontrar. Comparadas com as actuais, as fotos não eram grande coisa mas, na altura, faziam sucesso nas ruas das principais cidades europeias, onde eram vendidas como se se tratasse de material contrafeito. No resto do mundo, quem queria olhar para uma mulher tinha de casar, ou melhor, ir às meninas.

■ Guerra das *pin-up*

Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados enchiam as paredes das camaratas com *posters* de atrizes americanas como Betty Grable, dando início ao movimento que ficou conhecido como *pin-up*. O problema é que a nudez era ilegal, e essas modelos eram colocadas em poses que escondiam a zona genital (ou certas zonas eram escurecidas para não revelarem nada). Embora muito desse material mostrasse pouca ou nenhuma nudez, era possível encontrar cópias mais explícitas em mercados paralelos e pouco conhecidos. Foi nessa altura que se começaram a notar os primeiros sinais de uns aparos e retoques nos pelos púbicos dessas mulheres. Não muitos, mas sempre foi um passo em frente.

■ A paz dos anos 70

Durante a época de paz e amor – e de muitas, muitas drogas –, a *Penthouse* começou a mostrar mulheres sem qualquer vergonha, e era



“As brasileiras decidiram ter menos trabalho e, simplesmente, cortaram tudo e iniciaram uma tendência”

difícil, ou quase impossível, encontrar uma que não tivesse mais pelos lá em baixo que o Tony Ramos no peito. Ao longo dos anos, foram gradualmente aparando aqui e ali (como a relva do quintal), em cima e em baixo, noutros casos, dos lados. Foi uma altura confusa, porque os homens nunca sabiam o que iriam encontrar quando despissem uma mulher que tinham acabado de conhecer. Não há relatos de queixas, ou de homens que tenham parado ao ver um mato espesso, por isso, não devia ser assim tão mau.

■ O corte dos anos 80

Depois da confusão dos anos 70 e da individualidade expressa nas escolhas feitas abaixo da cintura, a década seguinte trouxe um padrão: sem pelos à volta dos lábios e, por cima, uma panóplia de possibilidades. De simples mato até às mais diversas formas – em coração, estrela, diamante – não faltou imaginação e uma *gillette* afiada para tratar do serviço. E, claro, foi também a década da cera quente.

Começaram a ser comercializadas as primeiras máquinas de cera quente, o que ajudou a extinguir a “penugem”.

■ Anos 90, a vitória do Brasil

Após várias décadas de cortes e recortes, de aparar arestas aqui e ali, as brasileiras decidiram ter menos trabalho e, simplesmente, cortaram tudo. Sem saber, iniciaram uma tendência que só mais tarde se democratizou na Europa. No final dos anos 90, já era difícil encontrar uma mulher com pelos. Pelo meio, e porque tem de haver sempre uma fase de transição, houve a tão famosa “pista de aterragem”, que começou grande e, pouco a pouco, foi ficando tão pequena como a pista do aeroporto da Madeira. Foi a última forma de sobrevivência dos pelos, que acabou por morrer às mãos de esteticistas em salões espalhados pelo mundo. Os pelos púbicos tornaram-se então uma coisa do passado, tão raros como as casas alcatifadas de ponta a ponta. Uma coisa é certa: a moda está sempre a reinventar-se e, volta e meia, surgem pequenos indícios que pode voltar a massificar-se. Na pornografia, por exemplo, a actriz Sasha Grey é conhecida, antes de mais, por ser das poucas com pelos púbicos. Talvez seja o regresso da pilosidade, talvez comece com uma greve das esteticistas, mas, mais cedo ou mais tarde, eles vão voltar. Mantenha a catana por perto. 



StoreMags.com



Conheça parceiros para esta noite!

GET IT ON.COMSM

Encontre a sua cara-metade

Adira grátis!* Visite o site www.getiton.com

GETITON.comSM é um serviço da Various, Inc. Modelo descrita na foto.

*O acesso a algumas áreas requer upgrade para adesão paga.



Brandy mel

Tem nome de bebida e temos ideia que até um monge tibetano era incapaz de resistir um ou dois copos. Uma sessão datada de 1992, ano em que Brandy celebrou com champanhe a coroa de Pet do Ano

Fotografia: Bob Guccione





E

m 1990, Nelson Mandela é libertado após 28 anos de prisão, a *Super Nintendo* é lançada para o mercado e Ayrton Senna recebe o título de bicampeão de Fórmula 1. Todos eles marcos históricos, sem dúvida, mas a aparição da atriz Brandy Ledford na versão americana da Penthouse, marcou o ano. Sob o nome de Jisé, Brandy - na altura com 21 anos [hoje tem 42] - era "uma rapariga que andava constantemente à procura de emoção." Dois anos mais tarde é eleita *Pet* do Ano e começa a dedicar-

se mais à sua carreira de atriz e modelo. E fez ela muito bem. Teve uma pequena participação no filme *Homem Demolidor* e nas séries *Stargate* e *Andromeda*. Esteve ainda nomeada duas vezes para melhor atriz do Canadá. No entanto, é na praia que mais nos lembramos dela. A série de culto *Marés Vivas* catapultou-a (ainda mais) para o mundo do imaginário masculino. Ela que considera (e bem!) o título de *Pet* do Ano como "mais importante do que o de Miss América". 



Release: StoreMags & FantaMag



Brandy acredita na Astrologia e considera-se um exemplo perfeito do seu signo, Aquário. "Sou excêntrica, muito séria e aprecio a beleza do corpo"



Release: StoreMags & FantaMag







“Ter sido eleita Pet
do Ano fez de mim uma
pessoa diferente, mais
- e sedutora. Sinto que
tenho um especial brilho
no meu olhar”



StoreMags.com - Free Magazines Download in True PDF format

AGORA TAMBÉM PODE VER A PENTHOUSE NA INTERNET



AS FOTOS E O VÍDEOS DAS MULHERES MAIS SEXY, COM A GARANTIA

PENTHOUSE
LIFE ON TOP

ligue-se em www.penthouse.pt



12 motivos para ter saudades dos anos 80 (ou não)!

TELEMÓVEIS

Imaginem engatar miúdas na época sem telemóveis. É óbvio que existiam telefones fixos, mas era difícil obter os números e havia sempre o risco de ser a mãe ou o pai a atender. A solução passava muitas vezes por andar às voltas ao quarteirão e esperar que ela passasse e então dizer: "que coincidência encontrar-te aqui..."

POLÍTICA



Agora ninguém se interessa por política mas, antigamente, vibrava-se com os debates na TV. Mário Soares e Álvaro Cunhal eram uma espécie de Benfica-Sporting da argumentação. Ficou para a história a resposta de Cunhal: "olhe que não, Doutor, olhe que não."

DOIS CANAIS DE TELEVISÃO

É fantástico podermos escolher, por entre dezenas de canais, o que vamos ver. Por outro lado, na época víamos todos a mesma coisa, o que facilitava a conversa no dia seguinte onde quer que estivéssemos e com quem quer que fosse. Talvez isto queira dizer que temos de emigrar para Malta ou para a Coreia do Norte.

CINEMA

As saudades que temos de salas de cinema grandes com grandes ecrãs e com intervalos que davam para ir ao bar beber café de saco...

FUTEBOL

Na época, as televisões ainda não mandavam no futebol e era possível ir à bola às 16.00 com sol e calor, e à noite ir jantar fora com os amigos discutir os lances. Hoje, ou jantamos ou vemos futebol. E levamos sempre na cabeça das nossas mulheres.

MP3

Quem queria ouvir música ouvia rádio e comprava discos de vinil, está claro. Se queria ouvir música variada, de acordo com os seus gostos pessoais, ou gravava da rádio e esperava que o locutor não falasse, ou comprava o *HitParade* da estação com os sucessos do momento.



RESTAURANTES

A única *fast food* que podíamos comer era nas *roulottes* e nas tabernas de petiscos. Não havia *Pita Shoarma* nem pizzas, mas boas bifanas cheias de gordura e chouriço assado.

GINÁSIOS

Não era necessário ir ao ginásio porque se andava muito a pé. Queríamos ir à praia? Toca a ir a pé

de Cacilhas a São João de Caparica. Vamos sair à noite? Toca a ir a pé ter com as miúdas e depois novamente a pé para o único bar das redondezas. Na altura, seria impossível haver o *Peso Pesado*.

FESTAS

Não havia. Ou íamos no Verão para a terra dos pais dançar a dita música de aldeia, ou então organizavam-se as próprias festas de garagem. Eram ótimas para conhecer miúdas.

INICIAÇÃO SEXUAL

Se compararmos com os dias de hoje, categoricamente não temos a mínima saudade. Qualquer miúdo de 13 anos tem hoje mais experiência sexual do que nós com 18 na época. É mais fácil o Sócrates e o Passos Coelho irem hoje beber uns copos juntos, do que conseguirmos mais do que uns beijos e uns amassos nos anos 80.

MODA

Não vamos sequer discutir se a moda era melhor ou pior que hoje. Mas a quantidade de tribos que existiam na rua tornavam-na muito mais interessante. Havia os góticos de preto, as que vestiam Ana Salazar e ainda os metálicos. Também não nos podemos esquecer dos surfistas, dos *punks*, dos betinhos, dos *rockabillys*, etc. As ruas de Lisboa e Porto eram uma animação.

CONCERTOS

O extinto Dramático de Cascais, o Pavilhão do Restelo e o Estádio de Alvalade eram os três grandes palcos da altura e contaram com grandes concertos dos *Rolling Stones*, dos *Pink Floyd* ou da Tina Turner. Temos saudades desses tempos em que, particularmente em Alvalade, se assistia a grandes espectáculos. Hoje em dia já não é bem assim. 





Entre nas webcams mais quentes de Portugal!

Veja centenas de mulheres sensuais a despirem-se em directo!

Adira grátis* em **cams.hotgold.pt**



* O acesso a certas funcionalidades requer a passagem de registo gratuito para registo pago.
Cams.comSM é uma marca de Steamray, Inc. Utilizado com a sua permissão. Modelo descrita na foto.

Release: StoreMags & FantaMag

Com os canais Penthouse HD
a alta definição é explícita.



A Penthouse chegou à televisão portuguesa, e chegou em grande.

Com 2 canais, os únicos com programação 100% HD, para não perder nenhum detalhe. Prepare-se para ver as mais belas mulheres do Mundo a mostrar toda a sua sensualidade no Penthouse HD (soft) e a participarem nas cenas mais quentes e sem censura no Penthouse HD1 (hard).

Leve-as da revista para a sua televisão.



Posições 150/ 151
Ligue 16805



vodafone

Posições 165/ 167
Ligue 16912

PENTHOUSE HD
PENTHOUSE HD1

Release: StoreMags & FantaMag